

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITECTURA

Limites e ‘Bordes’ ao Longo do Projecto
— Um Atlas
Luís António da Rocha Moura

M
2017



Luís António da Rocha Moura
Limites e ‘Bordes’ ao Longo do Projecto



M.FAUP 2017

Limites e ‘Bordes’ ao Longo do Projecto
Luís António da Rocha Moura



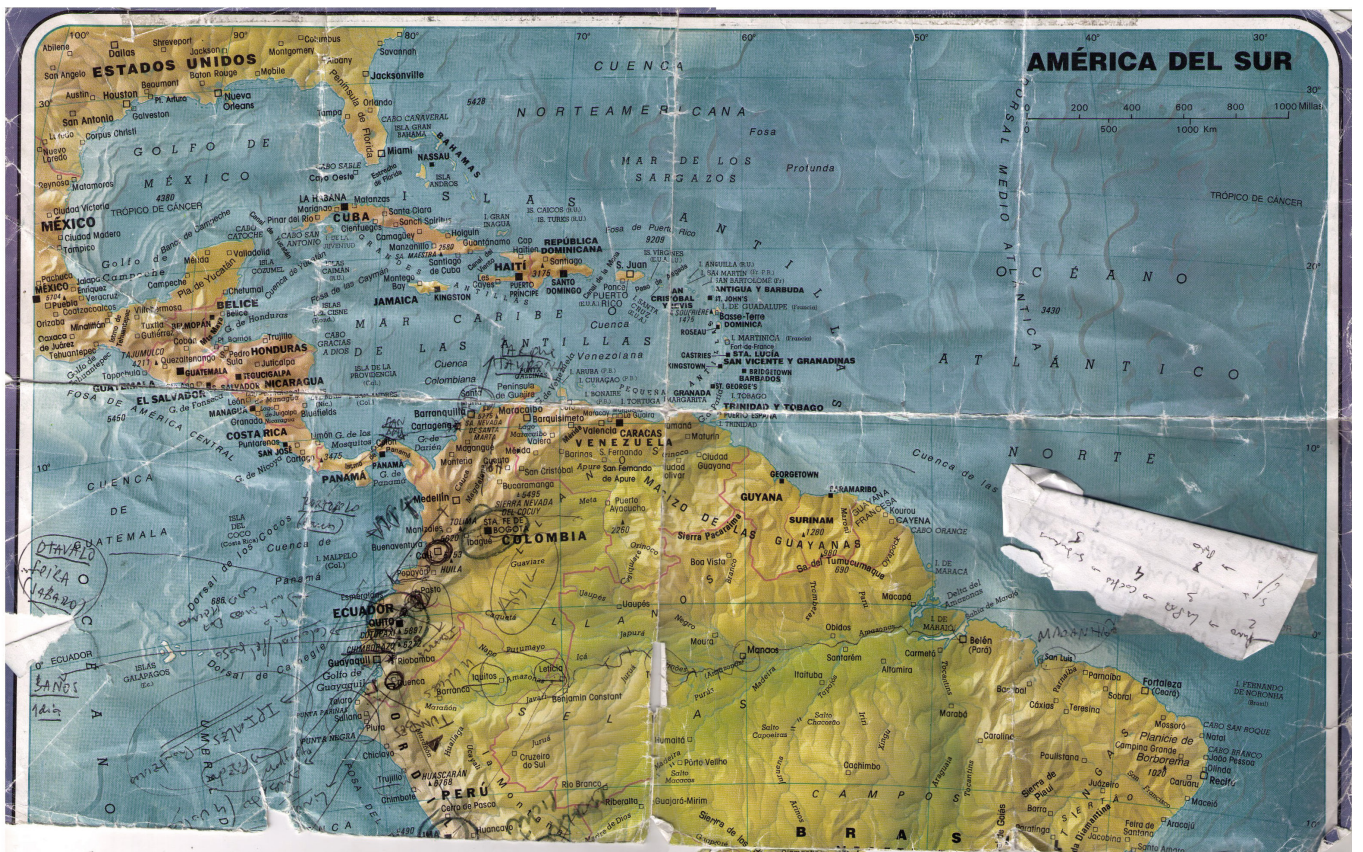
LIMITES E 'BORDES' AO LONGO DO PROJECTO

— UM ATLAS

LUÍS MOURA
PROFESSOR DOUTOR HÉLDER CASAL RIBEIRO

Nota editorial:

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico em vigência desde 2009, por decisão do autor. Os escritos sem assinatura e as fotografias a cores são da autoria do autor, relativos ao período de estadia na América do Sul, entre Julho de 2015 a Setembro de 2016.



Agradecimentos.

ao professor Hélder pelo apoio diligente, obrigado;

a todas as ‘testemunhas de k’nanas’ que fizeram da faculdade o que ela é, obrigado;

a todos os carochos por serem carochos, obrigado;

ao sofá do Pipa e à paciência de todos lá em casa pelas incontáveis noites de guarida, obrigado;

a toda a malta da ESMAE pelas inúmeras noites de boa música;

à Cristiana e ao Paulo Machado, pelo apoio técnico vital, obrigado.

a todos os amigos de Santa Fé, por tornarem um pedaço do outro lado do mundo a minha casa, obrigado;

à Pecos por ter sido a minha irmã mais velha em Santa Fe, obrigado.

ao César Carli, um autêntico mestre, obrigado;

ao Hugo Biancari, Omar, Rolando, e todo o grupo da Escuela de los Grandes Espejos, por não desistirem do mundo, obrigado;

à Milagros, a quem não ficou nada por dizer, mas para quem mesmo o dobro não chegava, obrigado;

ao Andrés e todo o grupo de Buenos Aires, pela oportunidade concedida, e pela amizade, obrigado;

a todos os amigos que me acolheram pelo Brasil fora, obrigado;

à Irene, por me mostrar que o mundo é do tamanho que fizemos dele, e que pensar livremente ainda é o maior acto de coragem, obrigado;

ao Seabra, ao Berto, ao Castro, ao Machado, ao Flores e a todos os amigos que não escolhemos, mas que escolheríamos se a oportunidade nos fosse agora dada, obrigado;

à minha família, por ser família, obrigado;

à minha irmã João pela ajuda contínua, obrigado;

à minha irmã Isabel, obrigado;

à minha mãe, por tudo, obrigado.

**Mãe, cada palavra que me ensinaste repete
mil vezes o teu nome.**

José Luís Peixoto. A Casa.

Resumo.

Limites e 'bordes' ao longo do Projecto – um Atlas visa a reflexão sobre o processo de projecto em Arquitectura, na intersecção com o contexto sócio-cultural e geo-económico que o informa.

Convocam-se três episódios de projecto desenvolvidos em travessia sobre território sul-americano (desencadeados pela mobilidade académica *Academic Mobility for Inclusive Development of Latin America – AMIDILA*), entendidos como representativos de actuação diversificada: *investigação, atelier e voluntariado*.

Sobre este referencial procura-se problematizar os significados de que se revestem as diversas estâncias desta jornada, encarando o momento da dissertação como oportunidade para se apontar uma rota, um discurso – *um atlas de ideias* – para uma prática artística abrangente, e com sentido nos temas que evoca.

Abstract.

Alongside Project's limits and 'bordes' – an Atlas, aims to reflect on the project's process of Architecture, in its intersection between the socio-cultural and geo-economical context which it informs.

Three project events will be referenced, developed under South-American territory (triggered by the *Academic Mobility for Inclusive Development of Latin America – AMIDILA*), are summed up, for being considered representative of an extended proceeding: *research, atelier, and volunteering*.

Upon this frame we will seek to question the signifiers that cover the events throughout the journey, facing the thesis as an opportunity to point out a route, a discourse – an atlas of ideas – in an effort to reach a broad artistic practice, with meaning on the motifs chosen.

Resumen.

Limites y 'bordes' a lo largo del Proyecto – un atlas de ideas, apunta profundizar la reflexión sobre temas relativos al proceso de proyecto en Arquitectura, en relación con el contexto socio-cultural y geoeconómico que lo informa.

Se citan tres episodios de proyectos desarrollados en la travesía sobre el territorio Sud-Americano (desencadenados por la *Movilidad Académica para el Desarrollo Inclusivo en América Latina – AMI-DILA*), por ser entendido como representativos de una actuación diversificada: investigación, atelier y voluntariado.

Sobre este referencial se busca problematizar los significados que componen las varias estancias de esta jornada, aceptando el momento de disertación como una oportunidad para que se apunte un camino, un discurso – un atlas de ideas – para una práctica artística amplia, con sentido en los temas que evoca.

Sumário.

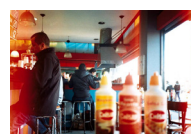
Santa Fé de La Vera Cruz, Argentina
Julho a Dezembro de 2015



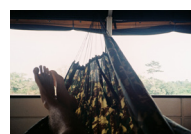
Buenos Aires, Argentina
Março a Agosto de 2016



Buenos Aires, Argentina
Março a Agosto de 2016



Argentina, Uruguai, Bolívia, Perú, Brasil, Colômbia
Janeiro a Março 2016/ Agosto a Setembro de 2016



Agradecimentos	2
Resumo/Abstract/Resumen	5
Nota prévia	12 Mesa de trabalho: distâncias
Introdução	19 Ao longo de limites: Arquitectura
1. Escola.	29 Escuela de los Grandes Espejos
Escuela de los Grandes Espejos	29 Relatores e Exploradores
	30 A Casa opressiva
	32 O quotidiano problematizado
	36 O imprevisível como conceito operativo
	40 Regionalismo Prospectivo
	42 O dispositivo possibilitador: 'esclusas'
	46 Casa Litoral (uma síntese)
	51 Casas del Cambio: o limite reinterpretado
	57 Três propostas de autor:
	59 i. Indeterminação
	61 ii. Incrementação
	63 iii. Fragmentação
	68 Uma experiência pedagógica
	71 Por uma Arquitectura de limites variáveis
2. Laboratório.	80 Andrés Remy Arqt's
Andrés Remy Architectos	80 Abu Dhabi Tower: a encomenda
	88 Da folha em branco: inícios
	92 O sítio possível e as possibilidades de um sítio
	95 Mestres e Obras: referências
	103 O programa interpretado
	104 Cliente e negociação
	111 Primeira síntese: a 'ordem'
	112 Da ideia de tipologia
	115 Dos limites exteriores
	118 O desenho como disciplina
3. Cidade.	127 A cidade como educação
Taller Libre de Proyecto Social	130 Realidade: o assentamento informal
	131 O terreno: 'Villa 31'
	136 A luta por um lugar
	137 Pessoas e valor
	138 Pessoas e leis
	144 Pessoas e Pontes
	148 Arquitectura e colaboração: Utensílios e 'Inutensílios'
A bagagem do viajante.	162 O lugar da ideologia
	163 O lugar das ideias
	165 O lugar da ideologia
	167 O lugar da poesia
Bibliografia/Webgrafia.	170



The task of Art is to prepare for the
encounter with the present time.

Siegfried Giedion. Escritos escogidos.

An artist's duty, as far as I'm
concerned, is to reflect the times.
I think that is true of painters,
sculptors, poets, musicians (...)

Nina Simone. Great Performances.

Nota prévia.

Mesa de trabalho: distâncias

Tempo presente; como reconhecê-lo em plenitude? Talvez começando pelo óbvio, recuperando o *tempo longo* que informa a nossa memória colectiva – o *tempo dos nossos bisavós*. Mas para os meus e tantos outros, mesmo esse tempo começou com pelo menos catorze anos de atraso, quando uma primeira guerra mundial mecanizada cavou o fosso de desencanto que provocou o primeiro grande distanciamento entre o real e a forma de expressá-lo: para quê ocupar-nos da realidade se a máquina fotográfica a copia na perfeição?

Esse mesmo instrumento afirmava um novo capítulo no pensamento moderno, quando a 29 de maio de 1919, fotografias de um eclipse solar tiradas na Ilha do Príncipe, na África Ocidental, e em Sobral, no Brasil, confirmaram a verdade na nova teoria do universo. O Tempo relativizou-se, abalando as bases do conhecimento: Artes mais científicas, ciências mais artísticas, num período de higienização bélica dos impérios mundiais.

Da epicidade caótica do quotidiano, Bertolt Brecht molda o teatro moderno, onde acção e poesia se fundem como catalisador crítico da realidade: *Should we speak in everyday language?*

Massa, energia, início e morte fundem-se igualmente às 8h15 numa manhã em Hiroshima, elevando para sempre a fasquia dos meios de luta de homem contra o homem. Dos vidros da destruição construiu-se uma outra coisa, que equilibrando o mundo em dois pratos fixou a bússola entre este e oeste – poder-se-ia dizer –, não fosse a pequena ilha que Fidel Castro e suas tropas reivindicaram, abrindo um novo capítulo no subcontinente de veias abertas por centenas de anos de expropriação cultural e material.

Da oposição entre opressores e oprimidos, de guerras já sem vencedores ou vencidos se reveste a poesia, que através da música ao longo das décadas de 60 e 70, do *guetto* à tropicália se ocupa de verbalizar a realidade, numa pergunta sintetizada por Mavin Gaye: *what's going on?*

E o que se passava não passava na televisão; em Portugal muito menos. Se em 1975 o meu pai aguardava fardado por instruções, a minha mãe só viria a saber dois dias depois que ‘alguma coisa se tinha passado em Lisboa’.

E passou-se, deveras, antecipando outras tantas, numa época em que *o que era para sempre começava a deixar de o ser*. Chega 1989, bem a tempo de que a minha irmã mais velha visse *o muro* a ser derrubado, já na televisão a cores. Era tempo de União.

Do início do fim das teorias globalizantes inventa-se a globalização, disseminou-se o computador, esqueceram-se as fábricas e recolocaram-se os trabalhadores, que já não ocupam os versos das canções. Às lutas de classe sobrepuseram-se as das minorias – cada vez mais numerosas – e afinal, para quem chegou entretanto, aquele muro era só mais um, e o todo que a globalização prometia era apenas a soma de um maior número de partes, onde a liberdade de informação foi traída pelo conforto de só se falar com quem fala connosco. *Admirável mundo novo*.

Swing, bebop, hip-hop, e tudo o pop levou numa altura em que as letras de música reflectem o esvaziamento do sentido crítico. Como a que Cole Porter havia escrito em 1934 recuperada pela voz de Lady Gaga em 2014. Mas nesta reciclagem, como em tantas outras, fica só a batida; esvaziam-se as letras e subtrai-se o conteúdo crítico: *Anything goes*, naturalmente.

Com o advento do capitalismo vem também o esvaziamento do poder político, hoje refém de entidades sem ideologia, incapaz de contrariar a crescente desigualdade, de agir perante as vagas de refugiados, a gentrificação das cidades provocada pela especulação imobiliária, e a sombra da extinção imposta pela crise ambiental, essa nada abstracta. No balanço entre extremos, da mistura entre as velhas lutas de classe e das minorias resulta a contemporânea *luta por um lugar*.

Quando em 2016 morre Fidel Castro torna-se claro que já a história deu uma volta completa, mas não exactamente ao mesmo tempo, nem pelo mesmo caminho. Como trabalhar sobre um mundo globalizado que só não foi incapaz de cumprir a promessa de prosperidade e paz como relembrou o pesadelo de uma guerra atómica?

In der mitte aller ferne steht
ein Haus, darum habe ich es gerne.

No de centro de toda a distância
está a casa; por isso me apraz.

Hermann Broch. Gedichte.

Ponta do Gravatá, Praia Mole
Florianópolis, Brasil
Fevereiro 2016







Estación del Retiro,
Buenos Aires
Novembro 2015



Guarda do Embaú,
Santa Catarina, Brasil.
Fevereiro 2016

**Of a terrain I see only the swamps, of
their depth I see only the surface, of a
situation I see only its manifestations,
of these I see only a reflection, and
even of that I see only the outlines.**

Karl Kraus. In These great Times.

**Viver é super difícil o mais fundo está
sempre na superfície**

Paulo Leminski. Toda poesia.

Introdução.

Ao longo de limites, Architectura

Quando em 1952 o virtuoso David Tudor se sentou ao piano para interpretar 4 minutos e 33 segundos de silêncio, da autoria de John Cage¹, protagonizou-se um daqueles momentos de confronto entre o significado do conteúdo e os contornos da sua manifestação. O compositor ‘nada compõe’; o intérprete ‘nada toca’, deixando neste intervalo a pergunta de quando a música *é* e deixa de o *ser*, distendendo o caminho crítico aberto anos antes por Malevich e Duchamp.

De facto, são estas manifestações de posicionamento extremado que oferecem a oportunidade de ler, com particular acuidade, *o estado das coisas*. Isto é, através da análise das suas características somos confrontados com *os limites* da sua materialidade.

Admitindo que todos os campos de conhecimento procuram adoptar os instrumentos que melhor sintetizam os propósitos do seu discurso, também na Architectura será possível identificar certos argumentos que melhor nos informam sobre o *estado da(s) arquitetura(s)*. Não faltarão exemplos de edifícios construídos sem textos ou desenhos; mas existirá Architectura sem textos nem desenhos? Isto é, sem reflexão passível de ser traduzida por meios imateriais?

Indagar sobre os processos em arquitetura implicará saber reconhecer o espectro das suas manifestações; e esse é limitado.² O panorama contemporâneo tem forçado o estreitamento do espaço de intervenção do profissional de arquitetura, progressivamente sugerindo a inevitabilidade de uma escolha profissional entre uma de duas frentes antagónicas de actuação: a primeira, ambiciosamente abrangente, reclamando todas as questões do plano social, cultural, político e económico; a segunda, concentrando os seus esforços no uso da técnica e caracterização da forma. Mas trata-se de escolher uma sobre a outra? Perante um cenário de correntes contrárias, como marcar linhas de posição?

Todas estas inquietações – e outras tantas – marcam presença no trabalho que atenta sobre o período entre Junho de 2015 e Setembro de 2016, de estadia sobre território sul-americano, impulsionada pela bolsa de estudos de *Mobilidade Académica para o Desenvol-*

1 Referência à peça 4'33" escrita por John Cage, entre 1947 e 1948.

2 ‘The question architecture can pose are limited.’ in CHIPPERFIELD, David; ‘Theoretical practice’; introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994 (p.17).

vimento Sustentável da América Latina. Ao longo das várias estâncias desta jornada foram-se colocando sobre a mesa interrogações diversas, questionando a relação entre a disciplina da arquitectura e o mundo, o profissional e a sociedade, enfim, entre a pessoa e a vida.

Afirmando a sequência cronológica, são convocados três momentos – *representando casos-limite* – sobre os quais se reconhecem problemáticas representativas do espectro mais alargado da disciplina da Arquitectura. Trata-se aqui de colocar sobre a calma do papel, cosendo a diferentes escalas e aproximações, por complementaridade, contraste e comparação, os vários significados que delimitam a experiência, para uma análise sobre o processo de projecto em Arquitectura e o contexto socio-político e geo-cultural que o informa.

Dos cinco meses iniciais com a *Escuela de los Grandes Espejos*, em Santa Fé, Argentina: a *investigação*; dos cinco meses posteriores de colaboração com *Andrés Remy arquitectos*, em Buenos Aires – o exercício profissional no contexto de *atelier*; do período coincidente de voluntariado no *Barrio Carlos Mugica*, Buenos Aires, o contacto com a participação popular. *Escola*, *Laboratório*, *Cidade*, portanto, como tríptico estruturador desta abordagem, tendo como denominador comum o tema da Habitação.

Em *Escola*, o reconhecimento dos motivos para o desajuste entre a Arquitectura e o plano da realidade, identificando a necessidade de reaproximação pela construção de uma atitude crítica assente na heterogeneidade do quotidiano. Em *Laboratório*, o confronto com o exercício profissional assente na encomenda privada, apontada pela anterior como a causa do distanciamento entre a prática e as pessoas, para uma reflexão sobre os instrumentos de projecto na relação com as regras do mercado imobiliário. Em *Cidade*, o contacto contrastante com a realidade de escassez, onde se aponta a importância de uma estrutura de experiência assente no contacto com a cidade como informante directo, remetendo para o alargamento do campo de intervenção do profissional de arquitectura.

Finalmente é através da metáfora da *bagagem do viajante* que se arrumam as ideias consideradas relevantes para a construção de uma atitude operativa perante a disciplina e o ofício da Arquitectura.

Informando esta reflexão vão todas as paisagens e conversas que os quatro meses de travessia pela Argentina, Uruguai, Bolívia, Perú, Brasil e Colômbia proporcionaram aos quais, no regresso, se fizeram somar de autores capazes de afinar o tom para uma interpretação acertada da(s) realidade(s) em causa.

Privilegiaram-se os autores e escritos que se ocuparam do estudo das peças que compõe o processo de projecto em arquitectura na intersecção com o contexto onde intervém. Destes, destacam-se César Carli e Fernando Távora, David Chipperfield e Giorgio Grassi, John Turner e Richard Hatch posicionando-se ao longo dos três capítulos principais. Ao redor destes outros tantos capazes de esclarecer e sintetizar as problemáticas convocadas, para além da particularidade dos casos de estudo.

Esta reflexão não se pretende posicionar, portanto, no sentido da validação ou, menos ainda, da justificação retrospectiva das decisões tomadas; a realidade sempre se ocupa dessa função. Pelo contrário, integram-se os casos de estudo, que as imagens suportam, como referentes empíricos para uma reflexão *distanciada* – no duplo sentido da palavra – que, ao contrário do valor das ideias, procura analisar o processo de *como se chega às ideias*.

Certamente revelar-se-á infrutífera qualquer tentativa por se encontrar pleno sentido em alguma definição sobre Arquitectura. No exercício de *tactear límites* em arquitectura ter-se-á que aceitar que dela estaremos provavelmente trabalhando apenas sobre uma parte.

Não se ignoram, desta forma, os riscos de uma incursão temática simultaneamente tão abrangente nos temas e tão particular na abordagem. No entanto, é a urgência em estruturar as ideias que acompanharam o autor durante a longa jornada do curso de arquitectura – que os catorze meses na América-do-sul simbolicamente sintetizam – que impulsiona a convicção de que os temas, pela sua pertinência, encontrarão sentido para além deste momento específico. Ao invés da invenção de *um porto seguro*, a reunião de ferramentas para *navegação futura*.





El sol se enseñoraba aquella tarde
acariciando el ramaje de los talas
y surcaban el cielo lentamente
cual rebaño de ovejas nubes blancas.

Si, todo estaba allí para mi gozo
un arroyito serpenteando entre las matas
hasta el tenue piar de los pichones,
con su breve vuelo entre las ramas.

Y yo formando parte de ese entorno
a la orilla del silencio me encontraba
alimentando de paisajes mis sentidos.
Si todo estaba allí, ¿Qué mas necesitaba?

Andrés Schmets, poeta popular argentino. A orillas del silencio.

Margem do rio Paraná.
Paraná, Argentina, Dezembro 2015

1. ESCOLA

ESCUELA DE LOS GRANDES ESPEJOS





(...) se se defende que a arquitectura cria circunstância, nos factores que com ela implicam 'não se pode colocar numa posição de vítima mas deverá agir para melhorar essa circunstância'. (...) 'trata-se de saber que parte da circunstância haverá que seguir e que porção haverá que esquecer ou mesmo contrariar'.

Fernando Távora. Da Organização do Espaço.

Se o Homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente.

Marx e Engels. A Sagrada Família.

Escuela de los Grandes Espejos

O mês de Julho de 2015 concedeu a oportunidade de cruzar o oceano Atlântico ao abrigo da bolsa de estudos *Academic Mobility for Inclusive Development of Latin America*¹.

No país de destino - Argentina - o sistema de Ensino em muito difere do português. Se, por um lado, o Ensino é (por direito constitucional) livre e totalmente gratuito, a elevada quantidade de alunos dificulta o progresso sustentado da infraestrutura pedagógica.

Entre vantagens e desvantagens, a Faculdade que me foi atribuída - *Facultad de Arquitectura, Universidad Nacional del Litoral* - na cidade de *Santa Fe de la Vera Cruz*, contribuiu para o aprofundamento do estudo da Arquitectura, e em particular sobre o tema da Habitação, a partir da disciplina *Arquitectura en Contextos Regionales*.

Partindo das propostas do fundador da mesma Faculdade - Arqto César Luis Carli - esta disciplina, inserida como optativa no curso de Arquitectura, opera como plataforma de acesso ao grupo de investigação promovido pelo mesmo, denominado de '*Escuela de los Grandes Espejos*'.²

Reflectindo sobre a relação entre uma sociedade em mudança e o avanço da tecnologia na intersecção com os modos de viver, promovia-se, a partir do grupo, um juízo crítico - multidisciplinar³ - para a formulação de instrumentos alternativos para imaginar a Arquitectura. A construção de uma síntese propositiva para uma *arte de projectar* assente nas dinâmicas contemporâneas, capaz de encontrar sentido regional e universal, na resposta às necessidades quotidianas das pessoas.

Relatores e Exploradores

A estratégia pedagógica do grupo de investigação antecipa o carácter de abordagem alternativo aos temas da arquitectura. A ideia de *relatores e exploradores* surge como asserção crítica à metodologia de ensino corrente em Arquitectura, concretamente no exercício da Habitação, demasiado permissivo - diríamos nós - a soluções assentes em modelos programáticos tendencialmente obsoletos. Se '*explorador*' pressupõe um cepticismo científico na abordagem ao objecto de estudo, '*relator*' alivia o peso hierárquico que o título de '*professor*' por vezes concentra, no contexto académico, sugerindo que, desde que a arquitectura seja pensada a partir o '*vulgar*', todo o

i. 'Espelhos de água',
Santa Fe, Argentina, Dezembro 2015

1 AMIDILA, is an Erasmus Mundus Action 2 mobility scheme for students, scholars and academic staff from Central and Latin American and European universities under the framework of inclusive development. Disponível em: <http://www.unibo.it/amidila/en>

2 O nome do grupo faz referência aos espelhos de água que caracterizam a cidade de Santa Fé, alimentados pelos rios *Paraná* e *Salado*.

3 Estudantes de outras áreas disciplinares, constructores, astrónomos, matemáticos convidados, etc.

ser pensante está equipado para enfrentar a questão em colaboração horizontal e transversal, como parecia sugerir Fernando Távora em 1962:

*Educação que não pode ser entendida como ‘imposição de conceitos’ mas antes como troca, pela qual se poderão entender e interpretar as necessidades culturais e sociais, o modo como a arquitectura se pode adaptar às pessoas, aos sítios, às tecnologias e, do mesmo golpe, agir sobre elas tendo em conta os seus desejos e vontades.*⁴

Aplicar-se-á neste contexto a máxima de que para haver excepção é necessária a regra. Isto é, não era entendido este método pedagógico como a solução para o *academismo* na Academia. Aponta, no entanto, um caminho complementar que se entende não dever ser ignorado, sob pena de se alimentar por demasia um desajuste entre a abstracção dos temas – sempre necessária – e o plano onde vida se desenrola.

A estratégia do grupo de investigação consistia inicialmente em pensar a Arquitectura, e em particular a Habitação, a partir da experiência social e sensorial oferecida pelo quotidiano, evitando a pre-determinação formal ou tipológica. A acção projectual iniciava-se, portanto, na estrita observação dos contornos da realidade – reconhecendo a importância do lugar que aqui ocupa a Habitação – a partir de onde se procurava ler com clareza os condicionamentos na sua relação com a sociedade. Concretamente, enquadrar as manifestações do quotidiano como repertório para uma análise entre a sociedade e as normas estabelecidas – isto é, os modelos de habitação corrente – e de que forma colidem com as circunstâncias.

A inadaptação da Habitação, juntamente com a impossibilidade de alteração da mesma, conforma uma circunstância opressiva, – *no limite* – impeditiva à tomada de decisões de vida futura por parte dos usuários.

Grandes alterações no grupo familiar, por exemplo, são uns dos factores que poderão provocar repentinamente a fractura entre as necessidades das pessoas e as condições de habitabilidade.

Suponha-se, por exemplo, que perante a consideração de um casal em ter mais um filho (ou ante a surpresa de gémeos), não se dispõe do dormitório necessário; ou ainda, diante da necessidade de

A Casa opressiva

4 TÁVORA, Fernando; *‘Da Organização do Espaço’* (1962); pref. Nuno Portas - 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996 (p. XXIII).

albergar um parente idoso no final solitário da sua vida; mais ainda, diante a perda repentina de trabalho (ou benefício de tempo livre no momento da reforma), a impossibilidade de organizar um espaço de trabalho/comércio na própria casa, permitindo equilibrar a nova circunstância de urgência financeira ou ocupacional.

Perante a obsolescência da habitação, e a impossibilidade de a corrigir, resta a mudança ou resignação. Mas qualquer alteração física só será possível mediante disponibilidade de recursos económicos, nem sempre garantidos. A perspectiva nula de determinado agregado familiar em reajustar as condições da habitação, perante circunstâncias deste tipo, corresponde àquilo a que César Carli denomina de *'a arquitectura do desespero'*.

(...) luego del desconcierto inicial – [provocado por] la pérdida de trabajo, que lleva a una drástica reducción de los ingresos, imposibilidad de enfrentar los compromisos económicos, o las obligaciones financieras, etc, etc., (...) aparecen los intentos desesperados de resolver el problema que van, de mayor a menor, por la venta de cualquier activo, la casa, el auto, una porción del terreno; el alquiler de una habitación, o por desprenderse de amoblamientos, hasta llegar a otras formas (...) basadas en la modificación de la casa.⁵

É este tipo de *situações-limite* que nos permite vislumbrar de que forma a *'disciplina'* se relaciona com as circunstâncias.

É igualmente considerado que o contexto da *'classe média'* oferece pertinência alargada para o estudo de processos alternativos para a Habitação. Ainda que as dinâmicas *do habitar* sejam transversais, na sua gênese, a todas as classes sociais, é neste plano intermédio que a falta de autonomia por parte das pessoas na resolução dos seus problemas habitacionais (ao contrário das realidades de escassez) constitui um problema da área directa de intervenção do arquitecto.⁶

5 CARLI, César Luís; *Breves apuntes para una rebelión*, Santa Fe (Rep. Argentina): Imprenta Maci, 2002 (p. 52)

6 *'(...) the poor in some (though by no means all) of the exploding cities of the Third World, often have a freedom of manoeuvre which has been totally lost by the poor of the decaying cities of the rich world, who are deprived of the last shred of personal autonomy and human dignity, because they have nothing they can depend on apart from the machinery of welfare'. in TURNER, John F. C.; 'Housing by People: towards autonomy in building environments'; introd. Colin Ward. New York : Marion Boyars, 1991 (p. 7)*

En síntesis, y más allá de las implicancias psicológicas del acontecimiento, para nosotros, arquitectos, la enseñanza es otra: pasa por notar el complejo y profundo significado que adquiere la casa en situaciones desesperadas, que son aquellas en la que pareciera de todas las instancias se han cerrado y ya no quedan alternativas.⁷

Intersectar o processo de projecto com plano do quotidiano relembra o carácter inesgotável da Arquitectura. Dentro dela, apenas uma parte estará dentro do espectro de acção do arquitecto, como provam realizações formadas à margem da sua consulta.

O quotidiano problematizado

Pues bien, estamos convencidos que manera de obtener certidumbres es mirar simplemente alrededor, es decir, analizar críticamente el contorno sobre el cual se va a trabajar. Analizar críticamente es, desde luego, un trabajo muy arduo; significa introducirse profundamente en el espíritu de una comunidad que a menudo está penetrada por modelos que la desvirtúan y envilecen.⁸

Sendo um autor ou não, o Homem sempre protagonizou, espontaneamente e à sua maneira, a crítica ao *seu* quotidiano. (LEVEBVRE 1947). Este tema não deverá ser encarado exclusivamente, portanto, no contexto da escassez, mas antes reconhecendo que a relação entre o Homem e a sua *habitação* manifesta-se de forma transversal (ao longo da História) e horizontal (a todos os níveis sociais e culturais). O esforço do Homem na relação com o seu *habitat*⁹ como parte da expressão fundamental contínua do *'duro ofício de viver'*¹⁰. Em 1971, John Habraken enquadrava esta questão da seguinte forma:

7 CARLI, César Luís; op. cit., loc. cit.

8 CARLI, César Luís; op. cit., et seq.

9 Os diversos significados atribuídos à palavra *Habitat* reflectem a complexidade do tema. Derivada do latim *'habere'* (ter, possuir), conheceu desde o século XIX várias interpretações que alargaram o seu significado a partir do contexto original da biologia e zoologia ao espaço social do Homem. Para esta análise adopta-se a noção de *habitat* tal como descrita pelo geógrafo Michel Lussault, tendo como base a habitação: *'While its important to give priority to the residence, we should not entirely base our analysis upon it. The habitat is much more multi-faceted than that; in fact it is the socially constructed framework (materially and ideally) of human existence, with the dwelling at its centre'*. in *'New forms of collective housing in europe: The Politics of Habitat'*; Basel: Birkhäuser, 2002 (p.39)

10 Discurso pronunciado por José Saramago na Academia Sueca a respeito da atribuição do prémio Nobel, 7 Dezembro de 1998. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/ly47putkg2664me/discursos_estocolmo_portugues.pdf

*Most people in the world live in buildings that never have been touched by architects. Through history 99 percent of all buildings were built without the aid of architects. About 50 years ago architects discovered the ordinary. (...) They declared the ordinary was in the range of architecture.*¹¹

Por um lado, as *construções sem arquitectos*; por outro, as alterações *pós-arquitecto* protagonizadas pelos moradores, mais ou menos informados, mas sempre no sentido da resolução de necessidades quotidianas. A atenção colocada às mutações que sofrem as habitações à margem da consulta dos arquitectos resulta essencial no sentido da capacidade de antecipar decisões de desenho.

Na arquitectura da casa – na *Habitação* –, a sucessão de acontecimentos ao longo do tempo revela-se através de mutações nas construções originais, à medida que se vão moldando às necessidades cambiantes da vida do usuário. Trata-se de ampliações, alterações de uso ou qualquer outra transformação nas casa, incorporando as novas dinâmicas.¹² No sentido de melhor compreender esta premissa, é condição necessária pensar a partir do ‘vulgar’, do banal, do *ordinário*.

No contexto da *Escuela*, a metodologia consistia em abordar a organização espacial da habitação a partir de ‘*necesidades*’ ou ‘*acciones*’ por oposição a ‘*funciones*’. Desta forma, entende-se estimular uma aproximação alternativa em relação às questões tipológicas da Habitação. Analise-se, por exemplo, o conceito de dormir:

*(...) se sabe que dormir es un hecho biológico cuya realización puede llevarse a cabo en muchísimos lugares. En un banco, en una silla, en un tren (...), de modo que los ‘bordes’ de la acción de dormir establecido en el dormitorio como único lugar resulta francamente insuficiente (...)*¹³

O mesmo se poderia dizer das acções de ‘*comer*’, ‘*brincar*’, ‘*banhar-se*’, etc. No fundo, com qualquer das actividades humanas no decorrer dos dias. Uma abordagem deste tipo facilita o alargamento

11 HABRAKEN, John; ‘*You can’t Design the Ordinary*’, Architectural Design, 1971.

12 ‘*Generalmente las modificaciones de la casa comienzan por el garage, que se convierte en un negocio; otro tanto puede suceder con la salita de estar o los dormitorios del frente, que se transforman en minimercadito, boutiques, dietéticas, sucursales de panaderías, veterinarias (...)* Son inimaginables los rubros que se inventan en esta variante cuentapropista.’ in CARLI, César Luís; op. cit., et seq.

13 CARLI, César Luís; ‘*Una Teoría que nació del Hombre y su Tierra*’ Santa Fe (Rep. Argentina): Impresos SA, 2010 (p. 52)



**Man must be everyday,
or he will not be at all.**

Lefebvre. Critique of everyday life.

**Don't think about the roof,
think about the rain and snow.**

Adolf Loos. Ornamento e Crime.

da questão do programa de herança *'funcionalista'* ou, pelo menos, uma perspectiva renovada sobre esse elemento de trabalho, no sentido de incorporar permissivamente as acções do quotidiano ao longo do tempo.

*Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi.*¹⁴

Porque toda a obra se insere no tempo que passa, e todas as acções estão a ele sujeitas, o objecto architectónico é obrigatoriamente confinado por esta circunstância.

Nesta perspectiva de análise é entendida que a *tendência obsoleta* de certos aspectos tipológicos na Habitação está relacionada com a complexidade da convivência das arquitecturas com esta circunstância do *Tempo*, entendido como a sucessão de eventos quotidianos, na sua relação com as construções que os albergam. E a *ambiguidade e imprevisibilidade* são parte integrante da vida quotidiana.¹⁵

Imagine-se, por exemplo, uma viagem de automóvel; e que ao longo do trajecto, previamente delineado pelo automobilista, um dos pneumáticos se rompe. Este acontecimento, apesar de inconveniente, resulta parcialmente fortuito, uma vez que qualquer conductor admitirá essa possibilidade *a priori*, estando o automóvel equipado para a sua reparação. Em seguida o conductor depara-se com um acidente que obriga à interrupção da circulação por algumas horas. Este acontecimento, por sua vez, protagoniza uma situação distinta do primeira, dada a impossibilidade de antecipação.

Considerando a casa como sendo o automóvel, e a sucessão dos acontecimentos ao longo da viagem o desenrolar fortuito da vida, tornar-se-á simples aceitar a ideia que qualquer viagem de automóvel está sujeita a imprevistos que obrigam ao reajuste do itinerário. Mantendo a analogia, se a *vida é a viagem*, resulta como consequente a ideia de que a *máquina que a alberga*¹⁶ deveria reservar um lugar ao imprevisível.

O imprevisível como conceito operativo

ii. 'Sandro, o descamador'
Taganga, Colômbia,
Setembro 2016

14 TÁVORA, Fernando; *'Da Organização do Espaço'* (1962); pref. Nuno Portas - 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996 (p. 19).

15 LEFEBVRE, Henry; *'Critique of Everyday Life'*, (1947) trad. John Moore. Vol. 1. London: Verso, 1991 (p.247)

16 *'Let's not hesitate to say it: the home is not a machine to be lived in'* in BOHR, Marco. 'New forms of collective housing in europe' Basel: Birkhäuser, 2002 (p.39)

*Architecture was a challenge to time: time is the succession of seasons, the succession of generations, the fragility of life, of birth and death. Architecture's purpose was to stop time. A stone, immovable in the flowing stream of the ordinary.*¹⁷

Em contexto de exercício profissional de projecto, a relação cliente/arquitecto estabelece-se primeiramente a partir da leitura das necessidades dos futuros moradores, condensadas num programa. Este processo de identificação será sempre, em parte, informado por questões do passado. Isto é, a ideia da futura habitação, por mais informada que seja a especulação, nasce maioritariamente como resposta a necessidades *até-então* sentidas pelos requerentes; e apenas esta concepção *virtual* do tempo no projecto admite plenamente a concepção de limites rígidos no desenho da casa.

Competirá ao profissional de arquitectura interpretar as solicitações *na perspectiva* do que poderá vir a alterar-se, sob pena de o desenho se tornar obsoleto. A *atemporalidade* da arquitectura, por exclusão do tempo cambiante no processo de projecto, afasta-o da sua máxima utilidade, dependente da relação com o '*tempo que passa e transforma*'.¹⁸

¿de qué manera incorporar la casualidad? (...) ¿cómo hacer una arquitectura capaz de adaptarse a los imprevistos y respetar al mismo tiempo la costumbre, que ya seguramente había permitido al morador de la vivienda [establecer] una relación empática con [sus lugares]?

Estas ideias, desenvolvidas no contexto *Escuela de los Grandes Espejos* não assentam, portanto, na '*celebração dos rituais intemporais*' do quotidiano *per se* (comer, banhar-se, dormir, etc.). Estes também se alteram à medida que desenvolvimento e democratização da tecnologia assumem um papel de crescente importância no dia-a-dia das sociedades em geral. Pelo contrário, interessa-nos a procura por formas de desenho que potenciem as suas mais variadas manifestações.

A abordagem ao tema da Habitação parte da noção de que, ao procurar absorver as dinâmicas do quotidiano, e se a ele não se consegue subtrair o carácter de imprevisibilidade, a procura por uma Habitação (re)ajustada às necessidades cambiantes dos moradores, deverá procurar *absorver* esta mesma condição como ferramenta de trabalho.

17 HABRAKEN, John; op. cit.

18 CARLI, César Luís; '*Breves apuntes para una rebelión*', Santa Fe (Rep. Argentina): Imprenta Maci, 2002 (p. 35).



iii. Cabana Uru. Ilhas flutuantes, Lago Titicaca,
Perú/Bolívia, Janeiro 2016

Os Uru (povo autóctone do Lago Titicaca) lidam com a questão do desentendimento entre membros da família de forma peculiar, separando secções da ilha entre as partes. Quando é resolvida a contenda, reagrupam-se as mesmas.



Cunhado por César Carli¹⁹, o conceito '*Regionalismo Prospectivo*' sintetiza um processo impulsionador de uma Arquitectura que se adapte aos *lugares, pessoas e tecnologias* (TÁVORA, 1962), num '*sentido perspectico*'. Isto é, partilhando algumas das ideias condensadas no *Regionalismo Crítico* (FRAMPTON, 1983), interpreta a partir das dinâmicas cambiantes do quotidiano a formulação das problemáticas de projecto. Assim, e reconhecendo nesse elemento o seu carácter imprevisível e ambíguo, parte-se para o desenho da Casa admitindo a variação da circunstância inicial. É aqui, na conjugação entre estes dois aspectos, e por se basear em valores humanos tendencialmente universais, que no '*Regionalismo Prospectivo*' se reconhece pertinência *transversal*.

Impulsionado pela crítica aos programas e modelos tipológicos remanescentes do *Funcionalismo* - resistentes na produção arquitectónica corrente e no ambiente académico - este instrumento metodológico originou-se na observação dos exemplos de arquitectura vernacular da região (neste caso, província de Santa Fé), caracterizada pela sua conjuntura climática e geográfica particularmente condicionadora.²⁰

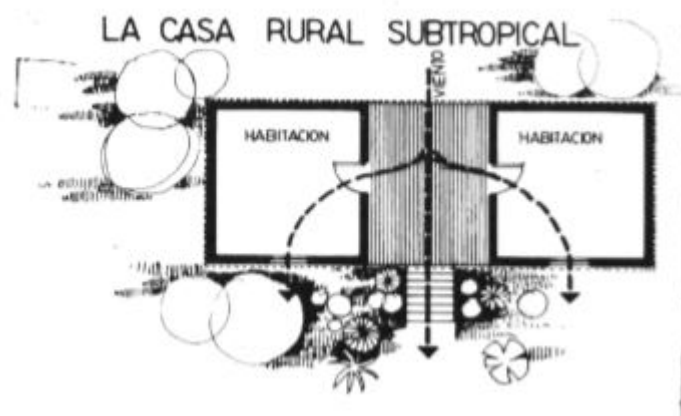
Trata-se de reconhecer nos modelos vernaculares valências - físicos, sociológicos, tipológicos, etc - capazes de resistir até aos dias de hoje, simultaneamente, entendendo de que forma esses processos estão relacionados com as condições climáticas (ventos, chuvas, amplitude térmica e sazonalidade). A observação crítica das *ideias-resistentes*²¹ contidas nos exemplos populares, entendida como ferramenta esclarecedora dos valores culturais e sua consequência formal, no sentido de saber *que parte da circunstância haverá que seguir, e que porção haverá que esquecer ou mesmo contrariar* (TÁVORA, 1962).

iv. Modelo vernacular da região litoral de Santa Fé, Argentina. '8º grados al sur del trópico de Capricórnio', César Carli

19 Esta noção aparece pela primeira vez presente na obra '*Los Mástiles*' de César Luis Carli, publicada em 1966.

20 Referência aos rios e deltas que conformam a paisagem de toda a região, sujeita a inundações sucessivas e agressiva incidência solar, agravada pela humidade constante. Em Santa Fé, por exemplo, registou-se 51º de sensação térmica como temperatura máxima em 2016.

21 A estas se chamava de '*genes*' e '*fenotipos*', respectivamente em relação a questões sociais e formais: (...) *la diferencia entre "gene" y "fenotipo" radica en que, mientras uno expresa tendencias, comportamientos sociales y actitudes frente a la naturaleza social o física, el otro provee o sugiere instrumentos formales para responder a esos requerimientos.* in CARLI, César Luís; '*Los tiempos, los patios y las casas*', Santa Fe: Fundación Banco Bica, 1990 (p. 18).



.iv

A possibilidade de variação e crescimento introduzida no desenho da tipologia materializa-se através do dispositivo arquitectónico a que César Carli chamou de *'esclusas'*²²

Desenhado a partir da necessidade de introduzir no desenho da habitação a possibilidade concreta de alteração espacial, em sintonia com as mudanças ao longo da vida do usuário, este dispositivo permite variar entre espaços interiores e exteriores, relacionando núcleos espaciais separados.

As *'esclusas'* constituem assim um mecanismo espacial que assenta geometricamente na relação com a *quarta dimensão*. Como elemento arquitectónico representa uma variação das aberturas convencionais, traduzindo-se em toda a estrutura leve - porta, mobiliário, painéis divisórios, etc - que, movimentando-se triaxialmente, respeitam sempre a condição de que: *'quando abrem fecham e quando fecham abrem'*.²³

Esta condição - em que o mesmo elemento protagoniza duas transformações espaciais simultâneas - introduz uma noção fundamental para a sua integração no processo criativo de desenho da Habitação - a diferença prática entre *flexibilidade* e *polivalência*:

*Ao abrir-se uma porta opera-se uma alteração espacial. Contudo, nos momentos em que a porta se encontra aberta, o elemento-porta não cumpre nenhuma função espacial. A porta ilustra um elemento flexível, variando da condição de aberto a fechado. As esclusas representam um elemento polivalente, na medida em que cumprem, pelo menos, duas funções espaciais num único movimento.*²⁴

No fundo, trabalha sobre a rigidez dos limites entre os espaços, permeabilizando-os para uma maior relação entre eles e com a sua circunstância exterior. Através deste elemento arquitectónico, *um lugar* passa a ser esse lugar e as todas as suas possibilidades.²⁵

O dispositivo possibilitador: 'Esclusas'



v. Esclusas em movimento.
Casa de César Carli,
Santa Fe, Argentina.

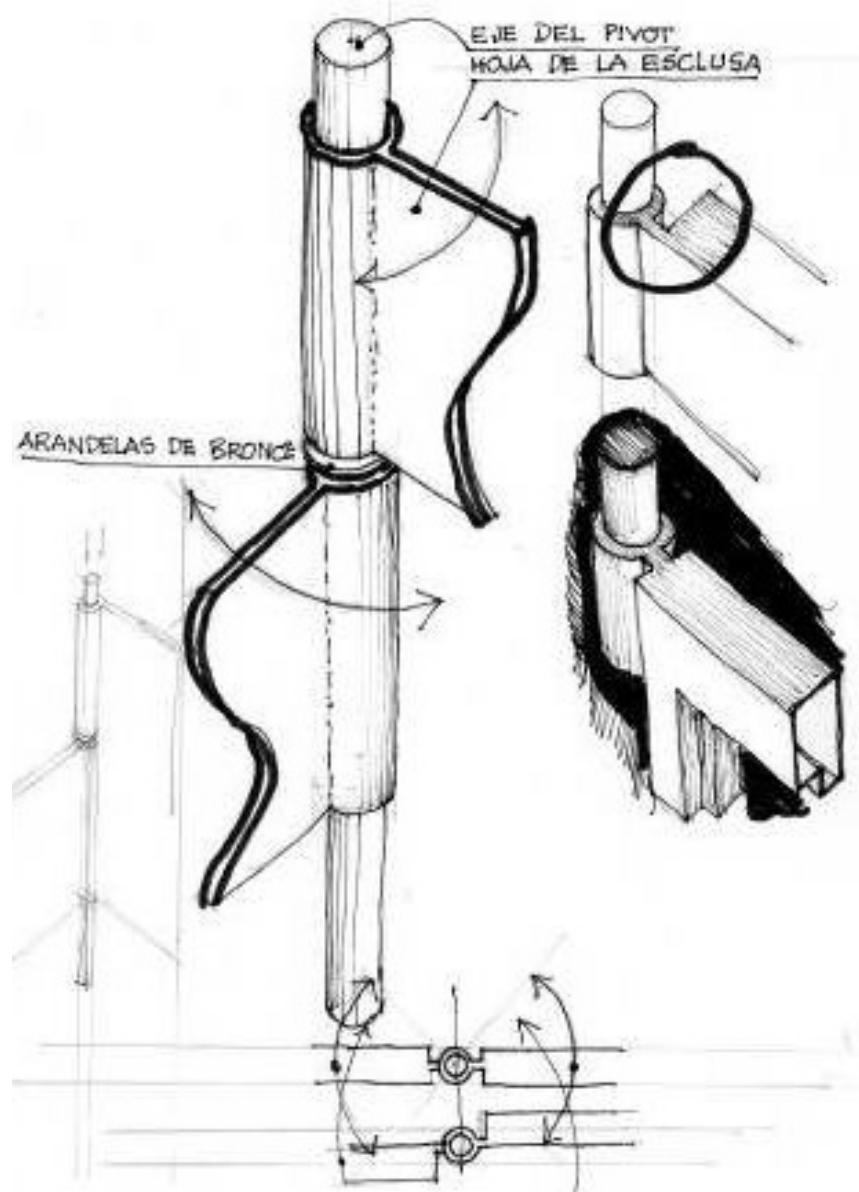
vi. Esclusas. César Carli.
8° grados al Sur del
Trópico de Capricornio.

22 *Esclusa* significa 'comporta' tanto em espanhol como em português, referindo-se geralmente ao sistema hidráulico das barragens e passagens de nível. No contexto da arquitectura interessa atentar na sua função espacial.

23 CARLI, César Luís; *'Una Teoría que nació del Hombre y su Tierra: Esclusas, definición arquitectónica'* Santa Fe (Rep. Argentina): Impresos SA, 2010 (p. 165).

24 Notas pessoais a partir das aulas *'Arquitectura en Contextos Regionales'*. Outubro de 2015, Santa Fé.

25 César Carli introduz a *Geometria Topológica* por oposição à Geometria Cartesiana, como a que melhor serve as noções aqui explicadas. Não se aprofundará aqui o tema dada a sua complexidade. Esta análise focar-se-á nos aspectos práticos da sua aplicação no contexto da Habitação. Consultar síntese do autor sobre o tema em *'Nuevos instrumentos para imaginar la Arquitectura'*, 2004.





vii. Alteração espacial provocada pelo movimento das 'esclusas'. Rotação 1.
Desenho de Samuel Jarimba.



viii. Alteração espacial provocada pelo movimento das 'esclusas'. Rotação 2.
Desenho de Samuel Jarimba.

César Carli, que vem desenvolvendo estas ideias desde o final dos anos 1960, sintetizou na *'Casa Litoral'* as características tipológicas capazes de conferir sentido a uma arquitetura *pertencente a um lugar*, neste caso, a casa da região litoral de Santa Fé.

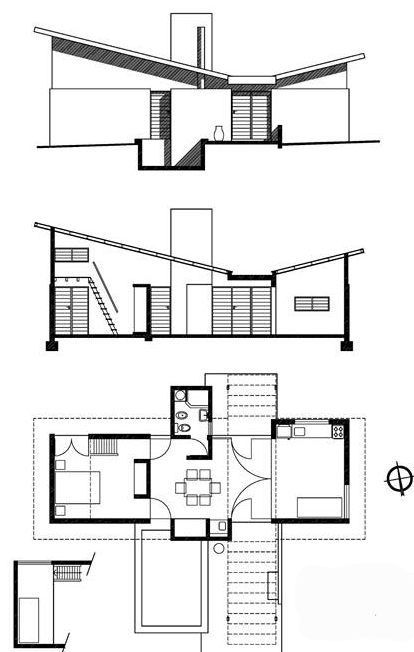
Resultante da decomposição e consequente reinterpretação das *ideias persistentes* contidas nos exemplos vernaculares santafesinos: da *'Vivienda islera'* - organizada a partir de dois núcleos com galeria aberta, orientada segundo os ventos - à *'Casa-vestíbulo'* - com espaço interior de distribuição aos vários ambientes - até à *'Casa del gringo'* - a *'Casa Litoral'* encontra na galeria de distribuição polivalente uma das principais características espaciais. A partir desta acomodam-se os elementos que vão definindo os ambientes de acordo com as necessidades dos usuários, adaptados à circunstância climática.

É a partir da decomposição dos vários espaços organizadores da casa - de estar, de banho, de fogo, etc - concretizada através da fragmentação da planta da casa, que se introduz a ideia de *bi-nuclearidade* e *polinuclearidade* - noção entendida como fundamental na abordagem aos espaços e usos na Habitação.

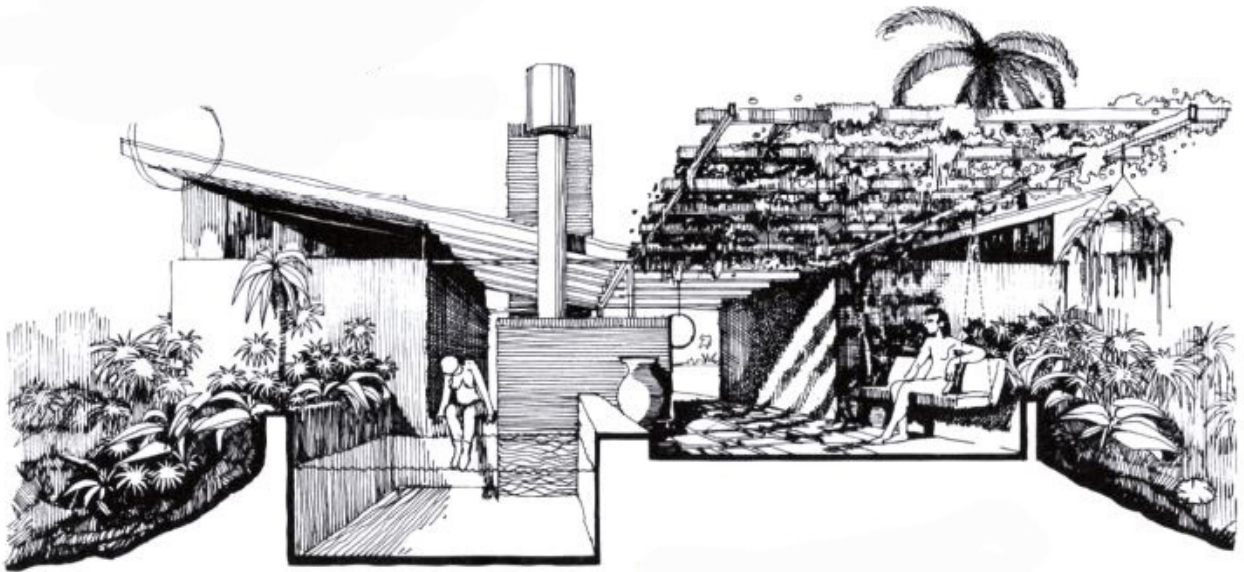
A fragmentação da planta em unidades de uso variado é consequência da validação dos espaços intersticiais como mediadores da relação entre os vários núcleos da casa. Estes espaços, que no exemplo-síntese da *Casa Litoral* se chamaram de *'patio-corazón'* e *'calle-patio'*, são nada mais que espaços reservados à apropriação do(s) morador(es). Esta aproximação reflecte igualmente o sentido de abordagem à questão do uso, evitando a determinação rígida dos espaços.

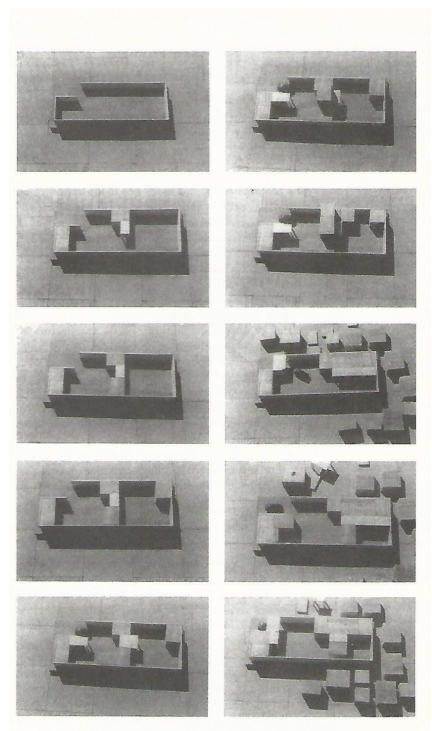
Deste exercício de síntese importa ler a *gênese da ideia*. Isto é, de que forma se pode produzir uma síntese tipológica na intersecção entre valores vernaculares perenes, conferindo-lhes um carácter actualizado, adaptável às dinâmicas sociais em constante mudança. Por outras palavras, trata-se de confrontar a abstracção e a intemporalidade dos modelos tipológicos correntes com uma metodologia teórico-práctica assente nas questões do *lugar*, na tradição e transformação

Casa Litoral (uma síntese)



ix. Casa-protótipo binuclear construída por um dos colaboradores da Escuela a partir de um desenho de César Carli publicado em 8° Grados al Sur del Tropico de Capricórnio, representando uma reinterpretação da *'Casa-islera'* da região litoral de Santa Fé. De organização bi-nuclear, adquire o seu carácter polivalente mediante a integração do dispositivo *'Esclusas'*

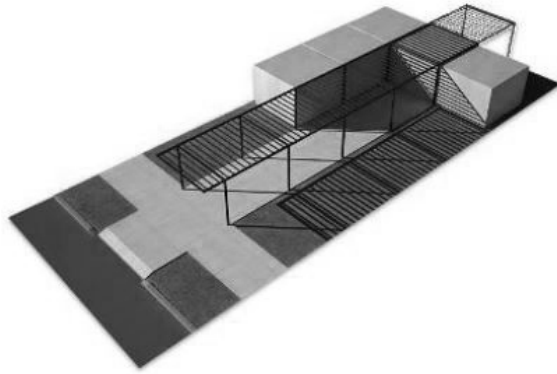
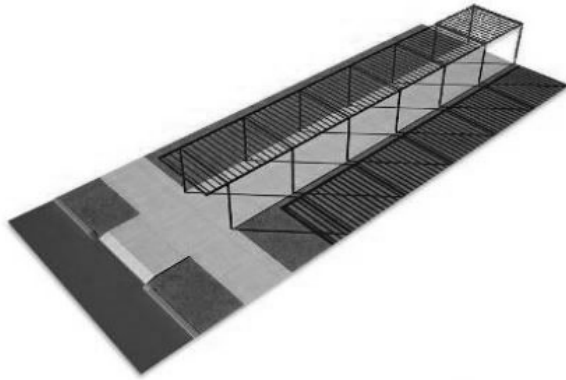




'Muro gerador' .x



xi. 'Casas del Cambio', vista geral sobre o bairro.



xii.

Casas del Cambio: o limite reinterpretado

O projecto ‘Casas del Cambio’ (2010)²⁶ representa a concretização, à escala de bairro, de um protótipo de habitação que traduz as premissas da *Escuela de los Grandes Espejos*. Actualmente construído na cidade de Santa Fé, o projecto parte do compromisso em propor um modelo que se adapte continuamente às necessidades dos moradores. Contitui, simultaneamente, um exercício de construção participativa, integrando desde o momento inicial do processo de projecto a colaboração do futuro usuário:

*En este contexto deben reestudiarse cada uno de los aspectos que intervienen en el proceso de construcción del hábitat, desde la participación del destinatario de la vivienda hasta la relación de cada uno de los espacios que componen su diseño, incluyendo el “afuera” y el “adentro”, abandonando la idea de los patios como complemento de la masa proyectual para ubicarlos como parte elaborada conjuntamente con el resto de la vivienda. La propuesta que presentamos ofrece estas alternativas. La propuesta cuenta con un elemento protagónico esencial: la participación del usuario desde el acto proyectual primario hasta la definición de continuidad en la vida útil de su vivienda.*²⁷

Partindo de um lote de 10 metros de frente, por 20 metros de profundidade, a fase inicial consistiu em modular os elementos orientadores: uma pérgola central antecipando os espaços polivalentes, e definindo a espinha dorsal sobre a qual se definem os núcleos iniciais, em colaboração com os futuros moradores.²⁸

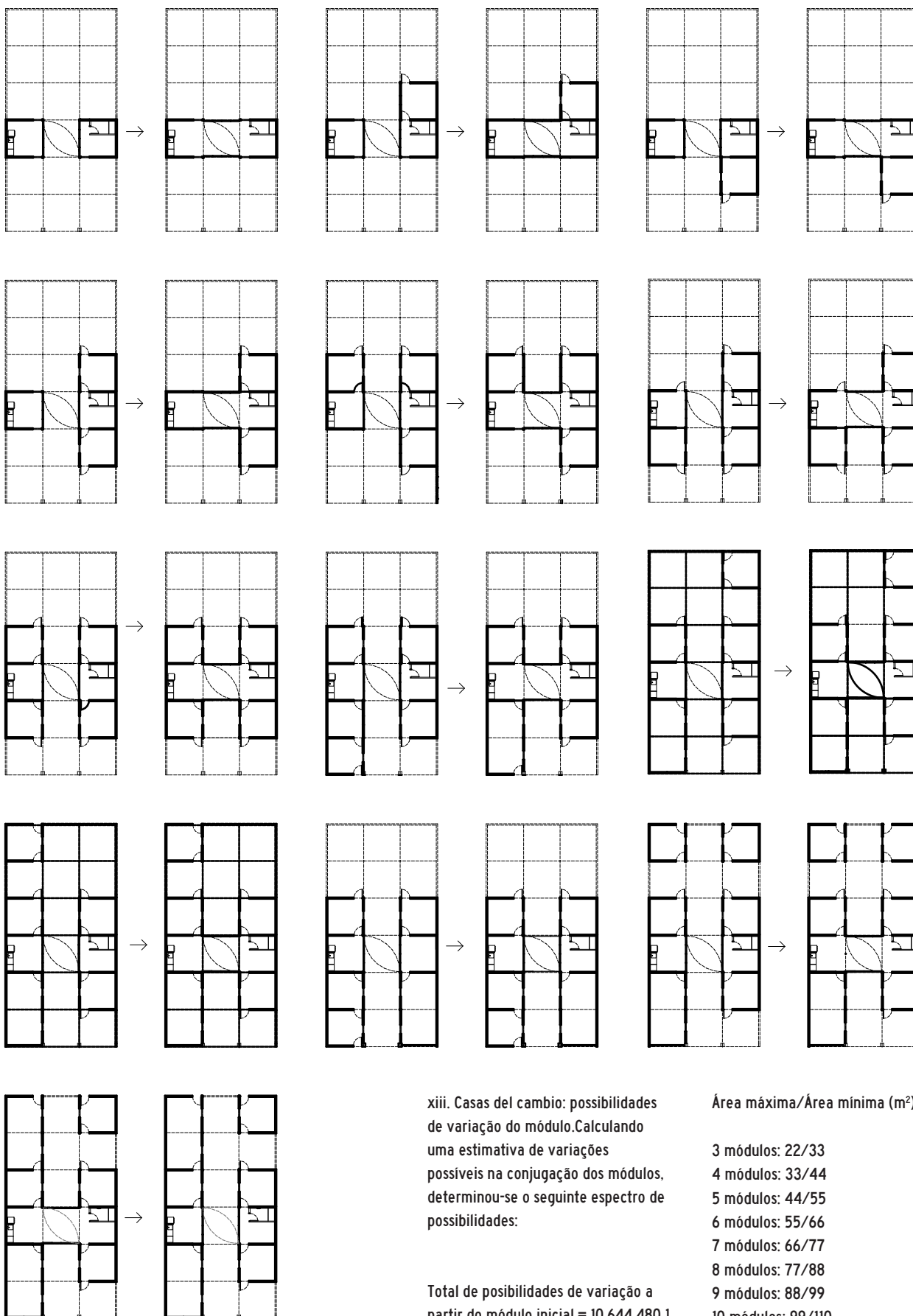
Neste caso, a localização do módulo inicial é decidida de acordo com as intenções do destinatário, de acordo com as possibilidades de módulo, garantindo a resolução de necessidades básicas.

xii. Esquema de integração dos
módulos habitacionais a partir da
pérgola inicial

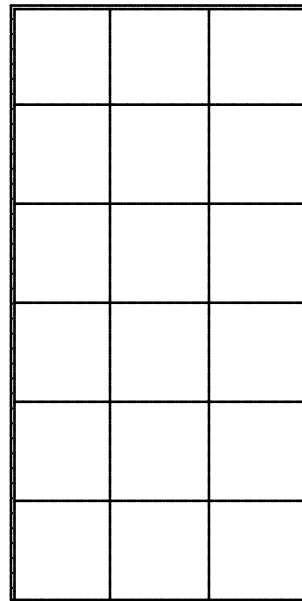
26 Autores: Arq. César Carli; Arq. Hugo Biancari; Arq. Edgardo Sanchez; Profesor Matemático Luis Bianculli; Lic. Daniel Galetti; Gabriel Sosa; *Escuela de los Grandes Espejos*.

27 *Escuela de los Grandes Espejos*. Disponível em: escueladelosgrandesespejos.blogspot.pt/2014/07/casas-del-cambio.html

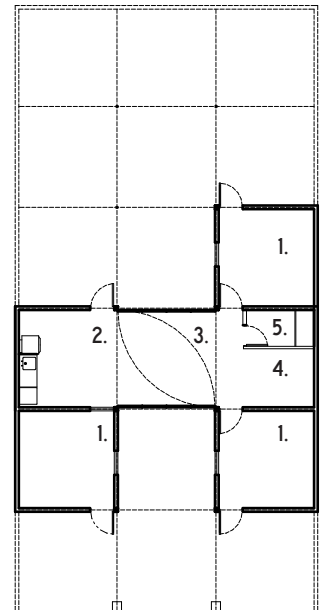
28 A introdução deste elemento traduz a ideia de ‘muro-gerador’, segundo a qual se reconhecem em certos elementos arquitectónicos - correspondendo aos que compete ao arquitecto definir - um carácter fundador na organização espacial, orientando pela sua presença as intervenções futuras feitas pelos moradores, ao longo do tempo.



xiv.
Terreno base: 200m²
18 módulos 3.33 x 3.33m
Esc. 1:500



xv.
1. Dormitório
2. Cozinha/comedor
3. Sala de estar
4. Espaço polivalente
5. WC

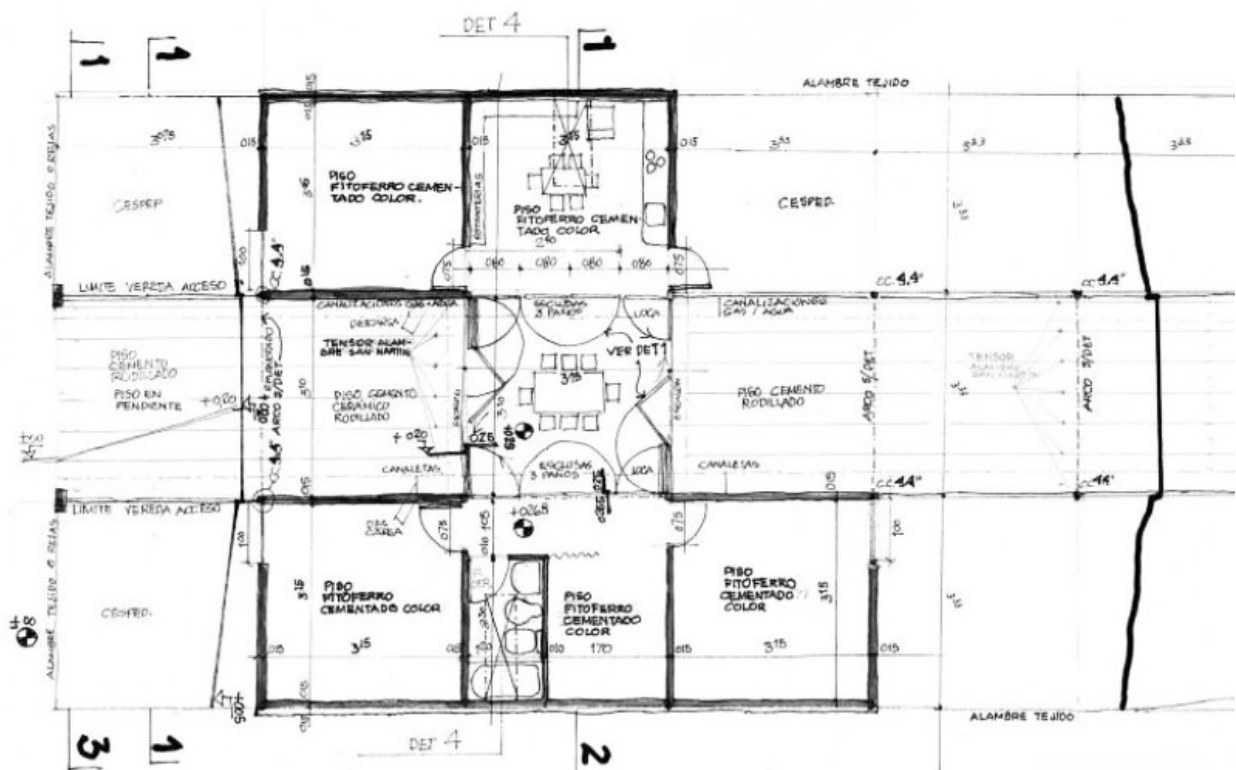


xvi.
Planta desenhada em
colaboração com os moradores

.XV

.xvi

xvii.





.xviii



.xix



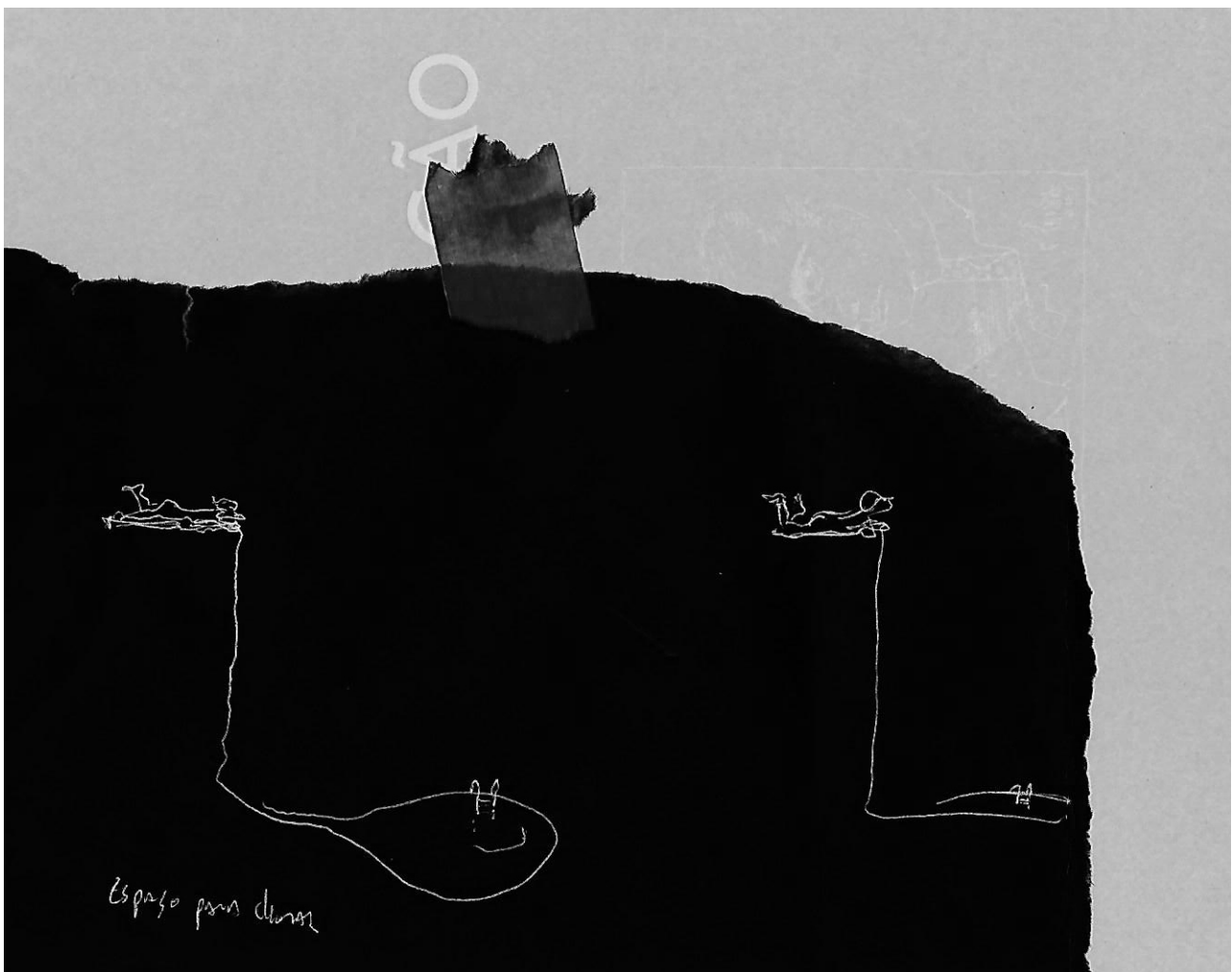
xx.

- xvii. 'Calle patio', Casas del cambio
- xviii. Secção: binuclearidade
- xix. Fotografia do bairro construído

If it works, it is already obsolete.

Marshall McLuhan. Understanding Media.

xxi.



Três propostas de autor

xxi. 'Espaço para chorar',
pensado no contexto da Escuela de los
Grandes Espejos

Em 2005 Kenneth Frampton identificava, como o grande desafio da Arquitectura contemporânea, a necessidade de conferir à Habitação um carácter genuíno de *Casa*:

*It seems to me that one of the big failures of profession has been that is not really able to answer that question. (...) The question is: how to convey a sense of security and home in a house or in housing without it becoming kitsch?*²⁹

Esta afirmação corresponderá ao reconhecimento de um desajuste entre os modelos de *design* e o plano quotidiano onde é cultivado o sentimento de *arraigo*.

Vinda do autor que reuniu na definição de *Regionalismo Crítico* a arquitectura capaz de se aproximar dos *lugares e das gentes*, será oportuna a interrogação sobre que estratégias práticas têm sido testadas na abordagem a esta problemática, na contemporaneidade.

No contexto da investigação realizada em Santa Fé, a estratégia de leitura das acções concretas do quotidiano sugeria a recolocação de alguns elementos de projectação da Habitação, no sentido de compensar o desajuste entre o *design* e as necessidades reais das pessoas³⁰.

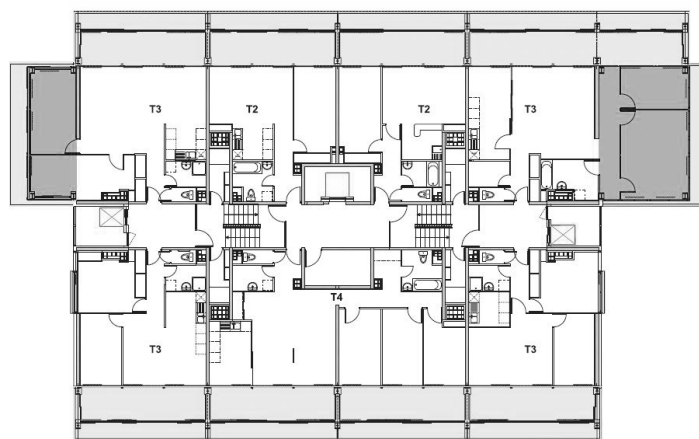
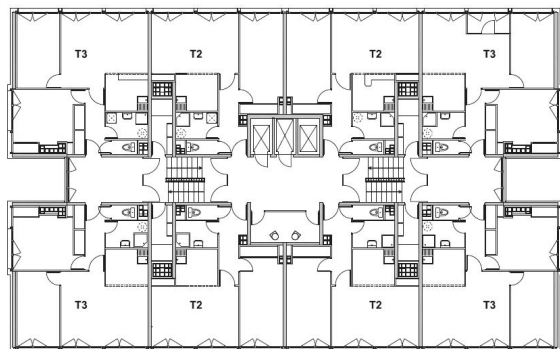
Tendo em conta que tais temas são recorrentes ao longo da produção arquitectónica, através de várias interpretações, não será por demais a convocação de alguns exemplos de arquitectura de autor para comparação, identificando a estratégia de abordagem aos temas de desenho da habitação no sentido de se ajustar às necessidades cambiantes dos seus moradores.³¹

29 FRAMPTON, Kenneth; 'Interview with Kenneth Frampton on Alvar Aalto'. Vitra Design Museum. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=SmBi_T-3ZAA. Publicado a 5 de outubro de 2015.

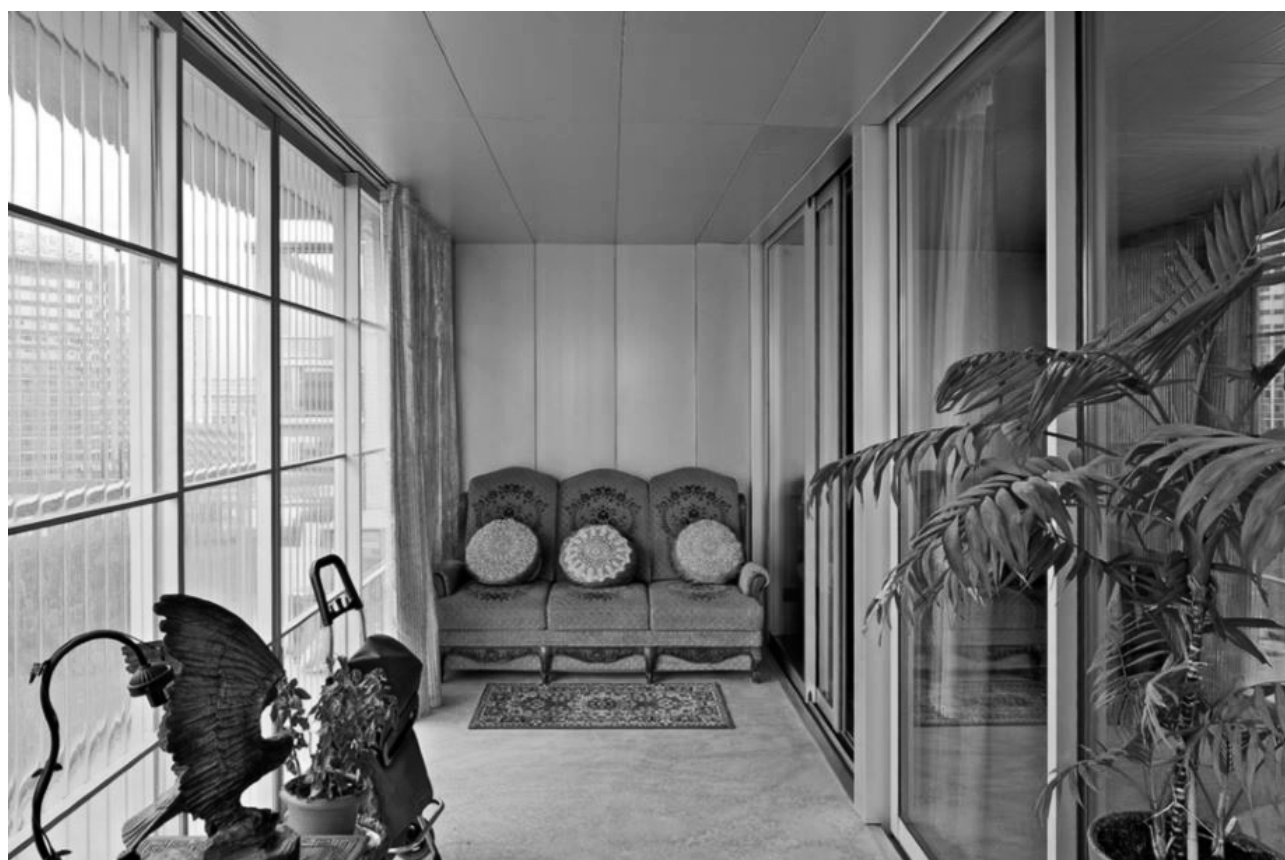
30 A questão poderia ser enquadrada à semelhança do título do livro de David Pinson: 'On the fraught relationship between architecture and what people are really used to', 1993.

31 Tendo em conta o carácter contextualizante - e por isso reduzido - dos exemplos de autor convocados, o critério de selecção incidirá sobre a contemporaneidade dos mesmos, na perspectiva diferenciada e complementar da abordagem ao tema da habitação e ao contexto programático, cultural e geográfico entre as várias obras e respectivos autores: Europa, América Latina e Ásia Oriental. Pretende-se enunciar os caminhos, dando conta das estratégias de resolução de temas comuns da habitação.

.xxii



.xxiii



i. Indeterminação

Lacaton & Vassal
Torre Bois-le-Prête,

Paris, 2005-2011

*funcionalista sin que nadie se interponga en esa decisión. La fachada, la decoración, el estilo, los colores podrán ser las únicas opciones libradas a la voluntad del cliente; desde luego, aún estas últimas libertades tienen sus límites, que serán establecidos por el menú de productos que ofrece una inteligente economía de escala.*³²

*Estamos interesados en las relaciones que se dan entre cada uno de estos suelos con el exterior y con el tiempo, y en la posibilidad de su adaptación a diferentes situaciones y climas para procurar un clima interior.*³³

A estratégia adoptada pelo estúdio *Lacaton & Vassal* na renovação da *Torre Bois-le-Prête*, em Paris reclama a intenção de romper a especialização funcional dos espaços – *os dormitórios para dormir, a cozinha para cozinhar, a sala para estar* – sugerindo que as noções de conforto e de pertença se estabelecem na liberdade que os moradores dispõem para a apropriação do espaço dentro da *sua* habitação.

De construção modular³⁴, a solução consiste na extensão da superfície horizontal das vivendas na totalidade do perímetro de cada planta, evitando o desalojamento dos moradores durante o processo de construção, minimizando as perturbações no plano social.

A intervenção dos arquitectos, neste caso, incide maioritariamente no tratamento das *membranas* (ou limites, ou *bordes*) – que organizam o espaço, estimulando a partir do desenho da indeterminação (na organização interior dos espaços) a possibilidade de apropriação e adaptação constante às acções do quotidiano, pelos seus moradores.

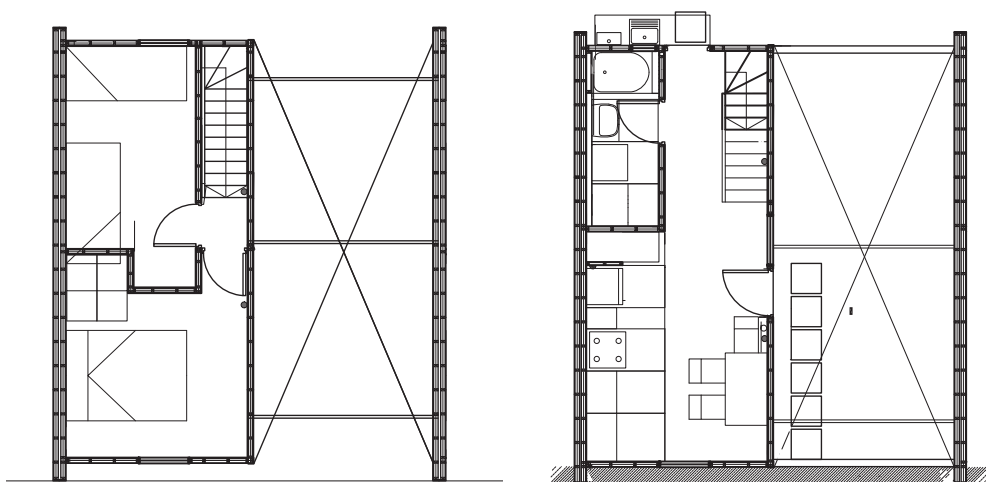
xxii. Antes e depois. Plano de renovação da Torre.
(‘El Croquis 177-178 p.229)

xxiii. Torre Bois-le-Prête
(‘El Croquis 177-178 p. 231)

32 CARLI, César Luís; ‘Breves apuntes para una rebelión: El confort, un producto cultural’, Santa Fe (Rep. Argentina): Imprenta Maci, 2002 (p. 46)

33 *Lacaton & Vassal 1993-2015*; El Croquis Editorial 177/178, Madrid 2015(p.232)

34 ‘Los módulos de 7 x 3,3 metros son estructuras metálicas que incluyen el suelo, el techo, la doble fachada del jardín de invierno y el balcón. Construidos fuera de obra, se transportan en camiones y se instalan en la obra. El ensamblaje se produce de abajo a arriba mediante la superposición de los módulos’. Idem (p.117).



.xxiv



.xxv



ii. Incrementação

ELEMENTAL Villa Verde Housing

Constitución, Chile,
2005-2011

lidad, pero con un escenario de crecimiento inicial y final de mayor estándar: de 57m² (superficie inicial de cada unidad) se pueden incrementar las viviendas hasta 85 m².³⁵

As propostas do estúdio *ELEMENTAL*³⁶ para a habitação assentam na definição dos limites exteriores de uma vivenda *em potência*³⁷. Partindo da identificação e organização de elementos básicos que configuram a base para uma habitação digna - cozinha, banho e dormitório -, procura-se antecipar os processos naturais de apropriação dos espaços por parte das populações, enquadrando o sentido de crescimento das vivendas, como resultado da necessidade em atingir maior conforto.³⁸

Paralelamente, os autores reconhecem nesta estratégia de incrementação a capacidade de estimular a progressão social dos moradores, no sentido de que, ao se atingir a plenitude da expansão da habitação, conquista-se um padrão de conforto correspondente aos de uma classe média. Ao invés da utilização do (normalmente reduzido) orçamento total na construção da habitação, opta-se pelo desenho de habitação de pouca densidade antecipando a expansão dos espaços.

Nas palavras dos autores, são estes os parâmetros fundamentais para um processo de habitação que admita o crescimento de iniciativa dos moradores:

- i. Boa localização (conquista de terrenos próximos dos centros urbanos, evitando o afastamento dos moradores para a periferia);
- ii. Crescimento antecipado (construída apenas uma metade, antecipar através do desenho o crescimento futuro);
- iii. Desenho urbano (garantir o equilíbrio da relação entre espaços privados, públicos e colectivos, propondo comunidades barriais de até 25 famílias.³⁹

xxiv. Plantas-tipo prevendo a
expansão da habitação

xxv. Fotografia: Villa Verde
Housing. Elemental

35 *ELEMENTAL*. Disponível em: www.elementalchile.cl/projects/constitucion-i-villa-verde.

36 Alejandro Aravena, Gonzalo Arteaga, Juan Cerda, Victor Oddó, Diego Torres.

37 Outros projectos assentes na mesma estratégia seriam, por exemplo, '*Quinta Monroy*', (Chile, 2004), '*Monterrey*' (Mexico, 2010), entre outros. O exemplo seleccionado, por representar, segundo as palavras do autor, uma versão melhorada dos anteriores, ganha pertinência nesta análise.

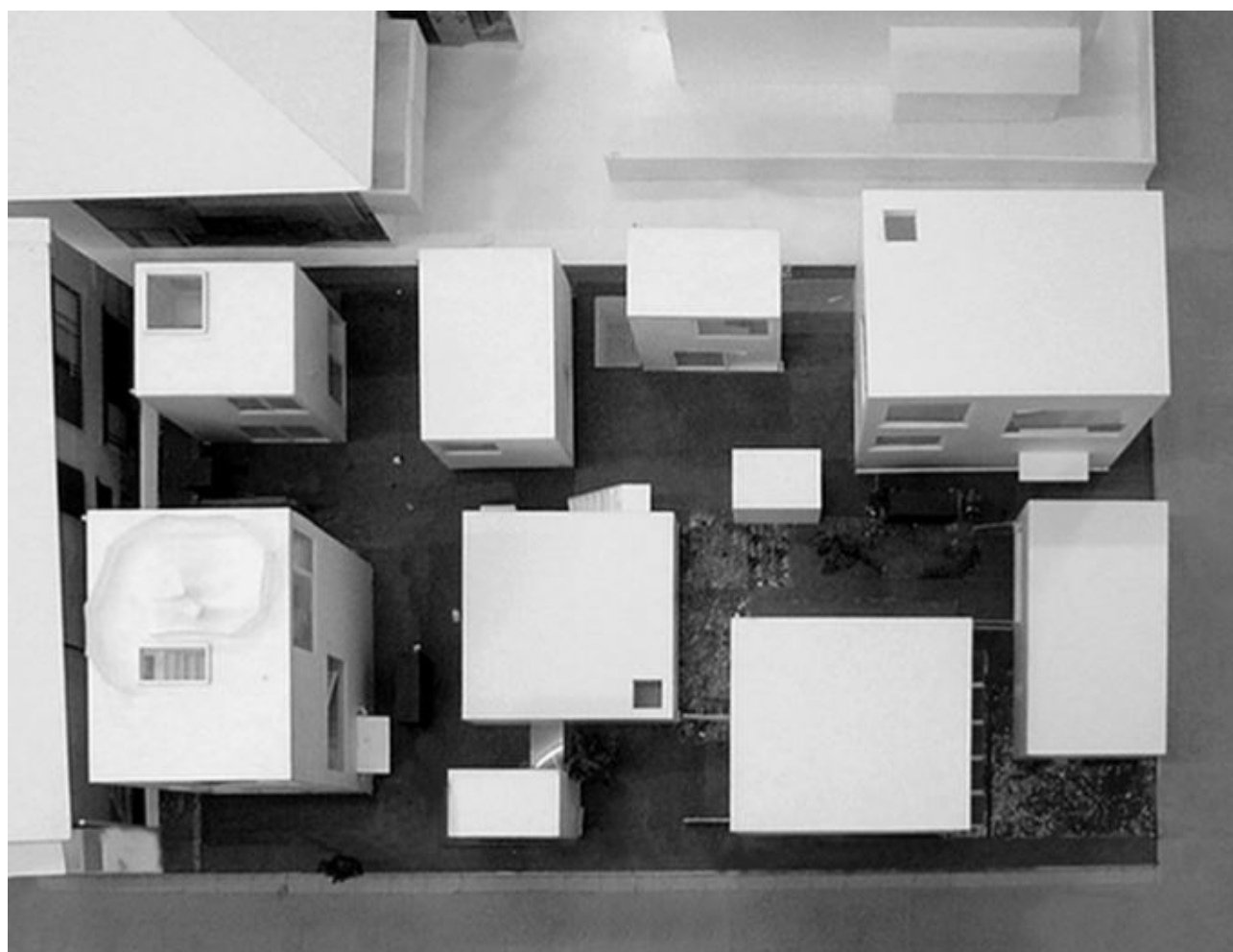
38 Apesar deste tipo de soluções ser apresentado no contexto da habitação social, interessa-nos recuperar a lógica de desenho, e como é enquadrada a perspectiva de evolução da casa, através do tratamento dos seus limites. Não obstante, este exemplo em concreto concentra questões sobre participação e o carácter social da habitação não menos importantes, e que se desenvolverão ao longo do capítulo 3.

39 *ELEMENTAL*. idem.



.xxvi

.xxvii



iii. Fragmentação

Kazuyo Sejima & Ryue
Nishizawa (SANAA)
Casa Moriyama

Ohta-ku, Tóquio, 2002

*En esta casa, al cliente se le da la libertad de decidir qué partes del conjunto de piezas de habitación se usan como residencia propia y cuáles de alquiler. Él puede elegir entre una serie de estares y comedores, o disfrutar de varias habitaciones al mismo tiempo, de acuerdo con la estación o por otras circunstancias. El ámbito de la residencia cambia según su propia vida.*⁴⁰

A *Casa Moriyama*, da autoria de Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, consiste na implantação de um conjunto variado de núcleos habitacionais⁴¹ onde cada um procura estabelecer uma relação única e identitária com o jardim e entorno. A estas unidades atribuem-se diferentes usos e qualidades procurando proporcionar ao cliente um espreito alargado de escolhas no usufruto da vida quotidiana.⁴²

xxvi.

Plantas primeiro piso:

1. Sala de convidados
2. Cozinha
3. Dormitório familiar
4. Salão de festas
5. WC
6. Cozinha/comedor
7. Dormitório
8. WC
9. Escritório
10. Sala de estar

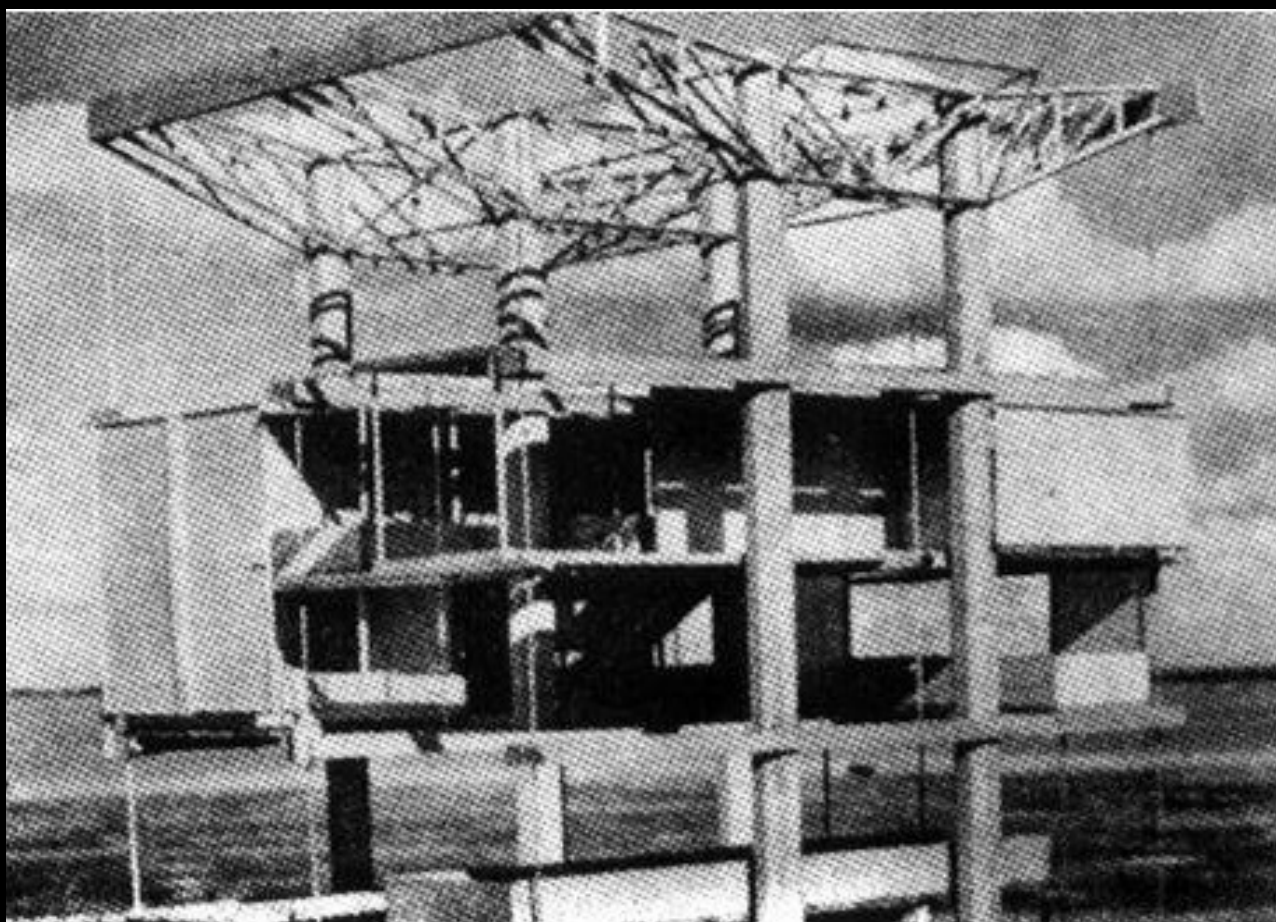
xxvii. Maqueta Casa Moriyama
(‘El croquis 121-122 p.364’).

Para além do carácter funcional polivalente, a possibilidade de arrendamento parcial da habitação que a fragmentação permite, estabelece um cenário de maior profundidade na relação entre a habitação e habitante – a elasticidade na gestão dos espaços de forma a garantir constante adequação ao plano das necessidades efectivas do morador, ajustando-se continuamente de forma a garantir o necessário equilíbrio financeiro do agregado familiar.

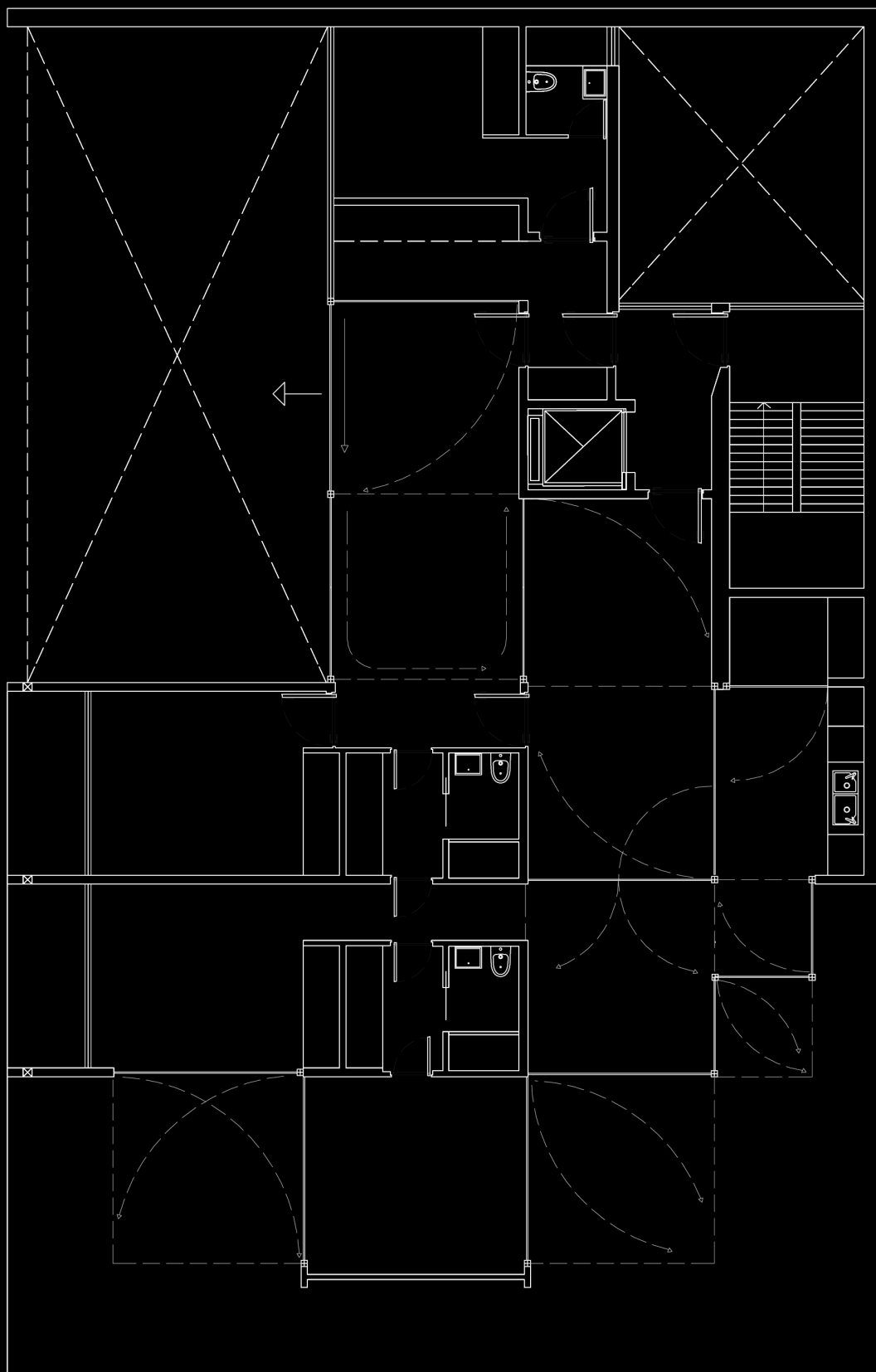
40 ‘Océano de Aire’: SANAA: Kazuyo SEJIMA+Ryue NISHIZAWA 1998-2004. El Croquis Editorial 121/122, Madrid 2004 (p.364).

41 Cinco cozinhas-refeitório, sete salas, dois estúdios e quatro dormitórios.

42 ‘(...) por ejemplo, una de ellas sería una pequeña cocina-comedor rodeada por un jardín; otra, un dormitorio con vistas al cielo; otra, un gran espacio de varias plantas de altura que surge desde el sótano, o bien, otra, un dormitorio agregado.’ in El Croquis Editorial, idem.



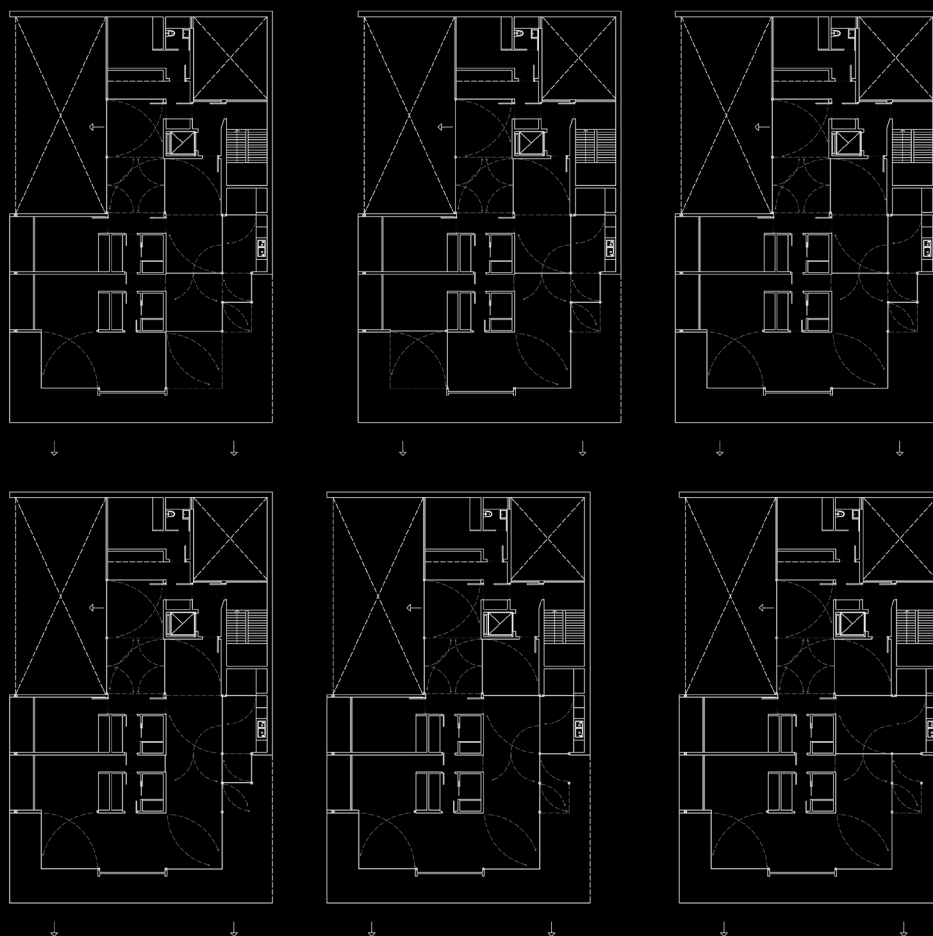
xxviii. 'Los Mástiles'. César Carli, 1966



xxix. Tipologia em altura adaptável. Exercício no contexto da disciplina 'Arquitectura en Contextos Regionales', UNL Santa Fe, 2015. Esc. 1:500



xxx. Possibilidades de variação da tipologia recorrendo a 'esclusas'.



xxxi.
Divisão da tipologia em dois apartamentos distintos.
Apt.1 = 37m²
Apt.2 = 106m²
ou
Apt.1 = 60m²
Apt.2 = 83m²



(...) Solo establecimos tres líneas extraídas de la realidad cotidiana. Estas eran: La costumbre, el arraigo, lo imprevisto.

(...) éste comenzara con la presentación de un joven escritor al que le habíamos encomendado una tarea muy precisa: hacernos conocer los mecanismos que usaba para 'armar' los personajes de sus novelas y narraciones. (...) Pero, sobre todo, nos debía explicar como hacía para que estos personajes no se ofrecieran como marionetas en donde queda explícito la intervención y la dirección del autor. (...) ¿Cómo imaginaba la libertad en seres que dependían de él? ⁴³

É entendido que estas ideias aqui reunidas constituem uma atitude de projecto capaz de ultrapassar os limites do desenho da habitação unifamiliar. A construção de uma ideia de habitação que ambicione reaproximar-se das pessoas deverá necessariamente enfrentar a escala urbana. No contexto da disciplina-satélite do grupo de investigação essa relação explorar-se-ia através do desenho de habitação em altura.

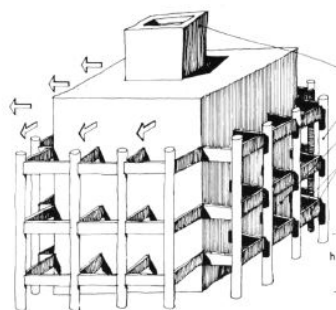
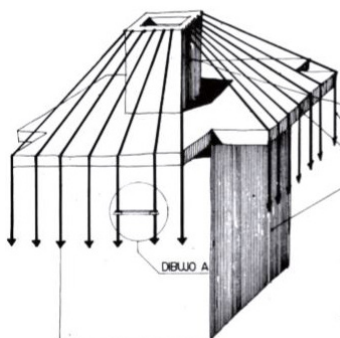
O exercício da habitação plurifamiliar em altura convoca níveis de complexidade não encontrados até-então no desenho da habitação unifamiliar. Questões como as relações urbanas que estabelece, as dinâmicas de vizinhança que proporciona e naturalmente, a nível estrutural. Até que ponto é possível adaptar uma ideia de polivalência que envolva o crescimento e decrescimento livre da tipologia? A resposta pressupõe repensar a própria lógica estrutural da edificação e altura.

A partir de um projecto de César Carli publicado em 1966⁴⁴, propondo uma solução para a habitação em altura assente nas possibilidades da *tensão espontânea*⁴⁵ como lógica estrutural, (por oposição à compressão) era solicitado que cada um imaginasse uma tipologia

43 CARLI, César Luís; 'Breves apuntes para una rebelión: Una experiencia pedagógica'. Santa Fe (Rep. Argentina): Imprenta Maci, 2002 (p. 62)

44 CARLI, César Luís; 'Los Mástiles' (1966), Santa Fe, Universidad Nacional del Litoral, Departamento de Extensión Universitario, Sección Santa Fe, Argentina, 1967.

45 'La ingeniería de puentes y de estructuras que necesitaban salvar grandes luces ofreció una solución realmente imaginativa al disponer de cables tensores que reemplazaron definitivamente la compresión (...) Sin embargo, ese novedoso descubrimiento no fue usado por la arquitectura. La tracción quedó como exclusivo patrimonio de las ingenierías. (...) En síntesis, todo consiste en permitir el libre deslizamiento de los tensores en el interior de las vainas continentes mediante aceites u otro elemento graso, pero tal vez lo más cuestionado, ha sido el reemplazo del gato de tracción por las variaciones de cargas que producirán naturalmente los posibles crecimientos.' in La Casa. El espacio y la distancia, César Carli, 2017 (à data sem publicação).



xxxii. 'Tensão espontânea':
Sistema de vigas e tensores que, de
cima para baixo, suportam as lajes,
admitindo o seu crescimento através do
aumento de elementos portantes

de habitação adaptável, capaz de absorver as casualidades da vida.

Recorrendo ao mecanismo das 'esclusas', antecipa-se o sentido de crescimento, se necessário, recorrendo aos elementos estruturais verticais que poderão ser aumentos de forma a suportar a nova configuração. Desta forma, desenha-se uma tipologia de acordo com as possibilidades de variação, definindo elementos mínimos (wc's, e cozinhas), organizando-se o espaço admitindo a variação do uso, ou mesmo a divisão do espaço em diferentes apartamentos.

A possibilidade de apropriação individual dos espaços da habitação plurifamiliar introduz questões de complexidade alargada, se comparada com a habitação unifamiliar. Como articular a liberdade individual dos moradores na adaptação à sua casa, com os desejos da vizinhança?

A necessária colaboração entre os vários moradores na tomada de decisões de variação dos espaços da habitação introduz uma noção de colectividade no habitar que evoca questões do âmbito socio-político que não se poderão ignorar, sob pena de perante a realidade que se deseja enfrentar, se anularem as ideias predicadas. Isto significa ter consciência de que forma as dinâmicas sociais contemporâneas revelam a necessidade do regresso de um sentido de colectividade no habitar, pela necessidade de partilha da habitação para redução de custos, no reordenamento do alojamento nas cidades como resposta à massificação do turismo, ou em contexto de urgência e precariedade.⁴⁶

A partir da leitura crítica do quotidiano na procura de soluções que permitam e potenciem uma lógica efectiva de colectividade na habitação, integrando as necessidades individuais, a arquitectura da habitação poderá ser capaz de antecipar *um novo contracto social* (CARLI, 2002):

*Any habitat, inasmuch as it signifies a settled place in the world, also signifies a settled place among men. Being in the world is always being with others; a dwelling exists at the same time in the world and at the heart of a collectivity*⁴⁷

46 Txatxo Sabater, Arquitecto e Professor Catedrático Jubilado da Universitat Politècnica de Catalunya, recordava que a lógica de arrendamento temporário como consequência da massificação do turismo, a partilha de habitação por parte de estudantes e trabalhadores de forma a partilhar os custos cada vez mais altos da habitação, denunciam que o futuro da habitação passará necessariamente pela colectividade. Aula Aberta com Txatxo Sabater: 'Habitar na Europa', Programa de Doutoramento em Arquitectura (PDA), Faculdade de Arquitectura do Porto, 10 de Março 2017.

47 BOHR, Marco. 'New forms of collective housing in europe' Basel: Birkhäuser, 2002 (p.37).

Por uma Arquitectura de limites variáveis

Como recorda John Habraken, o espaço da casa não pode ser encarado ou produzido como qualquer outra comodidade, senão como parte de um processo em que o usuário pode tomar decisões dentro de um marco comum de serviços e infraestruturas.⁴⁸

A capacidade na identificação destes *limites* no processo de projecto – saber onde parar – revela-se condição fundamental para um desenho de habitação permissivo, capaz de absorver as dinâmicas do dia-a-dia. À ambiguidade das acções quotidianas corresponderão espaços de usos ambíguos; espaços capazes de admitir que as circunstâncias iniciais para os quais foram organizados se irão alterar.

A *Casa* capaz de ir ao encontro do tempo presente terá que nascer da heterogeneidade; do cruzamento de necessidades várias, e deverá constituir-se como o cenário capaz de suportar o indivíduo ao longo da sucessão dos seus dias, das estações do ano, dos acontecimentos quotidianos enfim, da vida. Por esta razão deverá mostrar abertura em relação à adversidade e possibilidade de reorganização.

Não será por demais repetir: pensar de que forma poderá a Casa adaptar-se ao Homem, mais do que de que forma o Homem reage perante a Casa. Um desenho de *limites adaptáveis*.

*Quizá, todo se trate de una cuestión de límites; más aún de reformular el concepto de límite en la arquitectura actual, que sigue siendo tan rígido, tan duro como en la época de los maestros (...) La casa, a nuestro criterio, es una obra con final abierto; una obra que se va deslizando en un tiempo que pasa y, como el correspondiente a los seres humanos, va dejando su huella sin proponerse. Hasta que, un buen día, la piqueta la haga desaparecer definitivamente.*⁴⁹

48 HABRAKEN, John; 'El diseño de soportes', trad. Indaleci Miras Pardo, Barcelona: Gustavo Gili, 1979, (p. 9)

49 CARLI, César Luís; 'Breves Apuntes para una Rebelión', Santa Fe - Argentina, Imprenta Maci, 2002



xxxii. Venda de doces à porta de casa.
Manaus, Brasil, Agosto 2016





Buenos Aires, Novembro 2015



2. LABORATÓRIO

ANDRÉS REMY ARQUITECTOS





A building cannot simply be described as a list of ideas, nor can a theoretical position adequately generate an architectural work. For this reason, despite articulate attempts, good architecture remains protected from adequate description.(...) Design should not search for a linear rationality which postulates an equally linear design method. It should pursue an attitude (...)

David Chipperfield. Theoretical Practice

Design is messy, not dry.

Idem

O *atelier Andrés Remy Arquitectos*, sediado em Buenos Aires, contava à data com cerca de dezoito colaboradores directos e dedicava-se maioritariamente ao desenvolvimento e construção de residências unifamiliares nos *barrios cerrados* da província¹. Num contexto sócio-económico onde a instabilidade condiciona qualquer tipo de investimento a médio/longo prazo, a particularidade de se construir neste mercado de regras próprias, aliada à baixa média de idades da equipa criativa, permitia e potenciava o exercício constante em volta do tema da habitação unifamiliar.²

O próprio ambiente físico do estúdio assume-se como palco de experimentação. Integrado num edifício de habitação *burguês*³ em constante remodelação, o contacto com a obra e operários é próximo e diário, criando uma singular atmosfera de *estaleiro*, potenciando a aprendizagem dos materiais de construção e sua conjugação. Esta circunstância (à qual se somam as visitas aos diversos locais de construção) enriquece exponencialmente a experiência de desenho, afinando a mão para *riscar à medida da realidade*.

O convite para integrar a fase de concepção de um projecto para uma torre residencial, a ser construída nos Emirados Árabes Unidos, surgiu como um momento privilegiado para testar ferramentas de projecto em ambiente ‘*laboratorial*’ – entenda-se, de variáveis controladas e carácter experimental –, através de uma encomenda privada que *a priori* garantia a execução do projecto.

Abu Dhabi Tower: a encomenda

Esta encomenda apresentava-se como um novo e exigente desafio para toda a equipa em Buenos Aires. Pela sua escala e condicionantes, obrigaria a repensar a metodologia de projecto até então vigente para a habitação unifamiliar.

A possibilidade de integrar o processo de (re)construção de uma metodologia de projecto potencia este tipo de análise *a posteriori*, permitindo reflectir sobre as questões do processo criativo, bem como sobre alguns dos aspectos do ofício do Arquitecto. Concre-

1 Os *barrios cerrados* (ou ‘bairros-fechados’) são urbanizações-condomínio privados. Destes, destaca-se a urbanização de *Nordelta*, a norte na província de Buenos Aires, paradigmática do fenómeno da criação de áreas exclusivas para habitação de luxo nas zonas do delta dos rios Reconquista, Tigre e Paraná.

2 ‘*La inflación superó el 40% en los últimos 12 meses y apunta a cerrar el año con una cifra similar*’ in KANENGUISER, Martín; ‘*La inflación superó el 40% en el último año*’, Lanacion.com.ar. Disponível em: www.lanacion.com.ar/1906277-la-inflacion-supero-el-40-en-el-ultimo-ano. Publicado a 6 de Junho de 2016.

3 Edifício de habitação datado provavelmente do início do século XX, correspondente à época da grande vaga migratória europeia na Argetina, particularmente italiana e espanhola na cidade de Buenos Aires.

tamente, como se parte para a identificação dos meios capazes de constituir uma base de trabalho simultaneamente abrangente e particularmente objectiva na abordagem às problemáticas do projecto.

Importa relembrar as condições de partida, caracterizadoras da prática profissional em Arquitectura no mundo globalizado: o confronto com uma sequência arbitrária de solicitações, segundo parâmetros estabelecidos à margem do mesmo, em contextos longínquos e desconhecidos. O paradigma da *aventura caótica da Arquitectura*, tal como identificado por Rem Koolhaas.⁴:

i. Carácter multinacional da equipa de projecto: colaboradores expatriados em regime temporário, integrando uma equipa local para a realização de um projecto a ser construído no estrangeiro;

ii. Carácter especulativo da encomenda: cliente árabe-emiradense que teve conhecimento do estúdio através de uma plataforma *online* de divulgação de Arquitectura, acumulando aqui o papel de promotor e investidor privado na área do mercado imobiliário.

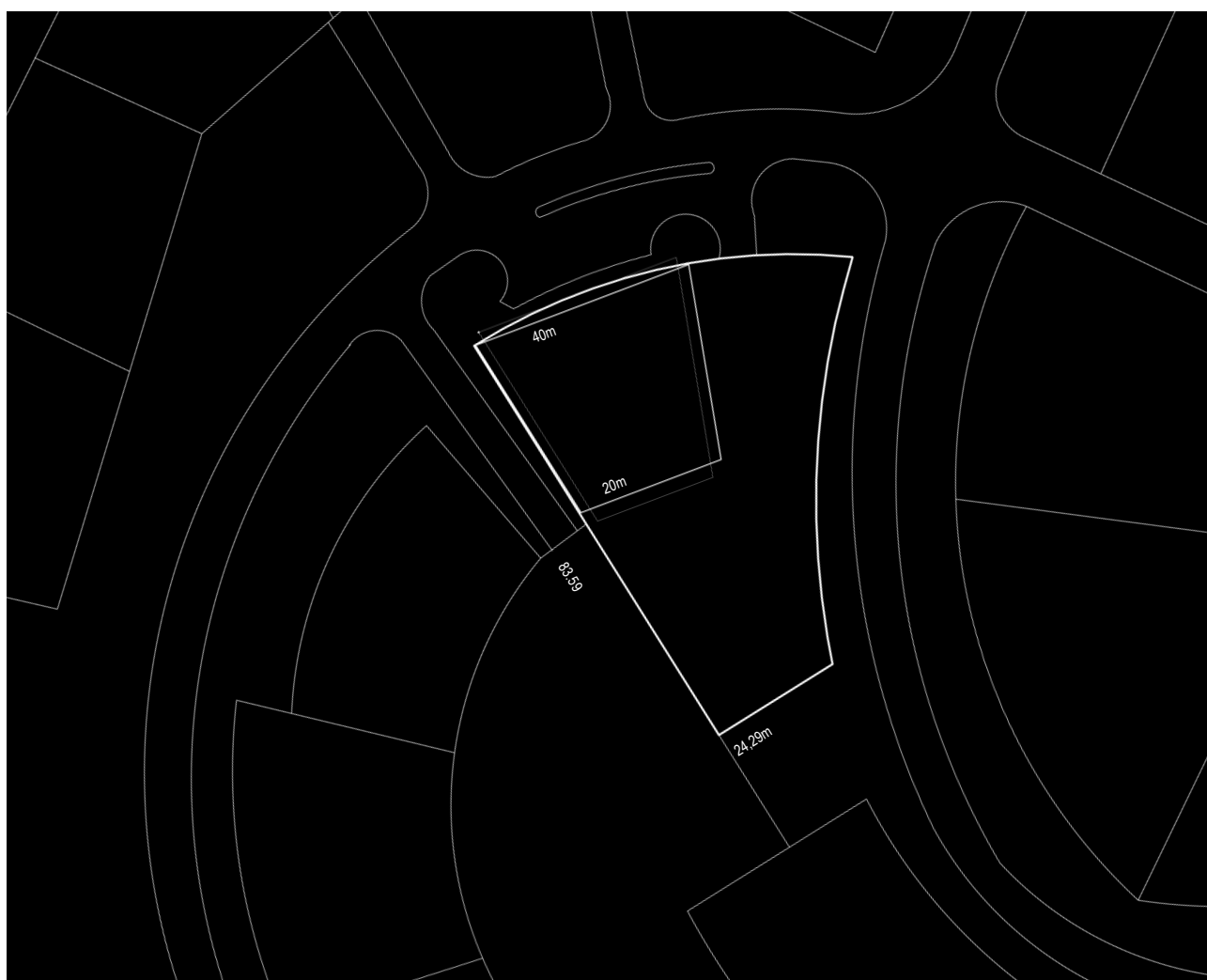
iii. Pelo cenário de construção – Abu Dhabi – se assumir como um dos principais palcos contemporâneos da manifestação da arquitectura como afirmação monumental.

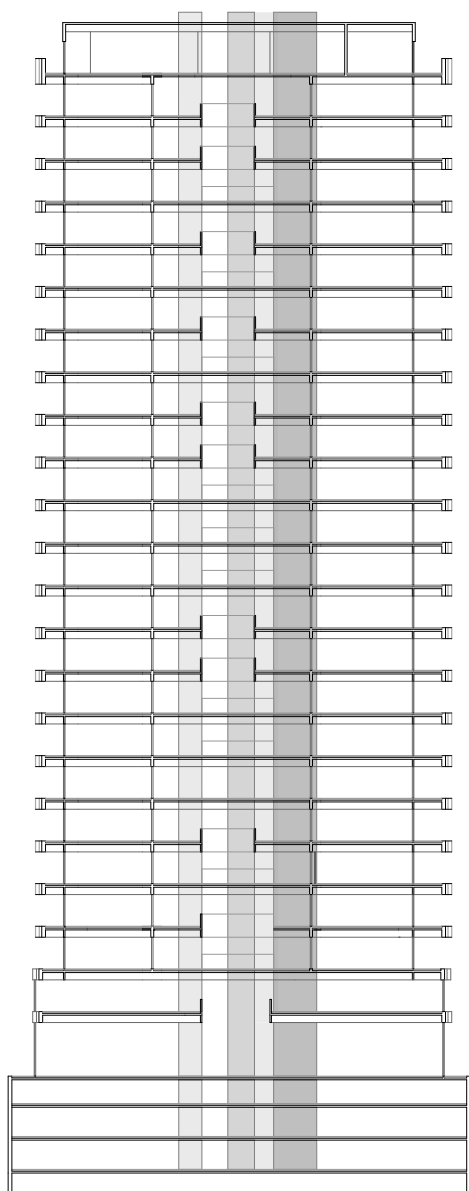
Na transição do meio académico para o contexto profissional, poder-se-ia prever o gradual abandono da abstracção. Isto é, do desajuste entre a conceptualização da ideia e a sua materialização no mundo real. No entanto, perante as circunstâncias expostas, onde o afastamento da realidade onde edificar, da proveniência cultural diversificada dos elementos da equipa de projecto e o cliente, bem como o propósito da edificação (o arrendamento a terceiros), não se estará partindo igualmente de uma realidade tendencialmente abstracta? Clarificando, especialmente num contexto profissional deste tipo, a encomenda do projecto parte em si mesma da construção de uma abstracção.

i. Estúdio/estaleiro.
Fotografia de Ale Peral, Andrés Remy
Arqt's. Buenos Aires, 2016

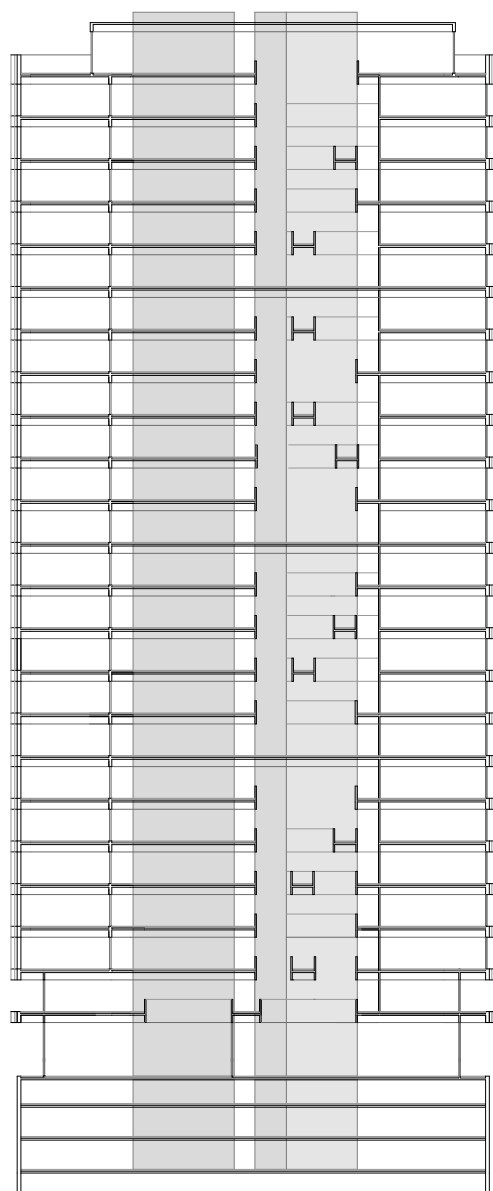
4 KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce – S,M,L,XL: Jennifer Sigler, Outubro 1995, (p.19).





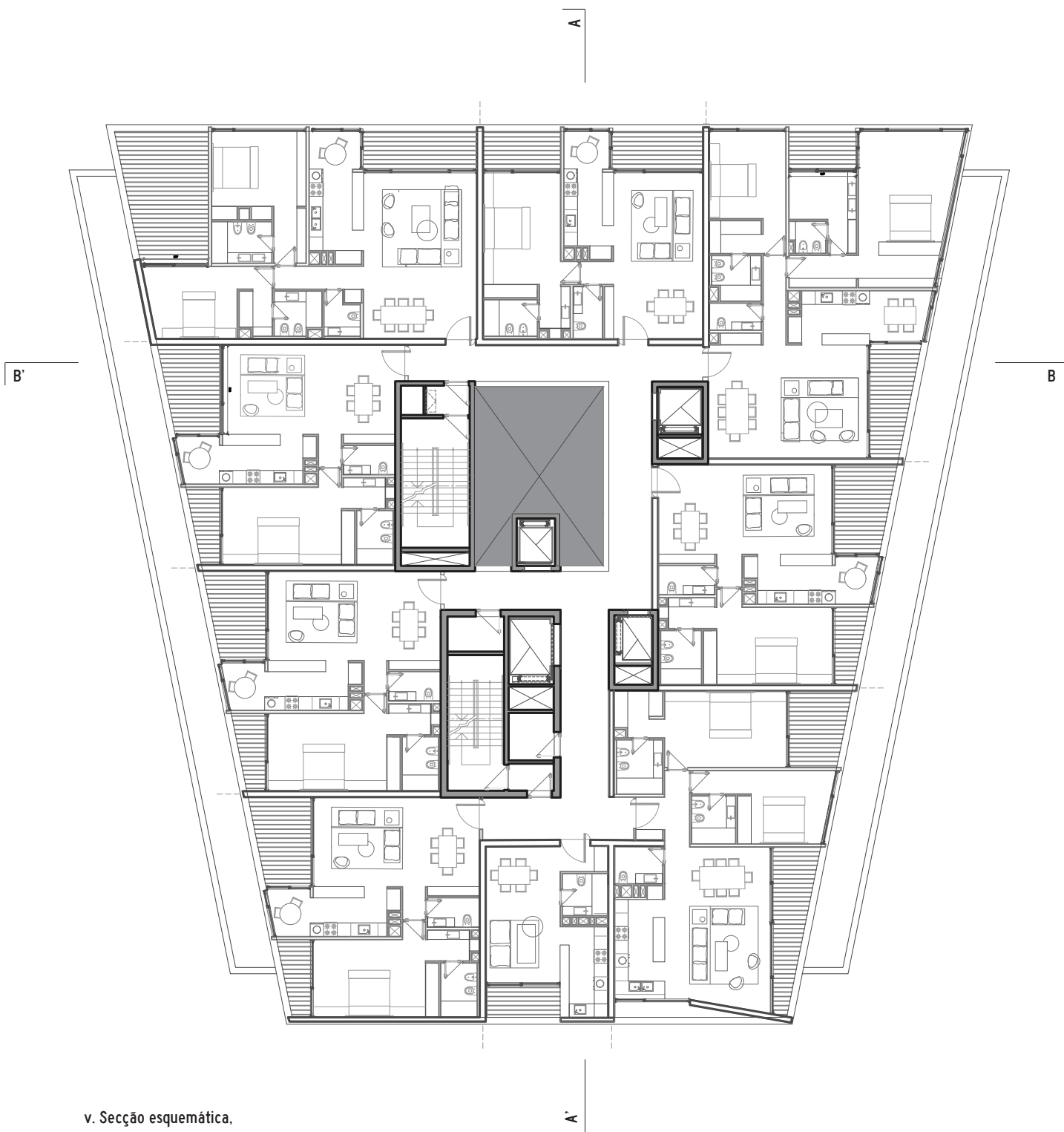


AA'



BB'

iv. Secção; desenhos de estudo
Abu Dhabi Tower, Andrés Remy Arqt's
Esc. 1:500



v. Secção esquemática,
Abu Dhabi Tower
Esc. 1:500

PROGRAMA:

Pódio (2 primeiros pisos):

Espaços comerciais

Escritórios

Sala de convívio

Sala de reuniões

Apartamentos:

(180 a 200 unidades)

Estúdios / Loft40 a 60 m2

Tipologia 1 dormitório70 a 100 m2

Tipologia 2 dormitórios100 a 130 m2

Tipologia 3 dormitórios + dormitório de serviço150 a 200 m2

Duplex 2 dormitórios e 3 dormitórios150 a 200 m2

Estacionamento 240 lugares

Espaços recreativos/concessões:

Ginásio

Spa/sauna

Piscina interior

Terraço/Jardim

Jardim/Piscina exterior



*I love beginnings. I marvel at beginnings. I think it is beginning that confirms continuation.*⁵

Da folha em branco:
inícios

*Começo um projecto quando visito um sítio (...) Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio. Não quer dizer que muito fique do primeiro esquisso. Mas tudo começa.*⁶

A folha em branco é preenchida pela possibilidade das coisas que virão. O *início* significa, de certa forma, o reconhecimento imediato de carências e valências. Isto é, a identificação de desejos de expressão latentes (individuais ou colectivos) no cruzamento com a possibilidade que se apresenta: *começar do zero é uma condição fixa do trabalho em arquitectura*.⁷

Neste caso, o limitado conhecimento acerca do contexto da edificação – Abu Dhabi – e a falta de referências para o desenho de uma torre de habitação, é interpretada como uma oportunidade para enfrentar o desafio sem exageradas pré-determinações formais ou ideológicas. A total liberdade criativa que inicialmente nos foi concedida, permitiu desde logo a formulação abstracta da problemática a dois níveis: metodológico e arquitectónico. Metodológico, no sentido da *maneira de proceder*; arquitectónico relativamente à ideia de *organização do espaço*.

A capacidade de colocar as questões correctas na fase inicial do trabalho, de forma a revelar as problemáticas às quais se deve responder, é do fundamental domínio do arquitecto. Trabalhando para além das exigências do cliente e promotor, cabe ao profissional de arquitectura circunscrever a problemática, para lá dos problemas circunstanciais.

Álvaro Siza Vieira recorrentemente descreve a fase inicial do seu processo de trabalho como a rápida adaptação às circunstâncias, numa mesma sequência de aproximações – *o sítio* (onde o desenho se assume como utensílio crítico para a síntese de informação), *as referências* imediatas (projectos anteriores, obras de outros mestres, pormenores vários), *programa* e o *cliente* (especialmente o cliente informado, participativo).⁸

5 KHAN, Louis I.; *'The Invisible City'*, International Design Conference, Aspen, Colorado, 19 June 1972. In *What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn*, ed. Richard Saul Wurman (New York: Rizzoli International Publications), 1986, p.

6 SIZA VIEIRA, Álvaro; *'01 textos: oito pontos'*. Editor Carlos Campos Morais. Porto: Civilização ed., 2009 (p.27)

7 GRASSI, Giorgio; *'Cuestiones de proyecto'* (1983), in *Arquitectura lengua muerta y otros escritos*, prol. Carlos Martí Arís; Barcelona: Serbal, 2003 (p.39).

8 SIZA VIEIRA, Álvaro; *'A relação entre o esquisso, o trabalho digital e a maquete a partir do início de um projeto'*. Aula Aberta: Faculdade de Arquitectura do Porto, 22 de Fevereiro de 2017.

Esta página, por exemplo,
não nasceu para ser lida.
Nasceu para ser pálida,
um mero plágio da Iliada,
alguma coisa que cala,
folha que volta pro galho,
muito depois de caída.
Nasceu para ser praia,
quem sabe Andrômeda, Antártida,
Himalaia, sílaba sentida,
nasceu para ser última
a que não nasceu ainda.
Palavras trazidas de longe
pelas águas do Nilo,
um dia, esta página, papiro,
vai ter que ser traduzida,
para o símbolo, para o sânscrito,
para todos os dialetos da Índia,
vai ter que dizer bom-dia
ao que só se diz ao pé do ouvido,
vai ter que ser a brusca pedra
onde alguém deixou cair o vidro.
Não é assim que é a vida?

Paulo Leminski. Aviso aos náufragos.

For an architect, Abu Dhabi represents an especially complex challenge. Located on the northeastern part of the Persian Gulf in the Arabian Peninsula, Abu Dhabi has a hot desert climate, being intermittently hit by sandstorms, in some cases reducing visibility to a few meters. With an estimated population of 921,000 (2013), Abu Dhabi shows itself as an multicultural centre with 80% of its workforce being foreign and going for a short time period, building a multi-layered and fast changing society.

On the Architectural scene, Abu Dhabi has been the stage of the most extravagant architectural experiences during past years, both wishing to materialize the country's will to be on the edge of economic and technologic development and to continuous set the bar for the years of Architecture to come, creating a very competitive market that every architect who builds there should have in account.

All of these factors (and much more) draw a particular complex background for an architect who wishes to think what will be better for the future users of the spaces to be created and for its surroundings, working with common sense, complying with the market's rules, attending to the client's needs. Our work process begins built upon these concerns.

Andrés Remy Arqt's. Abril 2016.





*Um sítio vale pelo que é, pelo que pode ou deseja ser.*⁹

Para Álvaro Siza, *nenhum sítio é deserto*¹⁰. A capacidade de identificar operativamente as questões circunstanciais que irão definir o critério de projecto representa desde logo uma síntese especulativa - a antecipação do que *há-de vir*. Através desse processo inicial de procura, a *folha em branco* deverá começar gradualmente a assemelhar-se a um *lugar*, ainda que abstracto, na mente de quem desenha.

Nesta mistura entre *omnipotência e impotência* (KOOLHAAS, 1995), sobra apenas a oportunidade de um posicionamento claro em relação à abordagem da encomenda. Como transportar uma estratégia de projecto assente no *lugar* como desencadeador de todo o processo - ensaiado até então em contexto académico - perante a impossibilidade de visita ao local? Por outras palavras, como *conquistar as bases de trabalho*?¹¹

Neste caso particular, os limites da pegada edificável estavam rigorosamente pré-determinados pelo promotor local, na procura por máxima rentabilidade do edifício e obedecendo às normativas municipais. Assim sendo, libertos da possibilidade de escolha, a análise do sítio focar-se-ia na interpretação da conjuntura urbanística (acessos, normativa municipal, entorno) e nas condições climáticas que directamente afectam a área em causa.

Se nenhum sítio é deserto - mesmo em Abu Dhabi -, a leitura do entorno contribuirá sempre para informar o projecto. As fotografias revelavam um edificado pouco esclarecedor em relação às questões por nós identificadas como fundamentais - a relação das aberturas da fachada com a exposição solar, por exemplo - representando peças de cristal pouco reveladoras de uma ideia espacial. O estudo das plantas e secções dos mesmos confirmara o carácter *sem-lugar* da vizinhança, representando a resposta protocolar à distribuição de fogos e fugas de emergência, na procura da máxima eficiência da circulação em prol do aumento do número de apartamentos.

O sítio possível e as possibilidades de um sítio

viii. Abu Dhabi.
Lat: 24°28'00" N
Long.: 54°22'00" E
[goodfreephotos.com]

9 SIZA VIEIRA, Álvaro; op. cit., loc. cit.

10 SIZA VIEIRA, Álvaro; '01 textos: oito pontos'. Editor Carlos Campos Morais. Porto: Civilização ed., 2009 (p.27)

11 SIZA VIEIRA, Álvaro; op. cit., loc. cit.

É certo que um bom vinho só poderá apreciar-se bebendo (TÁVORA, 1962), isto é, em nenhuma circunstância se imagina que a visita ao edifício se dispensa para a compreensão total das suas características. Por outro lado, essa impossibilidade revela a contradição subjacente: a não-relação do edificado com a sua circunstância geográfica - revelada pelas fachadas indiferenciadas. No que toca à solução material e de circulações, Buenos Aires fornecia exemplos semelhantes.¹² O entorno sugere uma realidade onde, no que toca à edificação, o Homem *quase se esqueceu de si próprio*.¹³

ix, Edificado do entorno, Abu Dhabi /
Puerto Madero, Buenos Aires



12 Tal circunstância não é surpreendente se tivermos em conta o panorama geral da produção edificada no país árabe nos últimos anos.

13 *'Satisfeito com as suas descobertas, fruto da aplicação da inteligência, começa a dar-se um fenómeno extraordinário: o homem deixa de pensar - ou pensa pouco - sobre as consequências das mesmas descobertas e vai até ao ponto de quase se esquecer de si próprio (...) e começa a ser ultrapassado pelas suas próprias criações e mesmo vítima delas'* in TÁVORA, Fernando; *'Da Organização do Espaço'* (1962); pref. Nuno Portas; 3ª ed. - Porto: Faup Publicações, 1996 (p.32).

I began by tinkering around with some old tunes I knew. Then, just to try something different, I set to putting some music to the rhythm that I used in jerking ice-cream sodas at the Poodle Dog. I fooled around with the tune more and more until at last, lo and behold, I had completed my first piece of finished music.

Duke Ellington.

Mestres e Obras: referências

*(...) Los ejemplos, ya se ha dicho, nos enseñan el 'cómo' del proyecto: las modalidades, los movimientos, incluso los artificios: el elemento técnico del proyecto. Y cuando nos disponemos a hacer un proyecto, lo hacemos del mismo modo, sólo que nuestro 'cómo' nos lo construimos haciendo. (...) el 'cómo' de los ejemplos se convierte nada más que en un indicio (...)*¹⁴

Poder-se-ia dizer que no começo todas as *coisas* são potenciais referências.¹⁵ No desenvolvimento de uma ideia, o sucesso inicial depende da força do elemento desencadeador de todo o processo.

Ainda que sujeito ao acaso, também à memória se atribui a capacidade de alimentar a atmosfera criativa inicial. Concretamente, a experiência espacial de cada um dos intervenientes, - *a casa dos pais, a escola, a faculdade* - elementos que não necessitam de tradução estruturada mas que informam, de forma mais ou menos silenciosa, na hora do arranque.

Paralelamente, no momento de *fazer*, a escolha das *obras e dos mestres*, constitui um momento impulsionador. A apropriação de *mecanismos, dos passos, dos artificios* (GRASSI, 1983) no sentido da antecipação das escolhas. Se projectar é problematizar, a apropriação de experiência de outros fortalecerá essa capacidade.

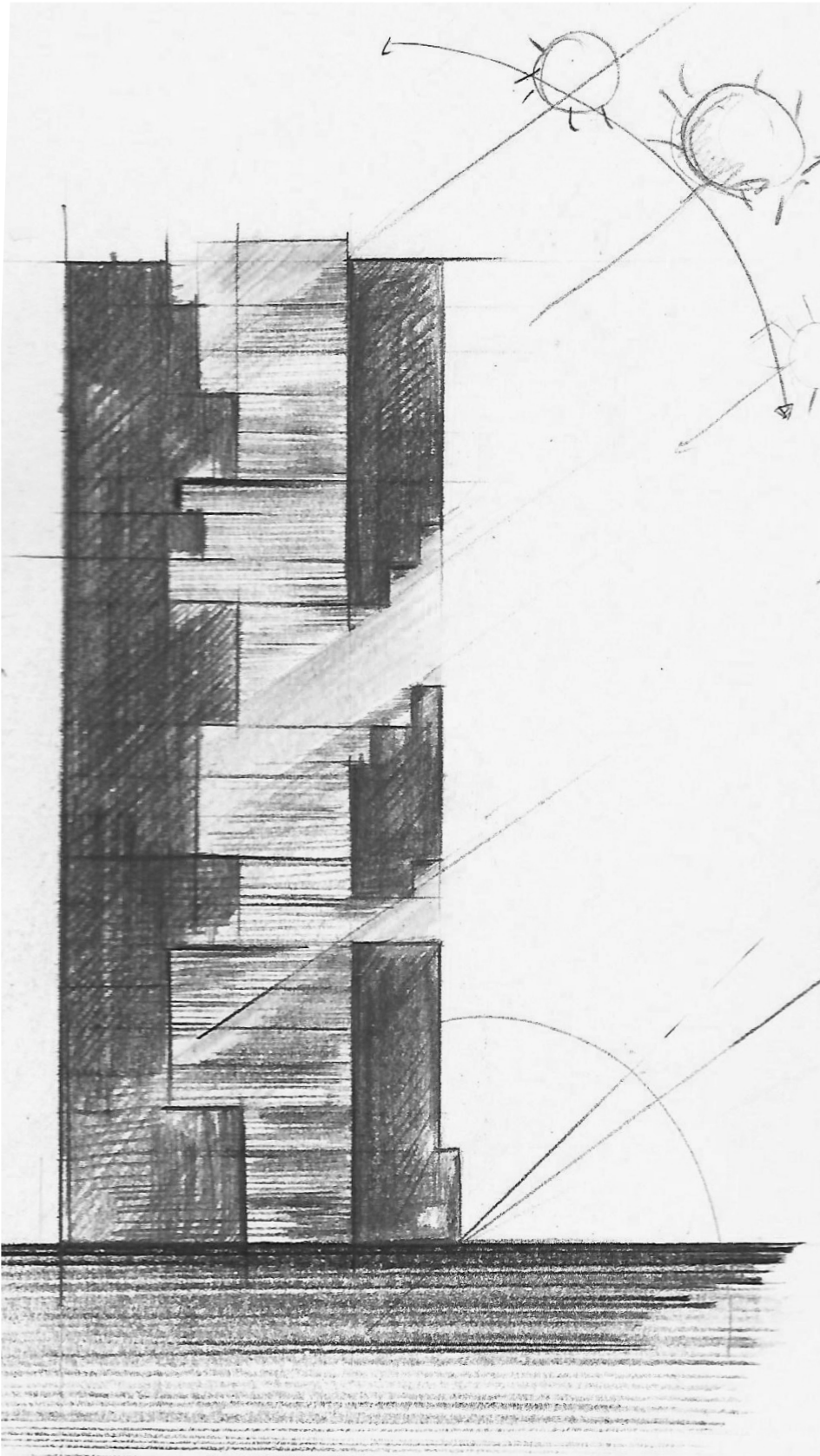
Poder-se-á neste caso de estudo dividir esta questão em dois tipos de manifestação, de importância complementar: as referências escritas - *os mestres* - e as referências construídas - *as obras*. Ainda que os dois frequentemente se sobreponham, revela-se aqui individualmente, pelo menos na fase conceptual sujeita a análise, a importância de cada um no processo de projecto.

Particularmente, a convocação de referências assume aqui um carácter central na aproximação ao *lugar* do projecto. Isto é, dado a impossibilidade de visita ao sítio - um caso-limite, certamente - confiava-se nos sinais contidos nas soluções dos *outros* para uma conformação de uma *ideia de lugar*.

Nesse sentido, através de um exercício livre de pesquisa, reuniam-se alguns exemplos de arquitectura (vernacular e contemporânea) desenvolvidos no mesmo local ou em contextos semelhantes (países árabes e/ou regiões desérticas) capazes de fornecer pistas sobre como lidar com as circunstâncias em causa - *su cómo ante todo*, como colocado por Giorgio Grassi.

14 GRASSI, Giorgio; "Cuestiones de proyecto" (1983), in "Arquitectura lengua muerta y otros escritos", prol. Carlos Martí Arís; Barcelona : Serbal, 2003 (p.39).

15 Idem; Ibidem.



.X

O mesmo autor esclarece que parte do significado possível de ser lido a partir da boa arquitectura, apesar contido na sua forma, a ultrapassa. Isto é, que os aspectos passíveis de serem recuperados operativamente pertencem assim às relações que a forma estabelece com a sua presença, ou seja, a circunstância por ela criada.

Nesta lógica, atentava-se sobre as questões relativas às condições climáticas extremas - um dos principais desafios de se construir em Abu Dhabi.

No plano contemporâneo, as propostas de Hassan Fathy e Rasem Badran, estudados para o projecto em questão, representam uma síntese renovada sobre alguns destes aspectos, ilustrando um diálogo contínuo entre a realidade do seu tempo e as soluções arquitectónicas herdadas, nas suas regiões¹⁶.

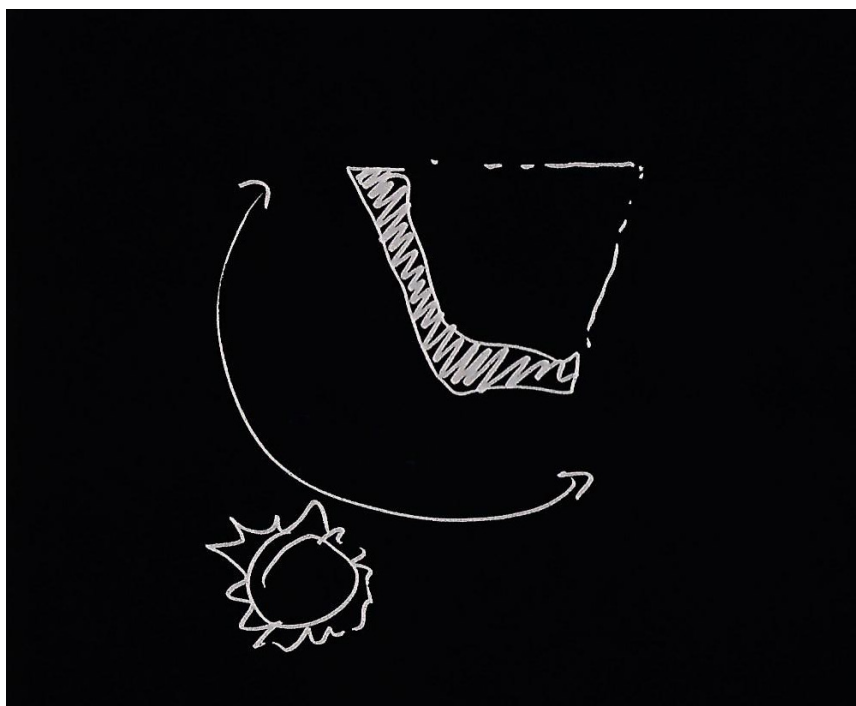
Na obra de Rasem Badran é possível interpretar algumas pistas sobre como lidar com as circunstâncias climáticas, não no sentido das soluções formais (que em pouco ou nada têm que ver com o desafio em causa), mas no sentido da abordagem às mesmas. Isto é, o uso da arquitectura - entenda-se, da organização lógica dos espaços - no enfrentamento à agressão dos elementos.

A importância dada a esse factor em toda a arquitectura vernacular árabe não se revela, portanto, surpreendente. São inúmeros os exemplos de arquitectura árabe que, em vários momentos fascinaram - e talvez por isso - informaram a obra de grandes Mestres da Arquitectura. (Le Corbusier ou Sverre Fehn, por exemplo). As lições da arquitectura árabe reflectem com especial acuidade o esforço do Homem procurando - perante um ambiente agreste - condições de habitabilidade à sua medida. Como colocado por Beatriz Colomina, é na arquitectura árabe onde a *Casa* se converte num verdadeiro fenómeno arquitectónico¹⁷.

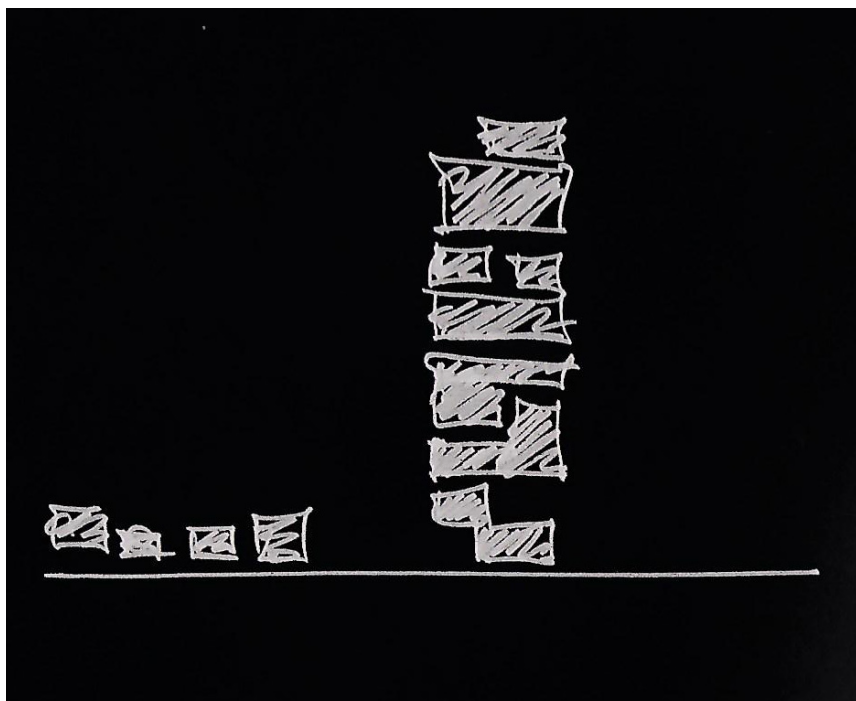
x. Desenho de estudo ilustrando as preocupações com a luz e incidência solar. Andrés Remy Arqt's 2016

16 Hassan Fathy de nacionalidade egípcia; Rasem Badran natural da Jordânia.

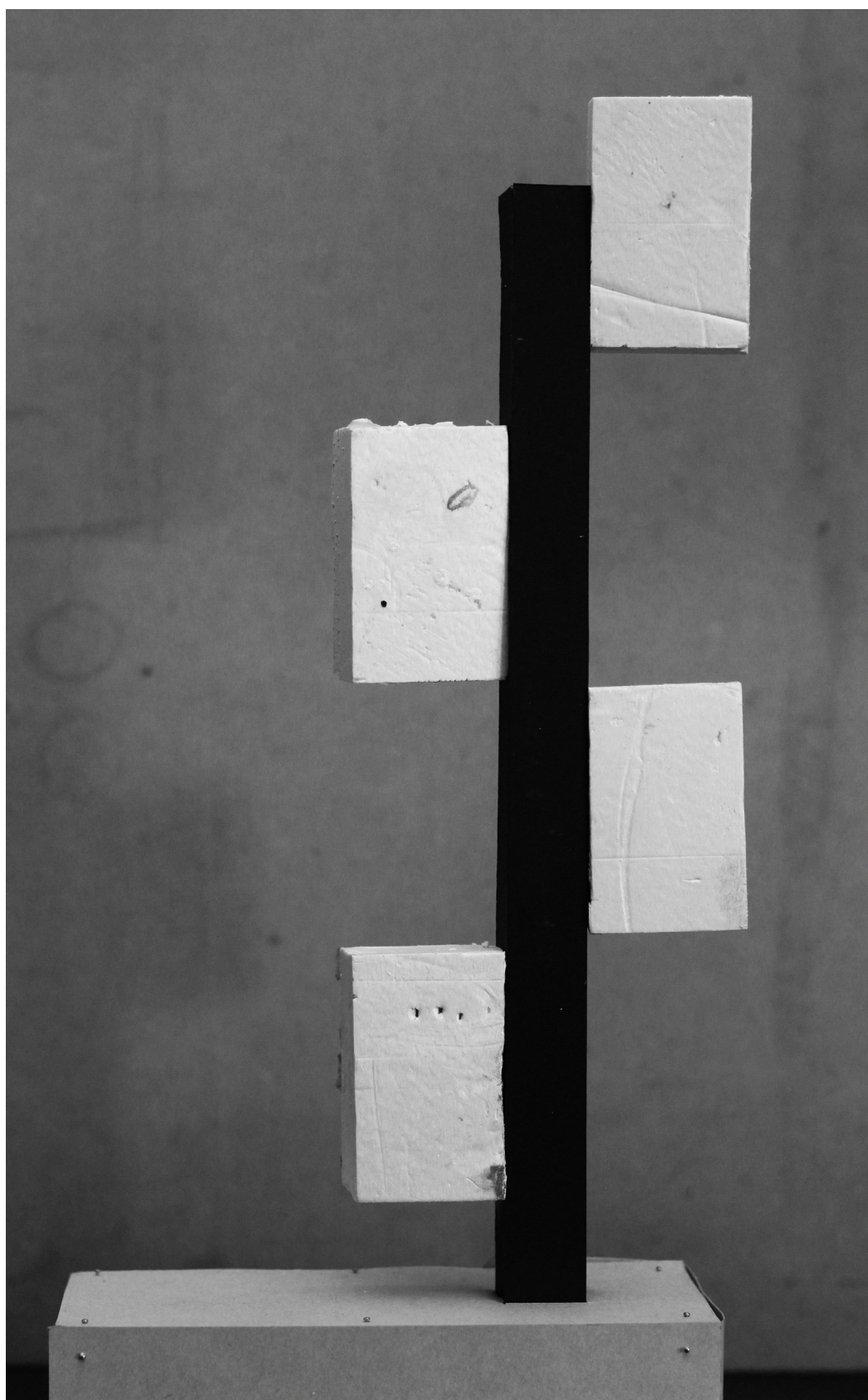
17 «*Arab Architecture gives us a precious lesson. It is appreciated by walking, on foot; it is by walking, by moving, that one sees the order of architecture developing. It is a principle contrary to that of baroque architecture, which is conceived on paper, around a fixed theoretical point. I prefer the lesson of Arab architecture. In this house it's a question of a real architectural promenade, offering constantly changing views, unexpected, sometimes astonishing.*» Alfred H. Barr, *preface to The International Style*, in COLOMINA, Beatriz; *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994., (p. 6).

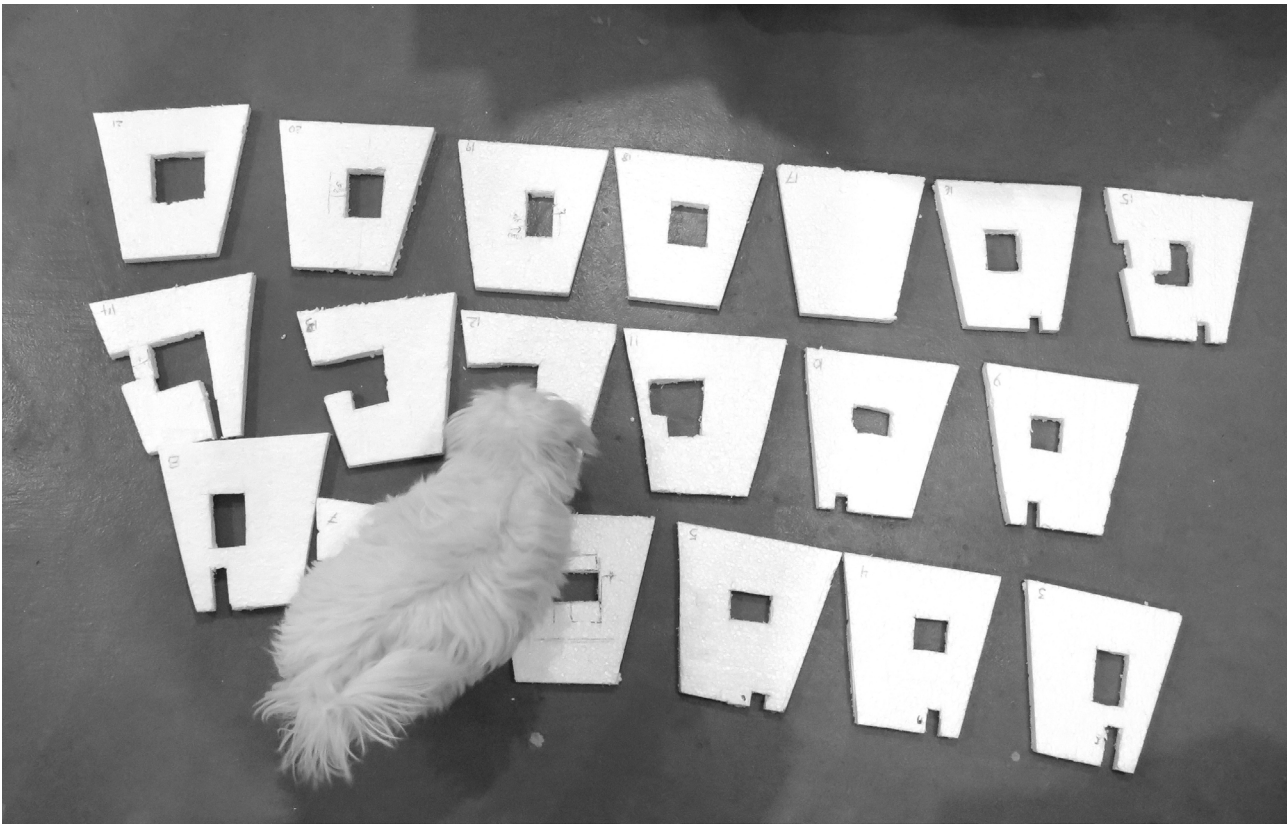


xi.



xii.





xiv.

Typical Plan is an American invention. It is zero-degree architecture.

The architects of Typical Plan understood the secret of business: the office building represents the first totally abstract program - it does not demand a particular architecture, its only function is to let its occupants exist.

xi.

Typical Plan is an architecture of the rectangle; any other shape makes it atypical.

You can only 'be' in Typical Plan, not sleep, eat, make love.

Rem Koolhaas, Bruce Mau .S,M,L,XL

Ao contrário da habitação unifamiliar em terreno livre, o programa da torre de habitação – dada a rigidez dos seus *limites* (em grande parte por motivos estruturais) – coloca inúmeros constrangimentos na procura de relação espacial entre as várias unidades residenciais, e o exterior circundante.

No processo de desenho de uma torre, e se a procura pretende ir para além de padrão de fachada a questão da circulação vertical assume, claro está, um carácter estruturante.

A reflexão sobre a condição vertical da arquitectura permitia, desta forma, questionar que tipo de solução de circulação potenciaria uma melhor resolução espacial.

Aqui operam os escritos de Rem Koolhaas, a respeito dos fundamentos constituintes dos sistemas de distribuição no programa da torre, nas suas variadas interpretações, ao longo da história, no sentido de se entender o *porquê das coisas*.

Importa referir que nenhuma solução, nem mesmo essa, se colocava de parte na fase inicial. Tratava-se precisamente de chegar à solução de circulação *de fora para dentro*. Ou seja, na procura da espacialidade interior que melhor responda às problemáticas identificadas no sentido de constituir uma *ideia de arquitectura*.

Sobre este ponto, o grande condicionamento advinha da normativa e do programa, que em si continham a sugestão do sistema de circulação – a de núcleo centralizado¹⁸ – definindo parâmetros de eficiência de acordo com as regras do mercado imobiliário.

18 A normativa vigente estabelecia uma regra de distâncias mínimas (entre limites perimetrais, por motivos de emergência) aparentemente inflexível.

O programa interpretado

*Así nosotros aprendemos de los ejemplos. Y en el proyecto aprendemos ante todo a atenernos al programa, a no alejarnos nunca de él. Aprendemos a no infravalorar ni siquiera los aspectos más irrelevantes (...) y transformarlos en elementos problemáticos del programa (...) en elementos necesarios del proyecto.*¹⁹

Encarar a noção de programa em arquitectura exige uma atitude interpretativa. Isto é, a tradução de requerimentos utilitários em manipulação formal e espacial em resposta a problemáticas sociais, ambientais, entre outras.

Nesta relação, se a primeira aponta para a capacidade técnica de organização, a segunda remeterá para questões de complexidade alargada. De que forma o programa contém em si mesmo, à partida e juntamente com a normativa, uma problemática extra-funcional, *arquitectónicamente* inteligível?

As solicitações programáticas da encomenda ilustram o seu carácter extremado, traduzindo características culturais e sócio-económicas próprias do contexto dos Emirados Árabes Unidos, nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. A quantificação das áreas, por exemplo, sobredimensionadas em comparação com os padrões ocidentais, bem como a introdução de programas particulares.²⁰

Destinando-se ao arrendamento temporário, com a construção da torre pretendia-se albergar maioritariamente trabalhadores expatriados. O perfil geral do futuro morador assentava em características culturais e sociais abstractas, aos quais se somava uma rotina quotidiana marcada por um regime laboral extremo que, ou mantinha as pessoas distantes da sua habitação devido ao horário alargado e largas distâncias casa-trabalho, ou por outro lado um ambiente de casa-escritório que obrigaria o morador a passar a maior parte do seu tempo dentro da habitação.

xi. Desenho de processo: Esquema de fachada segundo orientação, 2016

xii. Desenho de processo: estudo de fragmentação dos espaços em altura, 2016

xiii. Maqueta de trabalho: estudo da fragmentação dos espaços.

xiv. Maqueta de trabalho. Fotografia de Ale Peral, Andrés Remy Arqt's, 2016

19 Giorgio Grassi, 'Cuestiones de proyecto' (1983), in *Arquitectura lengua muerta y otros escritos*, op. cit., p.39.

20 Ou *Hammâm*, a variante islâmica dos banhos romanos, organizada segundo uma sucessão de espaços contíguos a diferentes temperaturas.

Estes dois componentes - requerimentos utilitários e determinação dos usos - que o programa informa, estabelecem desde logo a necessidade da sua reinterpretação antecipando desajustes entre a solicitação programática e as necessidades reais dos futuros moradores.

Tendo sido somado ao programa a solicitação de que o desenho dos espaços se adequasse à possibilidade de reconversão de habitação de arrendamento para regime de *apart-hotel*, após o período de retorno do investimento inicial revela a necessidade de integrar com precisão as exigências do programa, e de simultaneamente observar os desencontros que poderão levar a arquitectura no caminho da obsolescência surge como fundamental para um desenho capaz de responder às dinâmicas quotidianas dos futuros moradores:

*O desenvolvimento de um projeto pressupõe compreender com toda a clareza o seu funcionamento, mas também fugir dele. Isso explica que um convento feito conforme um programa particular e preciso, possa estar mais tarde em condições de se adaptar a outros programas e funções.*²¹

De que forma a relação com o cliente se pode estabelecer, quando dele não se podem retirar dados que informem directamente sobre as necessidades concretas dos futuro usuário? Isto é, quando o cliente não é o morador, em que plano se poderá estabelecer a colaboração?

Sendo a principal preocupação do cliente a rentabilidade do imóvel, e sendo a preocupação dos projectistas a eficácia dos espaços na satisfação das pessoas que os habitam, haveria que fazer coincidir estes dois argumentos, traduzindo-os em soluções materiais concretas.

Ao longo do processo várias soluções tinham sido ensaiadas e apresentadas para discussão conjunta, constituindo-se a cada reunião com o cliente uma proposta mais acertada ao duplo objectivo.²²

A construção de uma base comum de trabalho depende da capacidade de conciliação entre os vários instrumentos. Ao profissional de arquitectura é solicitado o uso pleno de uma estratégia capaz de, como coloca David Chipperfield, despertar a *tendência estabilizadora da arquitectura*.

21 SIZA VIEIRA, Álvaro; 'Como se o tempo desaparecesse', (Álvaro Siza entrevistado por Laurent Beaudouin), in Álvaro Siza: Uma questão de medida, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, (p. 117).

22 A nível interno chegou-se ao ponto de constituir duas equipas de projectistas que, desenvolvendo ideias antagónicas, procuravam apresentar a melhor proposta ao cliente.

(...) To the harsh climate conditions we respond with a deep study of sun light behavior in order to create the most comfortable atmospheres for each user of the building and adjusting the building facades.

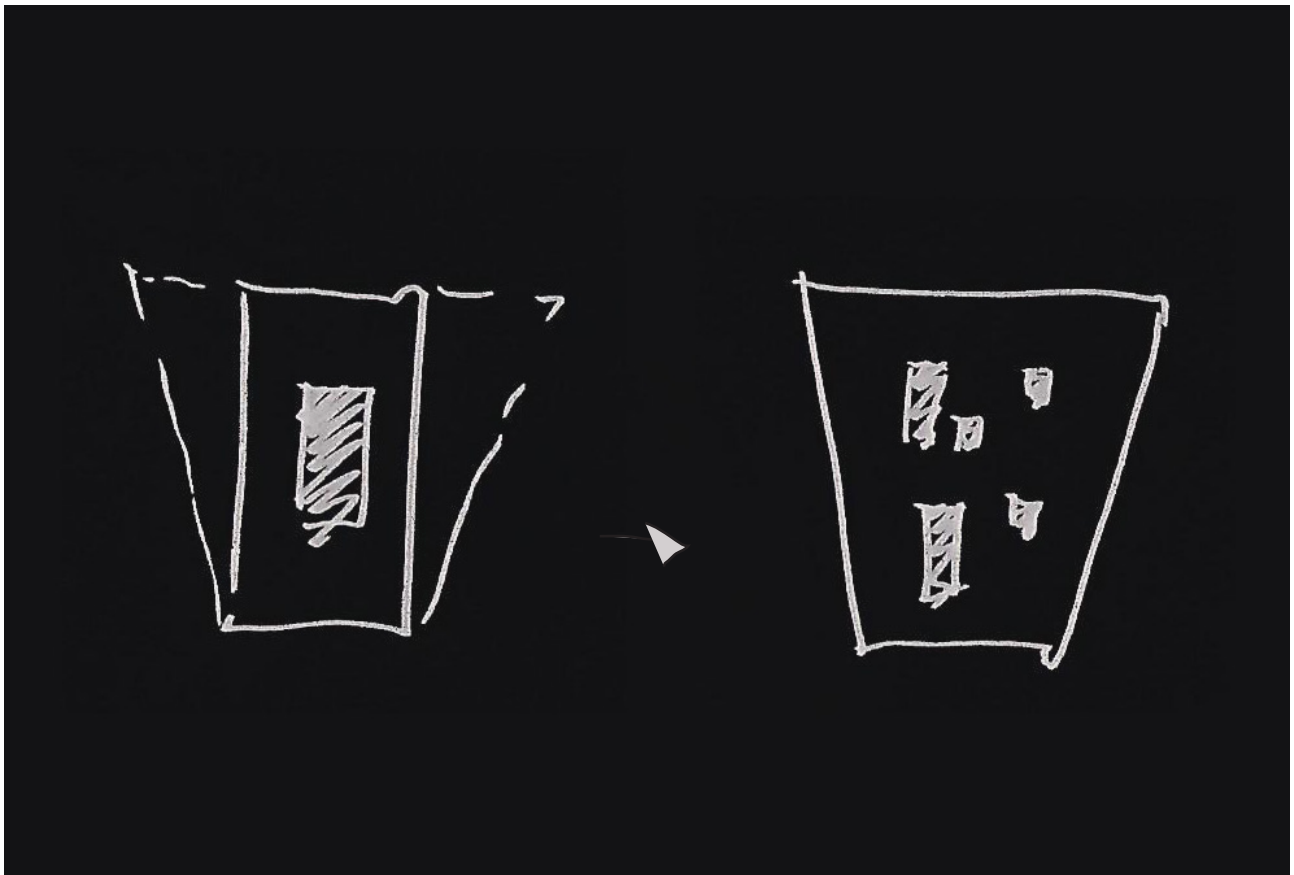
On the social issue, the project aims to reach a real human scale in every sense, creating social gathering spaces throughout the building, promoting the idea of community, breaking beyond the “elevator talk” as the main social happening that may not just be enough for fulfilling the social needs of someone who went working to a foreign country, eager to establish for himself a new social network.

The idea of sustainability comes as a logic consequence of the desire of bringing common sense to this architectural thinking. With the right treatment of facades in each orientation, the possibility of natural crossed ventilation, together with the sustainable use of water and energy resources (allowing the growing of plants) we open space for quality of life within the building social and private spaces, further illustrating the idea of the building as “adaptive living organism”.

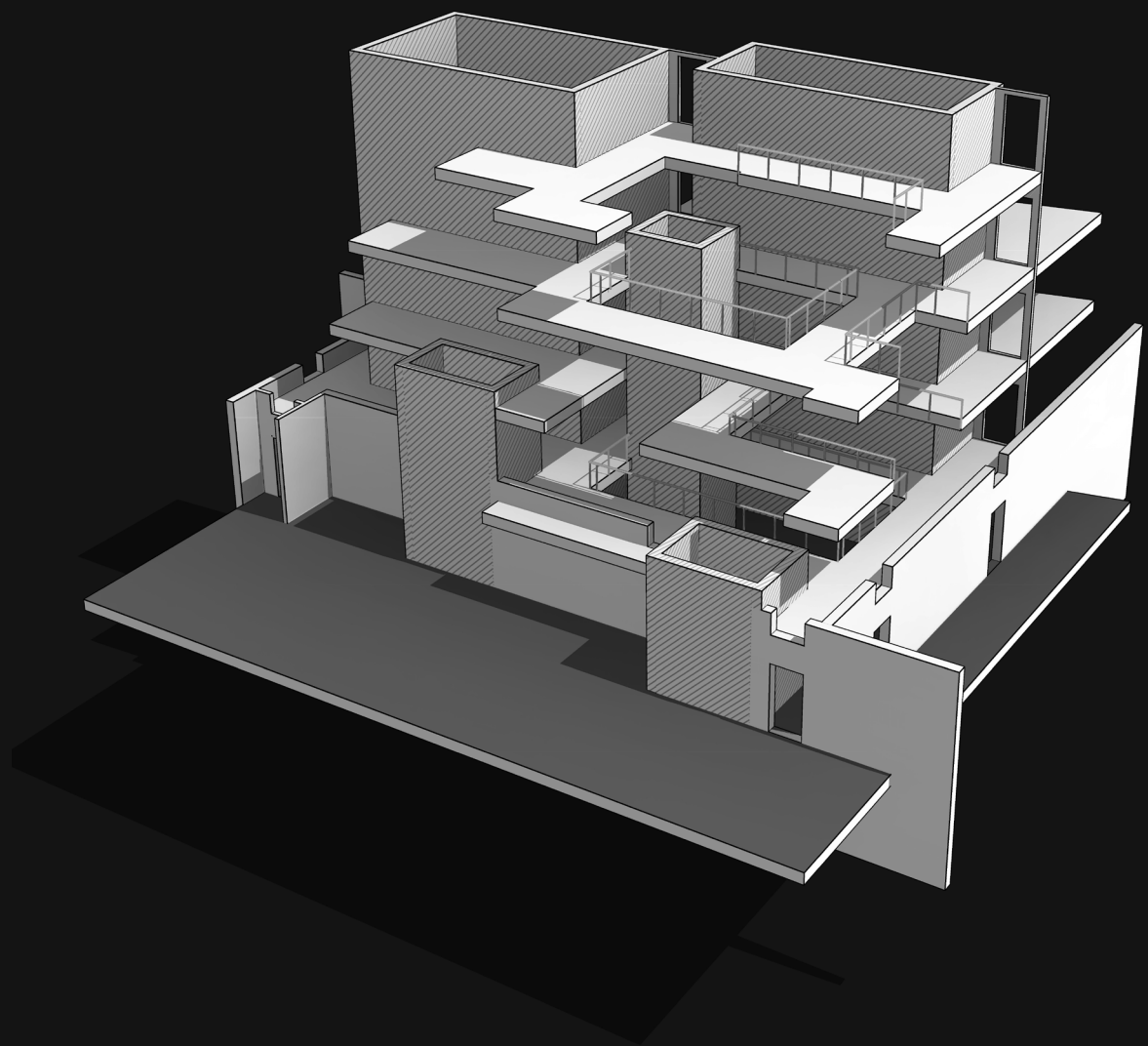
Being aware of the relative small scale of this project on the Abu Dhabi’s background, the goal of promoting the building as an urban reference has to be built upon on how the building will “speak” with its surroundings, reaching the people who will pass by, and identify themselves with the new building.

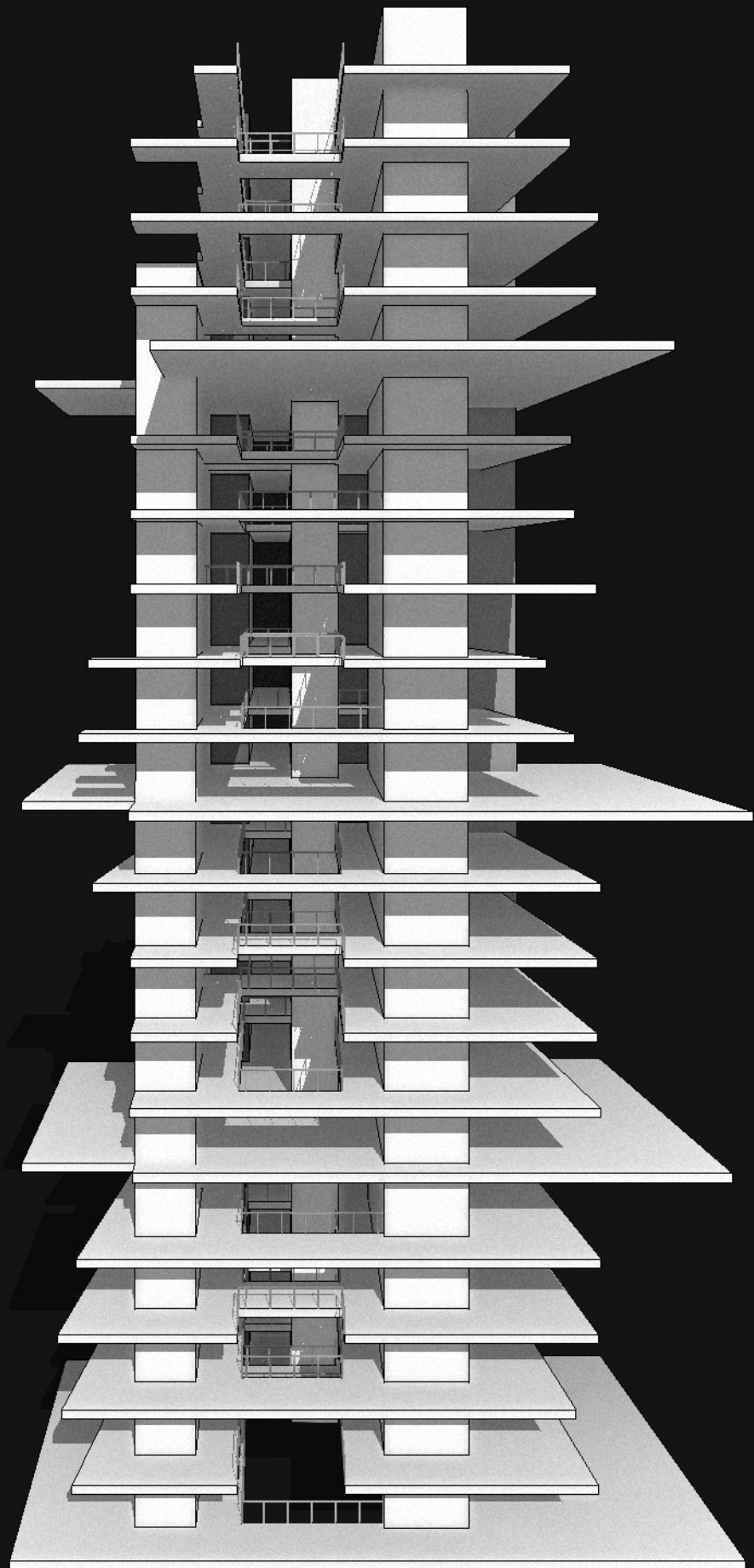
In the end, it is about bringing some of the quality of life experienced in traditional Arabic dwellings, learning from the anonymous collective decisions which time and logic proofed being the wisest response to some of the issues we now face, by always promoting social encounter spaces thought their shadowed streets, but mostly by always retaining the values of the human scale on Architecture.

Notas do autor. Andrés Remy Arqtºs, Julho 2016



xvi.





**El mismo orden creó el elefante y creó al
hombre. Se trata de diseños diferentes**

Louis I. Kahn. El orden es.

Primeira síntese: a 'ordem'

Dir-se-ia que ao momento de síntese corresponde o reconhecimento de uma certa 'ordem'. Por outras palavras, a possibilidade de leitura, em determinado ponto do processo, de características conductoras contidas no projecto, onde cada linha representa – *na sua espessura* –, todas as hipóteses anteriormente rejeitadas.

Este primeiro momento de síntese que aqui se recupera representa uma fase de desenvolvimento intermédia²³. Neste sentido, é aqui oferecida a oportunidade de vislumbrar isoladamente, por contraste, os elementos constituintes da 'ordem'. Isto é, a 'ideia de arquitectura' entendida como as características identitárias do projecto, exteriores aos projectistas, coincidindo com o momento em que o projecto *parece ganhar vida própria*²⁴. Do estudo das questões climáticas e das obras *dos outros* como aproximação ao sítio distante, inventou-se um *lugar* capaz de suportar o processo de trabalho.

A demanda por um desenho de circulação que satisfizesse os temas mencionados (de acordo com a normativa em vigor e com a exigência por máxima rentabilidade por parte do cliente e promotor) traduziu-se numa competição interna no *atelier*, entre duas soluções opostas: uma proposta de núcleo centralizado libertando o máximo de área vendível *versus* o desejo de conquista do espaço interior da torre para o desenho de espaços colectivos²⁵.

Em termos metodológicos, este dado não é de menor importância. Em arquitectura, *se o contrário também é verdade* (TÁVORA, 1962), o exercício constante de oposição no processo de desenho conduz necessariamente à melhoria das ideias. Desta forma, não será totalmente surpreendente que o momento da primeira síntese denuncie elementos de ambas as propostas, inicialmente antagónicas.

xv. Desenho de processo: Esquema de fragmentação do núcleo de circulação
Andrés Remy Arq't's 2016

xvi. Esquema de circulação vertical.
Desenho de S. Jarimba

xvii. Síntese da ideia de circulação:
a fragmentação do núcleo de
circulação criando uma 'rua vertical',
procurando estimular o encontro dos
moradores dentro do edifício.
Desenho de S. Jarimba

23 Sendo o objecto desta dissertação a análise dos processos, outro tipo de abordagem perde relevância. Não deixa de ser relevante, no entanto, o facto de que esta primeira síntese corresponda ao momento em que termina a colaboração do relator desta análise com o estúdio em causa, em meados de Agosto de 2016, por decisão voluntária, num momento em que o projecto, dado o seu avanço, dependia maioritariamente de decisões a partir de Abu Dhabi.

24 'Os projetos em determinada altura começam também a ganhar vida própria. As soluções começam a aparecer quase por milagre.[...] fase perigosíssima. É preciso deixar correr, mas conter, sob pena de se criar monstros.' SIZA VIEIRA, Álvaro in entrevista a Diário de Notícias (18 de Março de 2016) Disponível em: www.dn.pt/artes/interior/no-interior-da-mente-de-alvaro-siza-vieira-5084899.html

25 Quando passados meses de trabalho sobre as a ideia fragmentação do núcleo se levantaram dúvidas sobre a validade do mesmo, uma segunda equipa procurou resolver na solução de núcleo centralizado os problemas encontrados, traduzindo-se em duas semanas de competição interna pela melhor proposta, resultando na adopção da ideia de fragmentação do núcleo.

A proposta consiste na fragmentação do núcleo vertical de circulação, permitindo a exploração do espaço interior da torre para a criação de uma ‘rua interior’²⁶, no sentido de estimular o encontro dos moradores nos vários espaços colectivos criados.

Tratava-se de abordar o projecto evocando temas transversais à arquitectura para além das dependências utilitárias introduzidas pelo programa. Como partir para a organização de uma tipologia que potencie a *ideia* da arquitectura?

A intenção passava por recuperar, na tipologia da torre, a dinâmica social presente na residência unifamiliar, estabelecendo um contraste com as dinâmicas urbanas – na nossa opinião – desajustadas à escala humana, reservando-se o diálogo com a escala da cidade para a fachada e programas semi-públicos.

Alguns factores, de ordem variada, desencadeavam o processo: a decisão de evitar grandes envidraçados e caixilharia fixa e a presença generosa de terraços como espaço de apropriação livre, controlando a luminosidade e contrariando a tendência ‘isoladora’ dos edifícios *curtain-wall*.

Contudo, é a partir de um condicionamento normativo que se dá a aproximação à solução final. Em causa, a obrigatoriedade de se ventilar de forma natural grande percentagem das cozinhas²⁷. Este dado legitimou a decisão em valorizar o espaço da cozinha.

Num contexto profissional onde o parâmetro da eficiência económica é a principal escala de valores, o gesto de ocupar área de fachada com as utilidades secundarizadas pelo programa²⁸ significa atribuir ao espaço da cozinha um carácter simbólico, apesar de utilitário. Isto é, conferir a este ambiente um desenho correspondente a um espaço de convivência.

A questão normativa desencadeou assim a decisão de avançar com o ambiente da cozinha para a fachada. Verdadeiramente, e como explica Grassi, dá-se a *tradução de condicionantes em elemento necessário do projecto*.

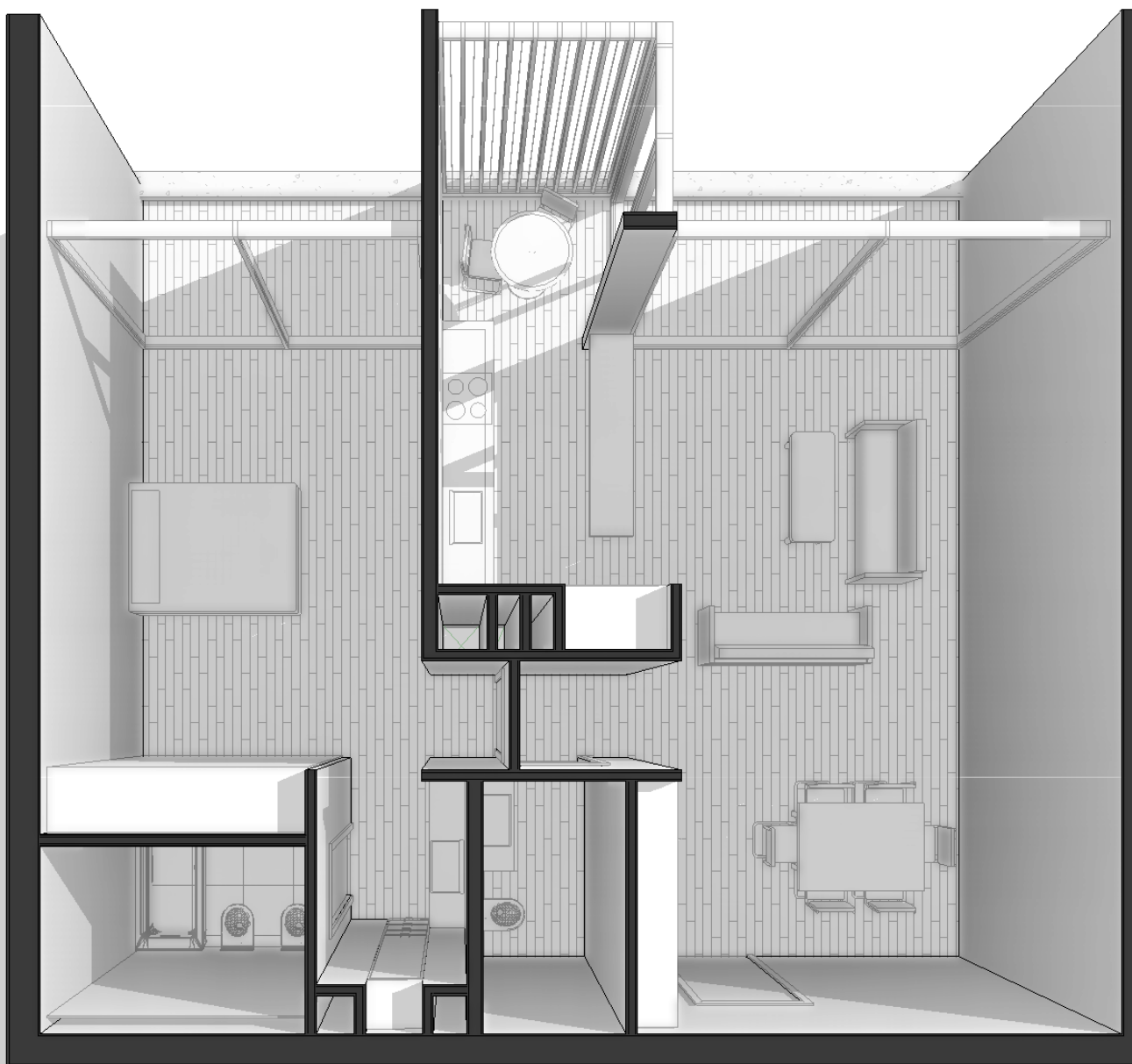
Da ideia de tipologia

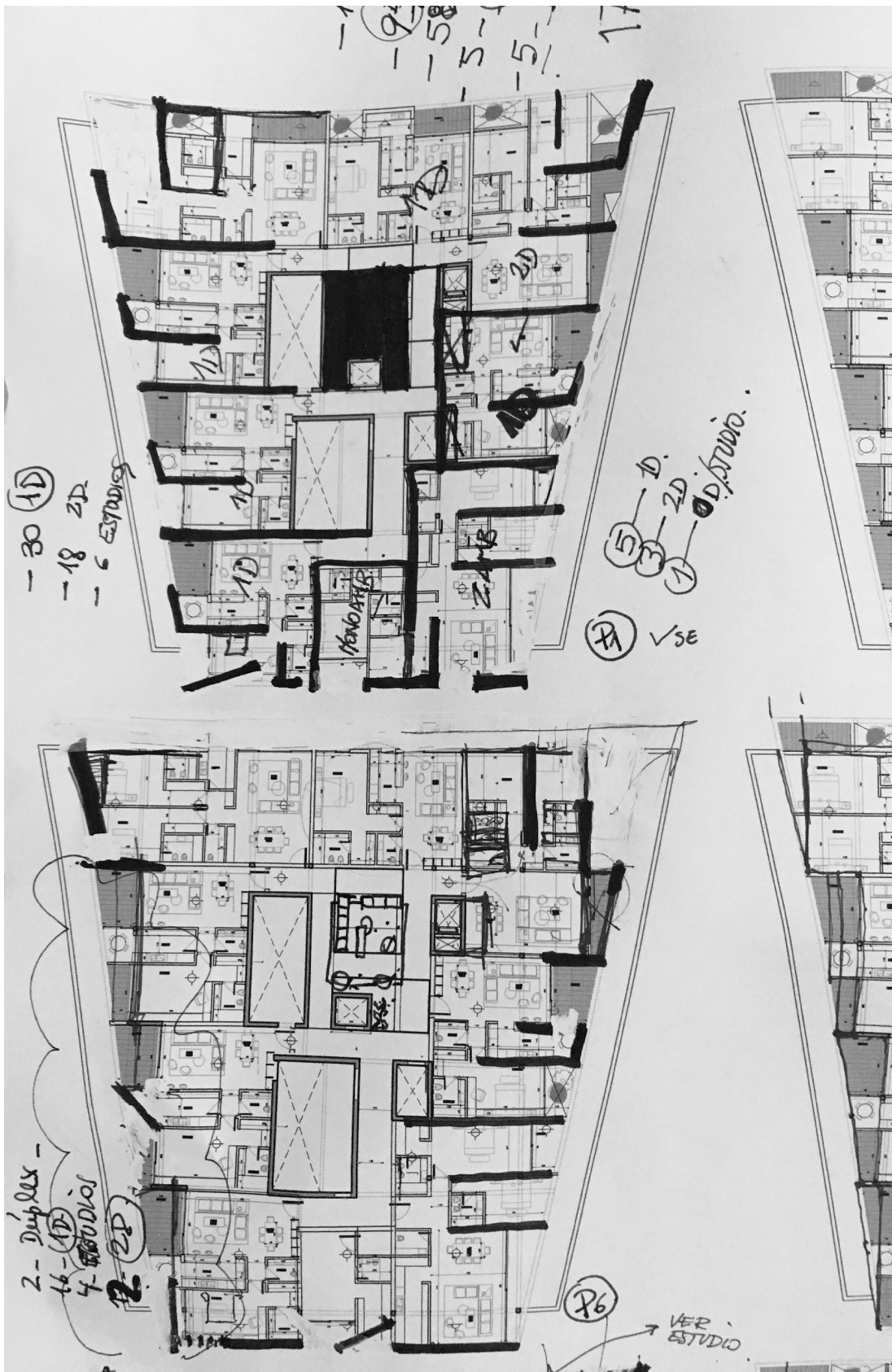
xviii. Tipologia base.
Andrés Remy Arqtºs 2016

26 Poder-se-á estabelecer uma relação com a noção de ‘calle-patio’ introduzida no capítulo anterior.

27 Por motivos de abastecimento energético por parte do Município, o número de cozinhas com fogão eléctrico passíveis de serem introduzidas no edifício eram reduzidas. A solução a gás obriga à ventilação natural.

28 Em particular, o dormitório de serviço onde o programa admitia um mínimo de 9 m² sem possibilidade de ventilação, contrariado posteriormente pelo desenho, encontrando uma solução mais generosa.





Dos limites exteriores

Numa lógica de pensamento *de dentro para fora*²⁹, rapidamente se vai de encontro aos limites exteriores do espaço. Era, neste caso, necessário encontrar ao longo do processo um desenho que, atribuindo um carácter unitário expressivo ao corpo edificado, potenciase a espacialidade interior das residências.

A fragmentação do núcleo vertical, por introduzir um carácter assimétrico, permite uma distribuição das áreas das habitações ajustada à procura por adaptar cada fachada de acordo com a incidência solar ao longo do ano, em cada uma das faces.

A solução consiste na extensão dos muros interiores, moldando-os de acordo com a protecção necessária. Estas 'lâminas', pela sua escala, procuram recuperar a dimensão urbana que as unidades residenciais propositadamente evitam, trabalhando esta fronteira mediadora no enquadramento da relação entre a habitação e a cidade.

Em particular no contexto do caso de estudo em análise, encarar a questão da fachada obriga a reconhecer a crescente importância do tema na produção contemporânea de edifícios. Apesar de ser inerente à própria arquitectura, à medida que a evolução tecnológica vai mudando as formas de percepção da realidade, o problema de *tornar aparente* vai depositando na imagem dos limites exteriores da arquitectura grande parte do seu peso significativo.³⁰

Se por um lado a tecnologia permite hoje integrar no processo de trabalho a possibilidade de especular com rigor sobre os efeitos da incidência solar em aberturas propostas para a fachada, avaliando no imediato as consequências de perda ou ganho térmicas e lumínicas (entre outras tantas hipóteses de experimentação), constitui simultaneamente um risco de afastamento em relação à realidade, se encarada de forma condescendente.

*Architects are working with space without modelling it, with materials without full consideration, and with light without understanding its effects. It is critical that we not only understand what we must do in order to control and discipline our decisions, but that we also appreciate the source of the ideas in which these decisions originate.*³¹

xix. Estudos da relação entre a fachada e as tipologias

29 'É bom que se comece a pensar a pensar nos edifícios de dentro para fora, em vez do contrário'. BUTLER, A.S.G; *The Substance of Architecture*. Londres: Constable, 1926.

30 Abu Dhabi, juntamente com a cidade-vizinha Dubai, tem sido palco privilegiado para a experimentação da expressividade exterior do edificado, nos últimos anos. A cidade é estabelecida através do arranjo de peças edificadas. Desta forma, intervir neste lugar obriga especialmente a ter em conta o que se pretende atingir na concepção da fase exterior do edifício.

31 CHIPPERFIELD, David; 'Theoretical practice'; introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994 (p.42)

NO

NE

JAN

08:00h

10:00h

12:00h

16:00h

18:00h

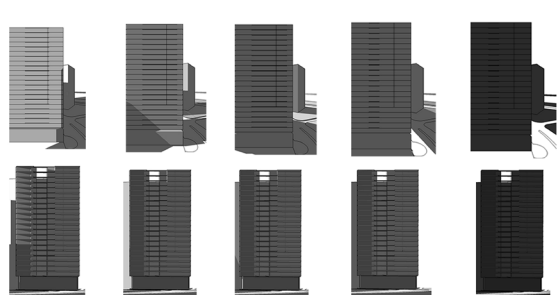
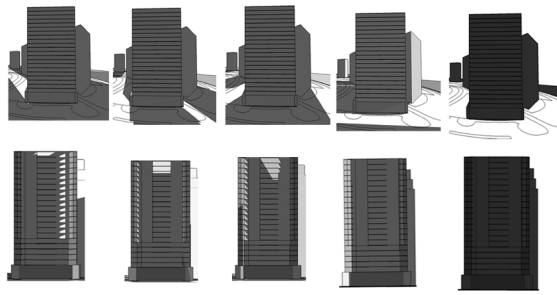
08:00h

10:00h

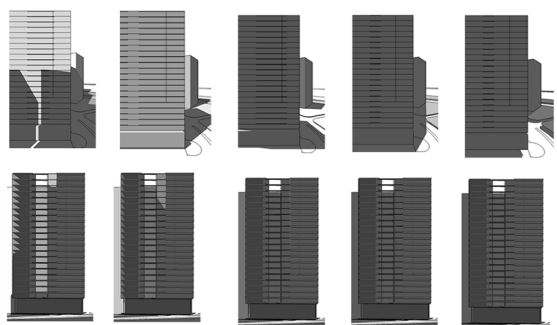
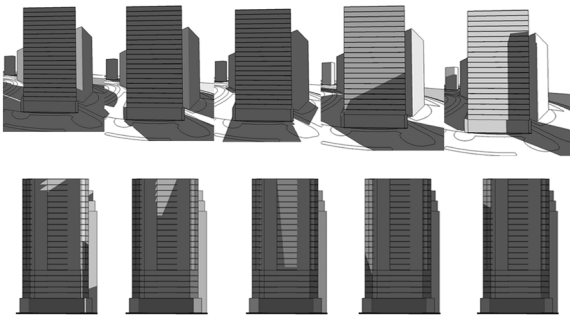
12:00h

16:00h

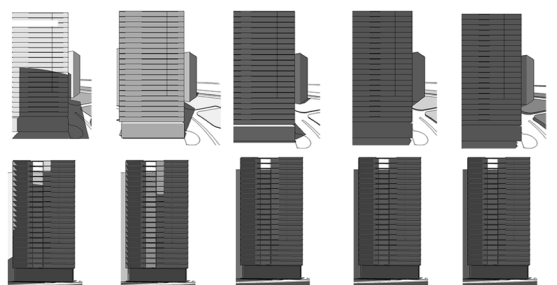
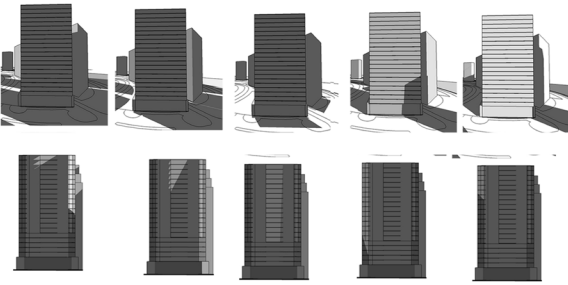
18:00h



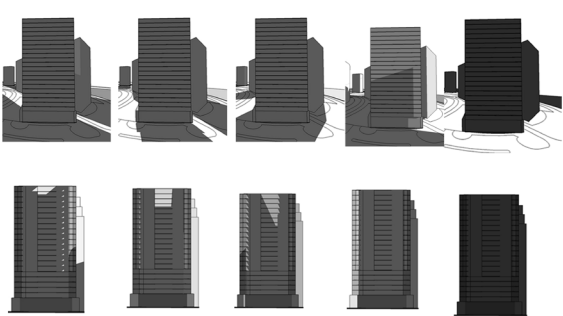
APR



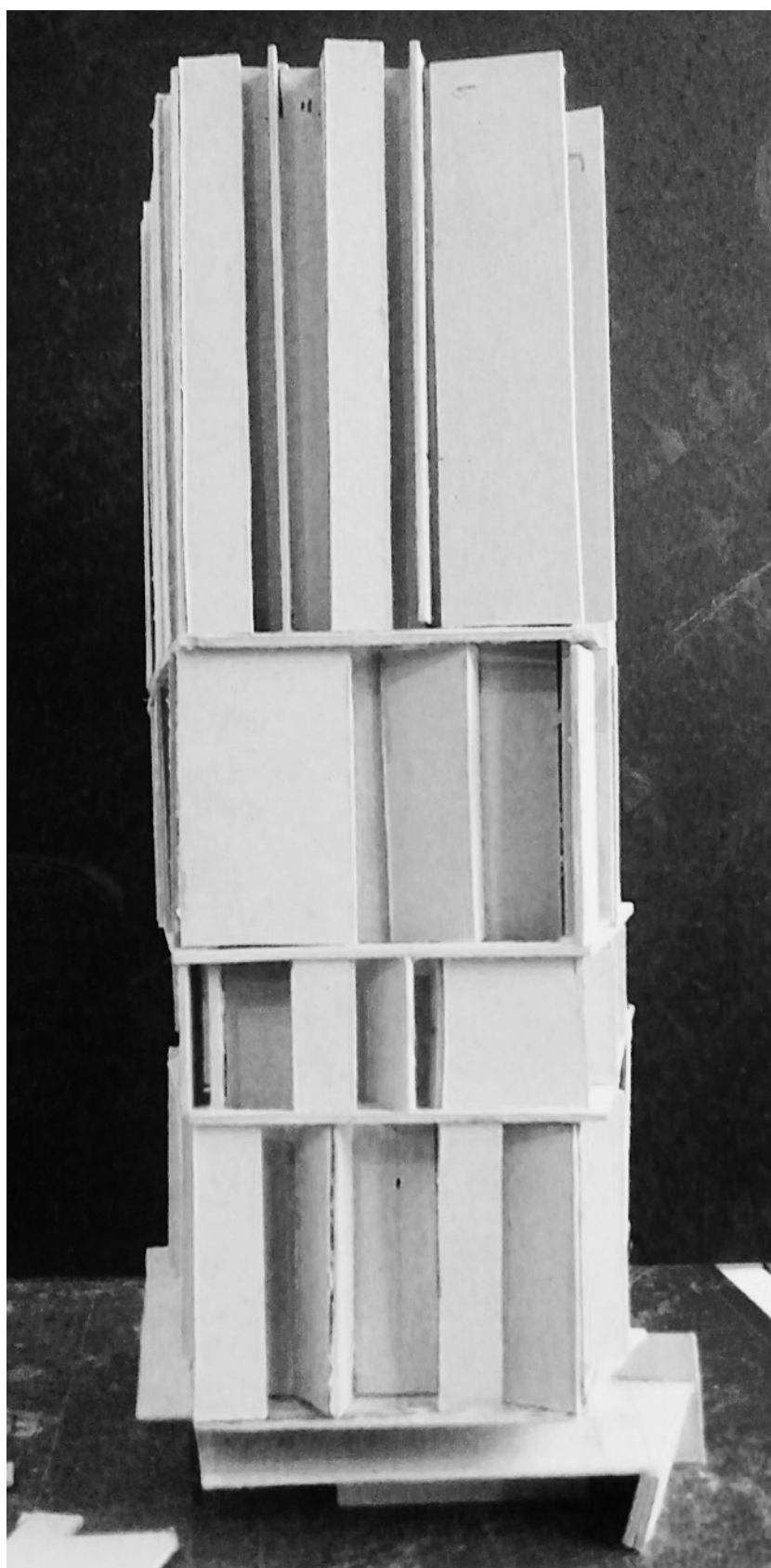
JUL



OCT



.XX



Na prática contemporânea, e à medida que a produção de imagens digitais ocupa cada vez mais um lugar central no processo de projecto, mais os riscos que advêm desta relação pendular se tornam evidentes: a de que mais do que a *representação da ideia*, a questão se esgote na *ideia de representação*.

No contexto de uma encomenda caracterizada pelo distanciamento em relação ao plano da realidade, a abstracção opera duplamente. Isto é, se por um lado o desenho pressupõe a construção de uma abstracção necessária ao desenvolvimento do projecto, é também o desenho a única ferramenta de aproximação à realidade.

Sobre o tema do desenho como representação, e dado que a aceitação dos edifícios depende cada vez mais do sucesso da sua publicação, David Chipperfield relembra que os elementos fundamentais da arquitectura - espaço, matéria e luz - nunca poderão estar contidos numa imagem poderão, na melhor das hipóteses, ser bem representados.

De facto, a *linha* não representa nada, por si só. Mas antes o que ela *limita*, e o que isso representa na organização do espaço, na criação de superfícies e atmosferas sensitivas com as quais as pessoas poderão interagir e experienciar, e que o desenho permite antecipar. Pelo facto de os desenhos se poderem vir a tornar elementos construídos, também estes operam sobre o plano da realidade.³² Mais ainda, perante a evolução de um projecto que em larga medida relativiza a presença do projectista por alturas da construção (a cargo de outras equipas, noutra localização), recai sobre o desenho toda a responsabilidade.

É necessário portanto aprender a dominar a especulação intelectual ao longo do processo de projecto, e sobre a qual o desenho se assume continuamente como a ferramenta privilegiada no estabelecimento de uma ponte entre a conceptualização e a consideração da realidade.

xx. Estudos de incidência solar nos planos de fachada ao longo do ano.
Andrés Remy Arqtºs 2016

xxi. Estudos de fachada, tendo em conta os estudos solares.
Andrés Remy Arqtºs 2016

32 'By the very fact that design becomes built, it is indeed physical.'; Idem (p.39).

Y puesto que el orden en arquitectura es siempre también, a pesar de todo, un artificio (así como el orden de la vida cotidiana es también siempre una convención) – un artificio creado para hacer las cosas más comprensibles – nos preocuparemos siempre de trabajar de modo que demos a las cosas su justo relieve, poniendo en evidencia las diferencias sin eliminarlas, dotándolas de consistencia y credibilidad, de manera que la noción misma de orden salga reforzada. Perfeccionar, sin dejar atrás nada que no se elimine por sí mismo: he aquí un buen lema para nuestro trabajo³³.

33 GRASSI, Giorgio; 'Cuestiones de proyecto' (1983), in *Arquitectura lengua muerta y otros escritos*, prol. Carlos Martí Arís; Barcelona: Serbal, 2003 (p.43).





Santa Fe, Argentina 2015

eu queria tanto
ser um poeta maldito
a massa sofrendo
enquanto eu profundo medito

eu queria tanto
ser um poeta social
rosto queimado pelo
hálito das multidões
em vez
olha eu aqui
pondo sal
nesta sopa rala
que mal vai dar para dois

Paulo Leminski. Eu queria tanto,

3. CIDADE

TALLER LIBRE DE PROYECTO SOCIAL





El lápiz no es inocente.

Fermin Estrella. Taller Libre de Proyecto Social.

**(...) and for a time at least, Architecture
must cease to aspire to the condition of Art.**

Richard Hatch. The scope of social architecture.

A cidade como educação

A disciplina *Taller Libre de Proyecto Social* - impulsionada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Buenos Aires - encontrava na intersecção entre as ocorrências do quotidiano, o estético, o político e o social, a oportunidade de promover a aprendizagem de meios para a articulação entre a academia e o plano da realidade. Das *salas de aula às ruas, do papel à realidade, da reflexão à acção*¹, a premissa da disciplina caracteriza-se pela aproximação às realidades sociais como informante directo na procura de soluções para os problemas urbanos dentro da sua unidade de percepção, neste caso, a cidade de Buenos Aires²:

*Es un espacio de formación y experiencias de integración interdisciplinaria en el que estudiantes, docentes y profesionales emprendemos la tarea de construir otro proyecto para nuestra facultad con una actitud libre y creativa de compromiso con la realidad del país, de la profesión y de los usuarios, buscando en particular que la arquitectura y el diseño lleguen a lugares y comunidades donde nunca antes han llegado.*³

Fundada em 2002, - em plena instabilidade social generalizada na Argentina, no seguimento da *Crisis de 2001*⁴ - proporcionava espaços de trabalho a partir de acordos com instituições de diversos sectores, para acompanhamento de processos sociais nos sectores mais afectados pela crise estrutural e política da sociedade argentina. Aqui, o papel da Universidade, e particularmente da Faculdade de Arquitectura, representa a possibilidade de diálogo entre a Academia e o contexto real, na resposta a urgências sociais e urbanas.

A estratégia pedagógica da disciplina assentava numa lógica de *formação-investigação-extensão*⁵ em regime interdisciplinar, comprometida com as reivindicações populares, entendido como o processo que melhor permite problematizar a relação entre o pensamento, o projecto, e a sua correspondência social.

i. Um dos três acessos à 'Villa 31',
Buenos Aires, Março 2016.

1 *Taller Libre de Proyecto Social*; FADU-UBA, Buenos Aires. Disponível em: www.slideshare.net/tallerlibredeproyectosocial/cuadernillo-1anuario-tlps-2015.

2 'The city as education is the next central task for social architecture' in' HATCH, C. Richard; 'The Scope of Social Architecture'. New York : Van Nostrand Reinhold (p.10).

3 *Taller Libre de Proyecto Social*; idem (p. 15).

4 A chamada *Crisis de 2001* denomina um período de profundo agravamento dos desequilíbrios socio-económicos da Argentina provocando um aumento profundo de desemprego e desvalorização da moeda nacional, tendo como consequência um longo período de instabilidade sociais e política. Disponível em: <http://www.unicen.edu.ar/content/las-causas-de-la-crisis-de-2001>, 6 de Dezembro de 2011.

5 *Taller Libre de Proyecto Social*; idem (p. 14).

AULA MAGNA
FADU - UBA
Ciudad Universitaria
Jueves 15/09
18hs.

Mesa Debate | VILLA 20

Proyectar con los que luchan por la re-urbanización



ESTARÁN PRESENTES

Vecinos | Organizaciones
Técnicos | Legisladores

MODERA: **Prof. Beatriz Pedro**

CONVOCAN



CONDUCCIÓN

CEADIG
de los estudiantes

O direito à cidade e ao solo, o direito às condições materiais de habitação, o direito ao trabalho e educação e o direito à autogestão e à expressão reivindicativa popular, sintetizam as premissas teórico-políticas do grupo de trabalho, conformando os instrumentos para a abordagem aos problemas quotidianos da vida das populações dos assentamentos informais.

Entendia-se que a prática pedagógica dominante nas Faculdades de Arquitectura (incluindo a faculdade onde a disciplina se insere) se encontrava dissociada da realidade, quando perante o persistente aumento da população urbana em condições de pobreza e precariedade habitacional, se restringe e canaliza a formação disciplinar do projecto de arquitectura segundo directrizes e modelos próximos aos do mercado imobiliário (programas, áreas de intervenção, etc), ignorando a necessidade de procura de soluções para o problema da falta de habitação das populações sem acesso ao mercado imobiliário:

*El resultado de la mercantilización del hábitat es desolador (...) Problematizar esa situación en las aulas es la base para la formación de los arquitectos del futuro.*⁶

Reconhecendo na Arquitectura a *manifestação material das instituições que compõe a sociedade*⁷, desenvolviam-se esforços para a compreensão das estruturas que conformam as várias dinâmicas sociais, no contexto da cidade⁸. Desta forma, coordenavam-se grupos de trabalho a partir da colaboração voluntária de estudantes de diversos ramos de formação, que equipados com os instrumentos metodológicos retirados das aulas teórico-práticas, partiam para a realização de trabalhos práticos no terreno.

Encarar criticamente a actividade e a formação dos arquitectos a partir de casos reais requer, portanto, ter como ponto de partida a realidade a enfrentar, articulando-a com uma metodologia projectual capaz de integrar os projectistas e os cidadãos em trabalho conjunto, nas investigações e diagnósticos, estabelecendo premissas comuns para uma base de trabalho colaborativa.

ii. Convocatória para aula aberta
participada. Taller Libre de Proyecto
Social, FADU-UBA. 2016

6 *Taller Libre de Proyecto Social*; ibidem.

7 'To break the code of architecture at the scale of the city is to grasp the structure of society (...) The task of social architecture as form, then, is to make legible the institutions, relationships, and values that are at the heart of social life.' in HATCH, C. Richard; 'The Scope of Social Architecture' New York: Van Nostrand Reinhold (p. 9).

8 'If we can accept the principle that human beings need first to comprehend the world before they can change it, then the ordering of urban activities - the spatial structure of experience - becomes the central concern.' in HATCH, C. Richard; 'The Scope of Social Architecture'. New York : Van Nostrand Reinhold, (p.10).

Realidade: o assentamento informal

É nos assentamentos informais – *villas miséria*⁹ – onde a desigualdade é tornada materialmente visível. Na Argentina, por exemplo, e em particular na província de Buenos Aires onde habitam mais de 13 milhões de habitantes, estima-se que hoje mais de 300.000 famílias vivam em assentamentos informais onde, metade, não dispõem sequer de acesso a uma rede de água potável¹⁰.

Paralelamente, a disseminação dos *barrios cerrados*¹¹, iniciada nos anos 1990, não tem dado sinais de abrandamento, ocupando hoje uma superfície equivalente a quase o dobro da Capital Federal¹², com notória expansão para a zona norte do território.

Estes empreendimentos privados arrastam consigo planos municipais para melhores acessos e transportes, deixando na sombra as populações da zona sul da cidade, por onde se vão espalhando a maioria dos assentamentos informais.

Este processo de privatização dos solos a larga escala atinge igualmente a classe média, já que as movimentações especulativas vão pressionando os habitantes (através do encarecimento dos solos e das rendas) a deixar os centros da cidade, num processo de gentrificação que obriga as populações a acomodar-se num dos extremos, onde os assentamentos informais se apresentam como única alternativa às famílias mais carenciadas.

É neste sector portanto, onde o *Taller Libre de Proyecto Social* pretende intervir. É neste plano que se conforma um cenário privilegiado para o contacto com o processo contínuo da construção auto-gerida.

De facto, a autonomia na acção por parte das populações é uma das características mais representativas da realidade dos assentamentos informais. A informalidade é um lugar complexo e contraditório.

9 Denominação popularizada a partir da publicação de *Villa Miseria también es América*, de Bernardo Verbitsky, 1957.

10 Segundo dados extraídos do *Plan Estratégico de Buenos Aires 2010*, a cidade e a província de Buenos Aires, contando com 3.600 km², e representando menos de 0,15% do território do país, alberga 31% da população com quase 13 milhões de habitantes, com uma densidade de 2390 habitantes por km². Disponível em <http://www.buenosaires.gob.ar/buenosaires2020/plan-estrategico>.

11 explicar

12 CABA - *Ciudad Autónoma de Buenos Aires*, ou Capital federal.

*(...) the poor in some (...) cities of the Third World, often have a freedom of manouevre which has been totally lost by the poor of the decaying cities of the rich world, who are deprived of the last shred of personal autonomy (...) trapped in the culture of poverty.*¹³

Se é certo que a passagem do tempo provoca alterações na vida das pessoas a todos os níveis sociais, é no contexto de insuficiência material e permanente estado de instabilidade que esse factor se revela determinante. Neste exigente cenário de constante adaptação, o controlo por parte das pessoas na organização dos *seus* espaços é a regra estabelecida.

O terreno: 'Villa 31'

O *Barrio Carlos Mujica* – popularmente denominado como 'Villa 31' e 'Villa 31 bis' – assume-se como um dos mais emblemáticos da Argentina, pela sua antiguidade, população e localização (numa zona central da Capital Federal - Buenos Aires). Situada junto à estação ferroviária principal – '*Estación del Retiro*' – e a escassa distância do principal centro financeiro da cidade, este assentamento informal resiste na contradição constante entre o diálogo com a restante cidade (através da forçosa deslocação diária dos habitantes do bairro aos seus postos de trabalho) e o isolamento físico, cultural e social.

O seu aparecimento, entre a década de 1920 e 1930, representa uma iniciativa de ocupação popular a larga escala e resulta da permanência não regulamentada de trabalhadores portuários e ferroviários que, perante a falta de alternativa foram ocupando as áreas adjacentes aos estaleiros da obra.

Hoje, a *Villa 31* conta com cerca de 40.000 habitantes provenientes de várias regiões e países limítrofes, repartindo-se em cinco bairros contíguos¹⁴, onde as vivendas mais altas chegam até aos quatro pisos.¹⁵

13 TURNER, John F. C.; '*Housing by People: towards autonomy in building environments*'; introd. Colin Ward. New York : Marion Boyars, 1991 (p.7).

14 YPF, *Comunicaciones, Güemes, Inmigrantes e Autopista*. Entretanto, num processo de densificação ao qual a promessa adiada de urbanização e regularização estatal não consegue fazer frente, originou-se um outro assentamento, ainda mais precário, denominado de 'Villa 31 Bis'.

15 'Nos censos de 2010 (Instituto Nacional de Estadística y Censos - Argentina), Villa 31 e 31 Bis contava com 7.950 hogares e cerca de 27 000 habitantes. Quatro anos depois, segundo um artigo de opinião no jornal 'La Nación' a população superava os 40 000 habitantes. ROCHA, Laura; 'La La imparable villa 31: casi 50% más habitantes que hace cuatro años'; Lanacion.com.ar. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1640828-la-villa-31-imparable>. Publicado a 23 de Novembro de 2013.



iii.

Faculdade de Direito (UBA)

Avenida Pres. Arturo Illia



31 bis

Villa 31

'camino del trabajo'

Estação Ferroviária
'Estación del Retiro'





iv.

Encarar de forma operativa a realidade dos assentamentos informais exige a capacidade de reconhecer os principais factores envolvidos na perpetuação desta circunstância de urgência. Em certo sentido obriga ao alargamento do entendimento da própria noção de *habitar*, se até aqui entendida apenas tendo em conta o espaço da residência. O contexto da escassez relembra que a realidade do habitar tem que ver com a possibilidade do indivíduo em *inventar um quotidiano*, através da adaptação contínua e constante, a partir dos recursos disponíveis.

Man as a being in the world possesses no original place in it; nor does he have some predetermined biotope that awaits him like some cozy ecological nest; nor yet does he have a specific place on the planet that serves as the objective extension of his instincts. The world into which he is tossed is a world that is at first sight foreign and hostile, which offers no particular, welcoming place to his kind. It is clear, in these conditions, that the human need for a habitation proceeds not only from his technical skills as 'homo faber', and from his passion for building an artificial world within which he can enjoy that spontaneous familiarity with the world which appears to be given to animals at birth, but not to humans.¹⁶

Se não existe habitação sem hábito (BÉGOUT, 2002), isto é, sem a possibilidade de estabelecer um quotidiano, e se para isso é necessário a construção de um lugar, importa reflectir sobre os aspectos que influem neste processo, no contexto da informalidade.

Por um lado as cíclicas tentativas governamentais de erradicação, por outro a pressão do mercado imobiliário que valorizando os terrenos vai enfraquecendo a capacidade negocial das organizações populares no sentido da legalização dos mesmos, constituindo um ambiente de instabilidade permanente, inibidor de qualquer tipo de investimento sustentado por parte dos moradores na melhoria das suas condições de habitabilidade.

iii. Área urbana correspondente à Villa 31 e 31 bis
[<http://argentina.indymedia.org>]

iv. Vista aérea sobre Villa 31 e 31 bis
[diazcortez.com.ar]

16 BOHR, Marco. 'New forms of collective housing in europe' Basel: Birkhäuser, 2002 (p.41)

Aqui, a reivindicação popular pelo direito à habitação conquista posição central para a construção de uma base de trabalho¹⁷, identificando como cruciais questões não passíveis de serem quantificados monetariamente. A reconstrução da memória colectiva como factor de coesão social, a assessoria legal no sentido de preparar as populações em relação aos seus direitos e deveres, correspondem acções que, antecedendo qualquer intervenção de projecto de arquitectura, constituem por si só um alargado processo de problematização.

*The notion of quantifiable measures for human use values must be replaced by matching individual needs with housing – that is, procedures, goods, and services (...) the vital matches have to do with location and access to people and places, with tenancy and transferability, and with privacy and comfort.*¹⁸

Por outras palavras, neste panorama extremado, agir implica ser capaz de recolocar uma série de questões que ultrapassam o imediato reconhecimento da noção de *valor* (do que é ‘bom ou mau’), para identificação dos factores que contribuem para a perpetuação do fenómeno da precariedade.

Quando John Turner – em ‘*Housing by People*’ – analisa a questão do *valor* no contexto da habitação social, demarca a oposição entre o que a habitação *é*, e o que habitação *faz* às pessoas. Isto é, entre o valor material e o valor humano da habitação.¹⁹

O autor parte para a análise da questão encarando esta variante como um factor de satisfação por parte dos usuários em contrapartida com a correspondência à expectativa inicial do investidor (a instituição financiadora, geralmente o Estado).

A primeira, além da questão do conforto, tem que ver com a capacidade efectiva da intervenção arquitectónica em melhorar as condições de vida material e sociais do destinatário, e de conformar um modelo sustentável e duradouro. A segunda, e à semelhança da abordagem do *Taller Libre de Proyecto Social*, coloca a tónica no controlo que é dado às organizações populares sobre as ferramentas que poderão conduzir a uma melhoria efectiva das suas condições de vida, numa estratégia inclusiva.

17 ‘I think this point cannot be stressed enough. The world of today is witnessing a struggle for room, for place, which has supplanted the old class struggle’ (Lussault, 2007) cit. in ‘*The Politics of Habitat*’, Michael Lussault, New forms of collective housing in Europe / Marco Bohr, Birkhäuser, 2002 (p.41).

18 Idem. (p. 64).

19 ‘What it does versus what it is’ in TURNER, John F. C.; ‘Housing by People: towards autonomy in building environments’; introd. Colin Ward. New York : Marion Boyars, 1991 (p.51 et. seq.).

Perante este cenário em constante mudança, com um grande crescimento populacional (de diversas proveniências e gerações) com distintas reivindicações e prioridades, gera-se uma identidade colectiva débil e contraditória que dificulta a construção de uma base comum de trabalho.

Se por um lado se pode estabelecer uma relação entre as tentativas sucessivas de erradicação dos assentamentos informais e a crescente aquisição privada de terrenos para habitação, também dentro destes assentamentos prospera a lógica especulativa, alimentando-se um ‘mercado imobiliário informal’.²⁰

Especulando sobre a promessa governamental de realojamento após erradicação, mais gente se instala no assentamento informal na esperança de lhe ver ser atribuída uma habitação por parte do Estado. Desta forma, tem-se assistido à ocupação massiva, alimentando uma espiral de precariedade, agravada a cada dia, contribuindo para a densificação dos assentamentos.

Esta atitude materializa-se no contínuo sub-arrendamento das vivendas da *Villa 31* a terceiros, dificultando a identificação dos agregados familiares e a necessidades concretas dos seus habitantes, no sentido de estabelecer uma base de trabalho conjunto. Sobre estas - e ainda que toda a ocupação seja considerada ilegal - a quase impossibilidade de identificação dos ‘donos’ das ocupações impossibilita a responsabilização social nos processos reivindicativos.

Este fenómeno, sumariamente ilustrado, representa uma manifestação do desajuste contínuo entre as decisões centralizadas e os acontecimentos quotidianos, à escala da cidade.

A autonomia na produção do espaço por parte dos indivíduos nos assentamentos informais relembra que dever-se-á alinhar qualquer intervenção de projecto tendo em conta as dinâmicas quotidianas dos seus habitantes, sob pena de ser constantemente ultrapassada.

*This problem is exacerbated by the opacity of the city - a product of the segregation and separations that delimit experience.*²¹

20 ‘una casa de dos pisos con 40 m² cotiza por encima de los 200 mil pesos [€ 11,8600], mientras que las piezas de entre 15 m² y 20 m² para la venta están entre 60 mil y 80 mil. [€ 3,5580 / 4,7440]’ in ‘Urbanización: cuánto cuesta una casa en la Villa 31’; [diariopopular.com.ar](https://www.diariopopular.com.ar). Disponível em: <https://www.diariopopular.com.ar/general/urbanizacion-cuanto-cuesta-una-casa-la-villa-31-n204734>. Publicado a 1 de Outubro de 2014.

21 HATCH, C. Richard; ‘*The Scope of Social Architecture*’. New York : Van Nostrand Reinhold (p.7).

Equipar os representantes populares com o conhecimento dos processos legais, bem como reforçar a capacidade de comunicação entre os vários grupos do assentamento (composto por diversas faixas etárias e várias nacionalidades²²) e o poder central, revela-se determinante no sentido de estruturar a capacidade reivindicativa das populações na luta por um lugar na cidade, comprometendo-os no processo de resolução dos problemas do bairro.²³

A capacidade de identificar *quem decide o quê* (TURNER, 1977) é neste cenário elemento fundamental. Nesse âmbito, o conhecimento da Lei e dos seus intervenientes, o conhecimento da história (compreendendo causas e efeitos dos fenómenos que contribuem para a perpetuação da instabilidade e precariedade) são reclamados pelo *Taller Libre de Proyecto Social* como instrumentos de trabalho.

De facto, apenas estruturando uma base de conhecimento partilhado será possível atribuir sentido aos desejos de colaboração para melhoria da condições de habitabilidade nos assentos informais.

Através de diferentes suportes gráficos e audiovisuais, eventos e jornadas de trabalho colectivo, foi possível evocar os acontecimentos passados como mecanismo de resolução dos temas que afectam a actualidade, retirando-lhes o carácter de acontecimento isolado, encontrando assim uma dimensão capaz de traduzir a evolução das circunstâncias, informando as populações sobre como tomar posição para a resolução concreta dos problemas quotidianos.

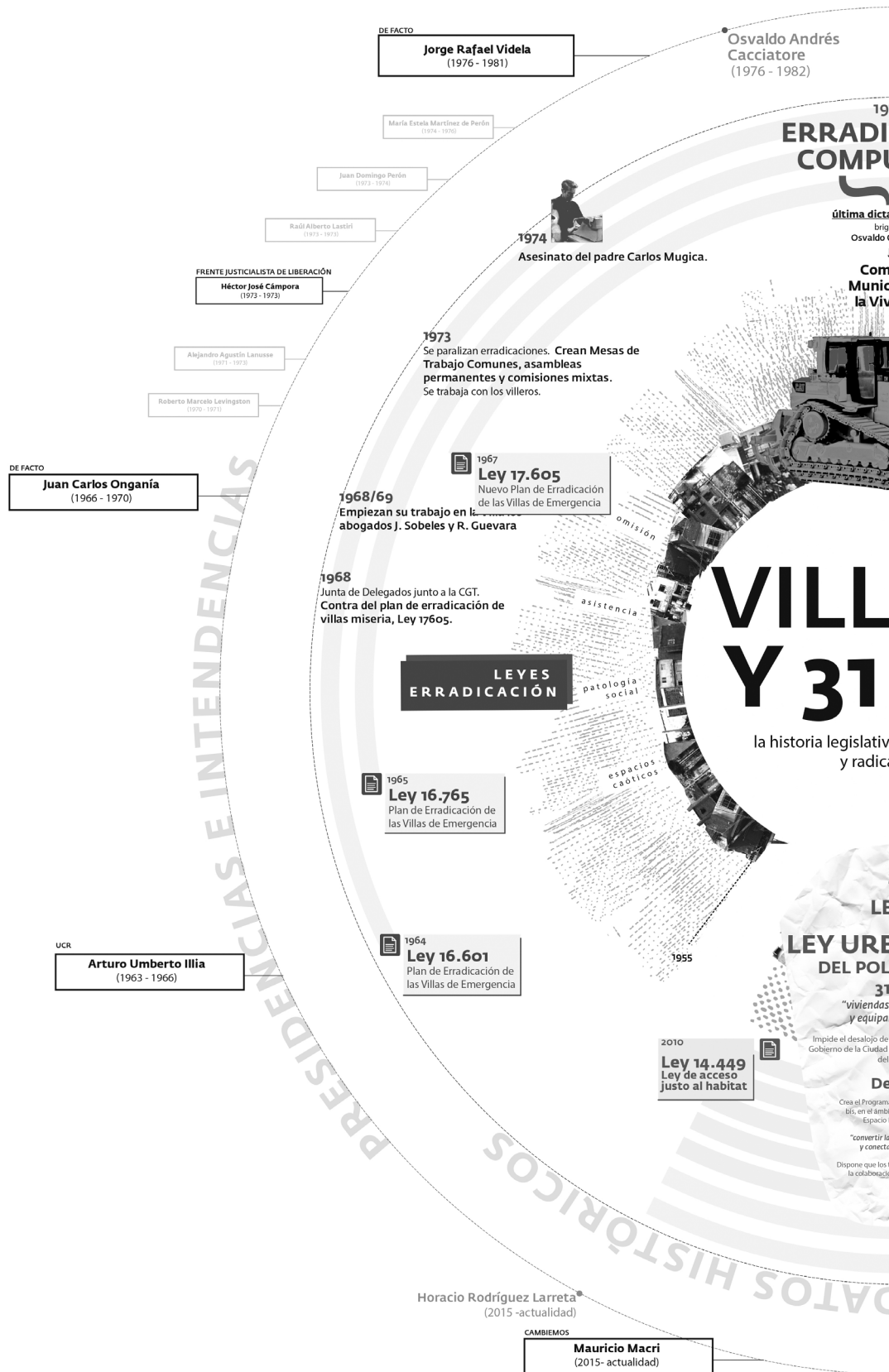
Cruzando o estudo da Lei com a consulta popular, tratou-se de mapear e discutir junto dos moradores os acontecimentos legais que têm tido lugar desde o aparecimento do assentamento, de forma a melhor informar a generalidade dos habitantes da *Villa 31*. Assim encontrou-se no exercício de *reconstrução da memória colectiva* dos acontecimentos legais, a possibilidade de alargar as de participação da população a nível horizontal e vertical:

*A participação horizontal é aquela que prende homens de uma mesma geração, enquanto que a vertical prende homens de gerações diferentes em obra que se processa ao longo de um período de tempo que ultrapassa a dimensão da geração.*²⁴

22 Estimando-se que metade dos moradores sejam argentinos, os restantes são oriundos maioritariamente do Paraguai, Bolívia e Perú.

23 Em 2009, através da colaboração com a Universidade de Buenos Aires, é publicada a *Ley 3343*, prevendo a legalização e urbanização da *Villa 31* e *31 bis*, através de um processo participativo.

24 TÁVORA, Fernando; *'Da Organização do Espaço'* (1962), pref. Nuno Portas. 3ª ed. - Porto : Faup Publicações, 1996 (p.21).



ACCIÓN PULSIVA

adura militar
adier
saciatore
a través de

misión
ipal de
ienda

A 31 BIS

a de erradicación
ación

2009

LEY 3.343

ANIZACIÓN IGONO VILLAS Y 31 BIS

desarrollo productivo
miento comunitario"

los actuales vecinos y compromete al
a dar una solución habitacional dentro
predio a urbanizar.

creto 495

a de Mejoras para las Villas 31 y 31
to del Ministerio de Ambiente y
Público, con el objetivo de

s villas en barrios integrados
ados al resto de la Ciudad".

trabajos de mejoras se realizan con
on con cooperativas de trabajo.

Guillermo J.
Del Cioppo
(1982 - 1983)

1979/80

Con ayuda del sector comprometido de la
Iglesia se crea la cooperativa Copacabana
en Jose C Paz, destino de
algunos de los desalojados de la Villa 31.

1982

La comisión de demandantes a
través de su lucha gana un juicio a
SEGBA (empresa proveedora de luz)

Julio César
Saguier
(1983 - 1987)

1983

Finaliza la dictadura militar y
comienza la democracia.

UCR

Raúl Alfonsín
(1983 - 1989)

Facundo
Suárez Lastra
(1987 - 1989)

FRENTE JUSTICIALISTA DE UNIÓN POPULAR

Carlos Saúl Menem
(1989 - 1995 / 1995 - 1999)

1977

Se deroga la ley 17.605

por la

Ley 21.581

Plan de Construcción y
financiación de viviendas

→

luego sale

←

voluntariado

Ley 8912

Ley de ordenamiento
territorial y uso del suelo

1989

Ley 23.697

Ley de Emergencia
Económica

1983

1984

SE DEROGAN
TODAS LAS LEYES
DE EXPROPIACIÓN
Y RADICACIÓN
DE VILLAS

1990

Decreto 1.001

Le otorga la propiedad
de la tierra a los habitantes
(transferencia de tierras fiscales
a los ocupantes).

1991

Ley 23.967

Programa Arraigo

LEYES
RADICACIÓN

omisión
regulación

1996

SE SANCIONA LA
CONSTITUCIÓN
PORTENA.

ART 31 LE OTORGA
A LA RADICACIÓN
EL ESTATUS DE
DERECHO
CONSTITUCIONAL.

1998

Ley 148

De Atención prioritaria a
la problemática social y habitacional
en las Villas y Núcleos habitacionales
transitorios (N.H.T.).

2003

Ley 1.251

Modificó la Comisión
Municipal de la Vivienda

Creandose el Instituto de
Vivienda de la Ciudad (I.V.C.)

"
planificar la urbanización de villas,
asentamientos y núcleos habitacionales
transitorios, implementando acciones
tendientes al cumplimiento del artículo
31 de la Constitución de la Ciudad
Autónoma de Buenos Aires.
"

2008

Ley nacional 26.532

Administración de Infraestructuras
ferroviarias, a cargo de la secretaria de
transporte, dependiente del Ministerio
de Planificación Federal Inversión
Pública y Servicio de la Nación.

Jorge Alberto Telerman
(2006 - 2007)

FPV

Néstor Kirchner
(2003- 2007)

Mauricio Macri
(2007 - 2015)

FPV

Cristina Fernández de Kirchner
(2007- 2011 / 2011-2015)

47,3
%

de pobreza

1989/90

Record Inflation

Carlos Grosso
(1989 - 1992)

5000
%

de inflación

Crisis económica argentina.

Ministro de Economía
Domingo Cavallo

Saúl Bouer
(1992 - 1994)

Jorge Domínguez
(1994 - 1996)

Fernando de la Rúa
(1996 - 1999)

ALIANZA

Fernando de la Rúa
(1999 - 2001)

Enrique José Olivera
(1999 - 2000)

Adolfo Rodríguez Saá
(2001 - 2001)

Eduardo Duhalde
(2002 - 2003)

Aníbal Ibarra
(2000 - 2006)

DERECHOS DEL HOMBRE (ART. 25.1); DECLARACIÓN AMERICANA
DE LOS DERECHOS DEL HOMBRE (ART. 1); CONVENCIÓN DE LOS DERECHOS DEL NIÑO (ART. 27);
DECLARACIÓN AMERICANA DE LOS DERECHOS DEL HOMBRE (ART. 1); CONVENCIÓN PARA
ELERMINACIÓN DE LA DISCRIMINACIÓN RACIAL (ART. 5); CONVENCIÓN PARA
ELERMINACIÓN CONTRA LA MUJER (ART. 14); CONVENCIÓN
DE LOS DERECHOS ECONÓMICOS, SOCIALES Y CULTURALES DE
LAS NACIONES UNIDAS.





Perante um espectro de acção tão alargado e complexo, que tipo de intervenções poderão ter impacto real vida das pessoas que habitam em condições de precariedade?

É certo que a resposta a necessidades de saneamento, luz e água representarão sempre o *grau-zero* de insuficiências a necessitar de resposta. Mas também aqui se revela a autonomia das pessoas que por si mesmas (através do desvio ilegal da rede de abastecimento municipal) vão garantindo a subsistência - ainda que precária - a esse nível.²⁵

Os problemas do acesso aos centros urbanos – escolas, hospitais, locais de trabalho – por constituírem um campo de intervenção que ultrapassa as possibilidades da acção autónoma popular, são entendido como sendo da responsabilidade da Faculdade de Arquitectura.

O projecto para uma ponte pedonal realizado pelo *Taller Libre de Proyecto Social* em 2013 representa a possibilidade de intervenção concreta, a partir de uma base de trabalho colaborativa, capaz de solucionar um problema concreto.

A proposta procura num gesto aliviar algumas das problemáticas identificadas: para além da construção de uma ponte pedonal em dois tramos, propôs-se a abertura de uma rua pedonal perpendicular à mesma, iluminada, bem como rede de saneamento e água, parque de estacionamento e acesso de veículos, assim como a criação de espaços urbanos polivalentes, albergando um centro comunitário.

v. 'Linha do tempo',
Taller Libre de Proyecto Social, 2016

vi. Trabalho de campo. Villa 31, Taller
Libre de Proyecto Social 2016

vii. Projecto para ponte pedonal. Taller
Libre de Proyecto Social. 2013

25 Desde o seu aparecimento que a *Villa 31* contava com apenas dois acessos à cidade, obrigando os moradores a grandes deslocações, se instalados num dos extremos opostos. Apesar de se encontrar a apenas 250 metros numa das principais avenidas da cidade (Av. del Libertador), os habitantes do bairro viam-se obrigados a percorrer a pé até 1500 metros de forma a chegar à cidade 'formal'. A outra opção obrigava ao cruzamento das vias ferroviárias. Sendo que cerca de 2000 habitantes percorrem diariamente este trajecto (TPLS, 2014), são muitos os acidentes contabilizados, muitos deles com desfecho fatal. Esta circunstância pressionava um grande número de pessoas a cruzar uma via automóvel nos seus trajectos diários, colocando a sua vida em risco.

.viii







*The true significance of participation lies in its effects on the participants, not on architecture.*²⁶

*Mas se é fatal a participação de todos os homens na organização do espaço, tal participação só conduzirá à harmonia na medida em que ela se transforme em colaboração e colaborar significa agir em comum, com uma mesma intenção, com um mesmo sonho.*²⁷

A distinção entre participação e colaboração clarifica de que forma a ambição de contribuir para a melhoria das condições sociais se pode tornar consequente. Colaboração relembra a necessidade de partilha de conhecimentos, no fundo, a troca de utensílios de trabalho capazes de estabelecer objectivos e prioridades comuns. Só assim, num processo assente em variáveis verificáveis no terreno, será possível a partilha de responsabilidades no sentido da concretização dos objectivos.

Perante a opacidade da realidade e a complexidade das cidades actuais, o espectro de acção reduzido do profissional de arquitectura limita a possibilidade de integração das variáveis que a noção de colaboração introduz no processo de projecto.

A possibilidade de articulação entre a formação académica do profissional de arquitectura e a realidade revela-se como o meio mais eficaz no sentido de compensar o desajuste entre a conceptualização disciplinar e a complexidade das problemáticas sociais a requerer solução.

A *cidade como educação* – tal como proposto por Richard Hatch²⁸ – ao integrar-se no processo de formação académica prepara acção do projecto a partir de uma base de trabalho alargada, antecipando a oportunidade de que a Arquitectura reclame o seu espaço como mediadora entre as várias instituições da sociedade.

Compreender as dinâmicas de apropriação colectiva dos espaços – onde contexto da informalidade desempenha um papel pedagógico particular, pela força dos exemplos – revela-se essencial para a definição de prioridades e objectivos comuns.

ix. Campo de jogos, Villa 31

26 HATCH, C. Richard; *'The Scope of Social Architecture'*. New York : Van Nostrand Reinhold, (p.8).

27 TÁVORA, Fernando; *'Da Organização do Espaço'* (1962); pref. Nuno Portas - 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996 (p.20).

28 HATCH, C. Richard; *idem*, *ibidem*.

Através da construção de um processo crítico de interpretação do quotidiano para a construção de uma base de trabalho assente na colaboração é possível intervir a partir *do que sabe sobre a vida*²⁹:

*Rekindling the desire for architecture and for the city is the task that social architecture sets for itself. Through the production of architecture, it tests new roles, restores old needs, and produces new ones. The making of architecture is grasped as an opportunity to help users reflect on their roles, on themselves and on their very power of reflection. At its best, social architecture aims to create and develop critical consciousness.*³⁰

29 'Architecture today must reveal its content precisely and without rhetoric. What we need now is architecture degree zero – a radical functionalism that refuses to hide – not in the name of formal order and not for beauty's sake – what it knows about life.' in HATCH, C. Richard; idem (p.9).

30 HATCH, C. Richard; idem. A partir de Paulo Freire in 'Education as the practice of Freedom' (p.7).

La Paz, Bolívia. Janeiro 2016









Rio Amazonas 2016
Machu Picchu 2016



Colômbia 2016



**The real home of man is not his house
but the road. Life itself is a travel that
has to be done by foot.**

Bruce Chatwin. What Am I Doing Here?

I discover, and I am what I discover.

Sverre Fehn. Viagem a Marrocos.



'Boîte-en-valise'.
Marcel Duchamp. 1935–1941.







A bagagem do viajante.

Ao longo destas páginas tratou-se de colocar *diante dos olhos*¹ as circunstâncias extremadas – pela distância, pelo tempo, pelo isolamento e pelo confronto constante entre realidades opostas – que suportaram os catorze meses *ao largo do eu*, responsáveis por filtrar o relativo do essencial das ideias. A bagagem do viajante é feita de vivências, ordenada entre a razão e a intuição, mas sempre conformada pela inevitabilidade da arrumação: *o que se deixa ficar e o que se decide trazer*.²

Neste processo, a *distância* é factor determinante para um raciocínio capaz de problematizar. Como seria poder realmente construir um processo criativo capaz de ultrapassar a perspectiva limitada dos autores? Isto é, como armar um processo criativo assertivo na síntese entre a conceptualização e a realidade quotidiana, num gesto conciliador simultaneamente representativo da imaginação própria – *autêntico* – e afirmativo na relação com *o outro*?

Talvez seja esse o derradeiro motivo de qualquer *viagem*, especialmente as que se admite prolongar: procurar distância. Mais do que a procura de coisas novas, o percurso de *auto-reconhecimento* nas coisas que se encontram; definitivamente, o vislumbre dos limites do *eu*, no *outro*.³ E a Arquitectura é também a *voz do Outro*.⁴

O carácter contrastante e instável da América Latina – onde nada existe sem o seu oposto – obriga a um posicionamento claro perante a realidade, relembrando que para intervir com responsabilidade sobre a mesma é necessário primeiro conhecê-la, e conhecê-la *tão intensamente que conhecer e ser se confundem*.⁵ A capacidade de observação crítica sobre o(s) quotidiano(s) – que a *viagem* ensina – surge como instrumento fundamental para a formação de um processo criativo capaz de se informar pelo seu contexto sócio-cultural e geográfico.

O lugar da viagem

Páginas anteriores: objectos de viagem

1 'Quando às vezes ponho diante dos olhos...' Assim começa Fernão Mendes Pinto o seu relato peregrino. PINTO, Fernão Mendes; *Peregrinação*. (1509-1583). Transcrição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983 (p.13).

2 Subtítulo como referência ao livro homónimo de José Saramago. SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*, Lisboa : Carlos & Reis, Lda, 1973.

3 '(...) is not a journey of discovery to find new things. You recognize.' in FEHN, Sverre. *Moroccan Primitive Architecture* (1952). Disponível em: <http://www.architecturenorway.no/stories/other-stories/fehn-morocco-2009/> Publicado a 5 de Setembro de 2009.

4 'Being determined by a physical or material language, architecture is the voice of Other' in CHIPPERFIELD, David; *Theoretical practice: the position of ideology*; introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994 (p.17).

5 TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço* (1962); pref. Nuno Portas - 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996 (p.74).

O lugar das ideias

Os momentos de projecto aqui representados, pelas diferenças fundamentais quanto ao processo experimentado, delimitam uma amostra alargada do espaço de intervenção dentro do ofício da arquitectura.

Da *Escuela de los Grandes Espejos* ensaiou-se um processo afecto às questões do lugar como impulsionador da organização do espaço à altura das vicissitudes quotidianas; do estúdio *Andrés Remy Arq't's* experimentou-se a realidade do ambiente profissional na sua vertente mais abstracta, pela distanciamento entre o projectista e o sítio, cliente e futuros moradores; no tempo investido no *Barrio Carlos Mugica* enfrentou-se a realidade de escassez e o quotidiano reivindicativo na *luta por um lugar* duplamente material e socio-cultural.

Se, por um lado, a investigação desenvolvida através da *Escuela de los Grandes Espejos* procura assumir-se como oposição à oferta dos modelos de habitação do mercado imobiliário, é a perspectiva crítica nesse contexto ensaiada que permite a reinterpretação dos elementos do projecto para *Abu Dhabi*, aproximando-nos de uma solução conciliadora entre os objectivos do cliente e de uma organização espacial potenciadora das actividades quotidianas dos moradores.

Deste confronto entre uma abordagem regionalista ao projecto, e a prática acultural resulta a reflexão sobre como se pode realmente pensar a habitação de forma *intercultural*. Isto é, no contexto da prática profissional de alcance internacional (promovendo a normalização dos modelos tipológicos), como identificar os elementos fundamentais para uma arquitectura ajustada às necessidades das pessoas, e aos lugares onde intervem.

No confronto entre a experiência na *Villa 31* e o processo de projecto para a torre de *Abu Dhabi* estão em causa dois processos antagónicos: o primeiro, em regime participado, onde o projectista é convocado ou reivindica autoridade para identificar as deficiências infraestruturais e/ou sociais, partindo daí para determinar as possibilidades de intervenção; e um outro, onde o arquitecto-*designer* é contratado para materializar um programa pré-determinado por uma agência de promotores imobiliários, de forma a atingir as metas do investidor. Na primeira, o programa é inexistente e tem que ser construído e negociado, no segundo, é solicitado que se materialize a encomenda, de forma eficiente e rentável.

As relações que se foram estabelecendo entre as várias estâncias, ao longo desta jornada, informam-nos agora por cumplicidade ou contraste, constituem a identificação de *ferramentas teórico-prática* no sentido da construção de uma *atitude crítica* de responsabilidade social através do projecto de arquitectura.

A theory is exactly like a box of tools. It has nothing to do with the signifier. It must be useful. It must function and not for itself.

Gilles Deleuze. A conversation between Michel Foucault and Gilles Deleuze.

O lugar da ideologia

Neste sentido, não por acaso termina Fernando Távora o seu ensaio *Da organização do Espaço*, reflectindo sobre a posição do arquitecto. Não será esta uma preocupação fundamental para qualquer *indivíduo-criador* – melhor dito –, para qualquer *indivíduo* que se proponha a colaborar na criação de circunstância positiva, perante as circunstâncias?

*(...) projectar, planejar, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância.*⁶

Se se pretende desenvolver uma abordagem prática capaz de problematizar a realidade, perante as mais variadas situações, essa deverá ser capaz de ultrapassar a opacidade da moral e da ideologia, assentando nos valores do quotidiano como informante directo entre o *necessário e o possível*.

Neste sentido, inerente à procura pela *forma justa* na organização do espaço será necessário relembrar a perspectiva conciliadora que o processo de arquitectura pressupõe. Reconhecê-lo significa atribuir ao *profissional organizador do espaço* (TÁVORA, 1962) a responsabilidade de ‘*profissional potenciador*’ das acções do quotidiano, para a criação de um elo vital entre as pessoas e os lugares onde habitam para a construção de um *lugar de autenticidade*:

*In taking charge of the reshaping of their craft and their invention against new constraints and new uncertainties, architects have therefore to avoid the pretensions to ideology and morality which have guided those of an earlier generation. To start at the base point, to make a place of authenticity (...) is ‘to make the everyday special’.*⁷

É necessário portanto saber reconhecer a presença destes limites como parte do ofício, na procura de ideias para a resolução de problemas do quotidiano. Uma abordagem deste tipo não significa a recusa da importância da conceptualização teórica entendida como mecanismo de fabricação das ideias, mas antes a perspectiva de que apenas no cruzamento com as questões práticas do quotidiano se poderá atribuir às ideias em Arquitectura o seu carácter pleno.

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ CHIPPERFIELD, David; ‘*Theoretical practice*’, introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994 (p.19).

en la lucha de clases
todas las armas son
buenas
piedras,
noches,
poemas

Paulo Leminski. Toda poesia.

Take the word 'butterfly'. There is
the word 'butterfly' and butterflies.
If you confuse both itens people
have the right to laugh at you. (...)
The word butterfly is merely data.
(...) Speak the words with the exact
precision with which you would
check a laundry list. (...)

Leonard Cohen. How to speak poetry.

O lugar da poesia

Através deste prisma, na procura pela *autenticidade* admitir-se-á que as questões banais assumam carácter decisivo, que os temas limítrofes ocupem espaço central, se necessário, para a afirmação de um processo de trabalho nascido da heterogeneidade, capaz de operar para além da qualidade estética dos objectos, *mas sobre a qualidade estética da vida em si mesma*.⁸ Por outras palavras, se através da Arquitectura se pretende enfrentar a realidade com uma visão motivadora, essa deverá ser construída a partir do seu potencial inerente: *a poética assente na realidade material do quotidiano*.⁹ E com ela a ambiguidade, imprevisibilidade, contradição e complexidade, reclamados como instrumentos de trabalho.

Mas na vida é forçoso encontrar um [...] modo subtil de transferir a confusão e a violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. E perante esta urgência constante de arrumação, no exercício do ofício, é necessário questionar continuamente a nossa relação com o plano da realidade – *do discurso* – sob pena de sobre ela se intervir de forma desajustada.¹⁰

A procura pela concretização do *acto poético* pertence à procura por esse lugar de autenticidade, ancorado no plano do dia-a-dia, aí encontrando pertinência e dimensão. O acto poético entendido como *o empenho total do ser para a sua revelação*¹¹ e da revelação do desejo colectivo, que em muito ultrapassará a Arquitectura, mas que dela fará parte. Deveras, a reivindicação da condição de *soldado-poeta*¹², também ele *Homem entre os Homens* (TÁVORA, 1962), simultaneamente numa ocupação submetida às leis da gravidade e dos costumes, e outra desprendida disso, *ousando amar o que outros nem sequer são capazes de imaginar*.¹³

Finalmente, mesmo que se deixem mais perguntas que respostas, também esse processo fará parte da arquitectura, se ao serviço da compreensão da realidade. Que perante a pergunta – *‘o que é arquitectura?’* – se reconheça em si mesmo na pergunta – *‘o que é?’* –, Arquitectura.

8 ‘These are difficult times. They demand architects grounded in history, technically prepared to build and allied to those who need them most. This is the continuing path of social architecture, and if we trace it assiduously, it will lead us to that world where aesthetic is not the quality of isolated objects, but of life itself’ in HATCH, C. Richard; ‘The Scope of Social Architecture’ .New York : Van Nostrand Reinhold (p.10).

9 CHIPPERFIELD, David; ‘Theoretical practice’; introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994 (p.23).

10 HÉLDER, Herberto; ‘Os Passos em Volta’; Lisboa: Assírio & Alvim, 2015 (pp. 9-11).

11 ANDRADE, Eugénio de. ‘Rosto Precário’ (1979); Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

12 ‘Temos de ser soldados e poetas. Camões andou nisso. Conseguir juntar a guerra, que é a ocupação de lugar, e a poesia que é um fazer como tivéssemos desprendidos disso’ in DA SILVA, Agostinho; ‘Conversas Vadias’ (1990); entrevista com Joaquim Letria. Disponível em: www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p17695.

13 ANDRADE, Eugénio de; Idem.





Imaginad un viaje fluvial.
El barquero, de la naciente al estuario,
sigue el flujo de las aguas.
¿Este viaje comienza? ¿Termina?
El barquero encuentra que así es y así ve:
y en verdad hay una faz del viaje donde
el comienzo y el fin existen,
donde existe una lectura o ejecución
del viaje. Hay una faz del viaje donde
pasado y futuro son reales; y otra,
no menos real y más huidiza, donde el
viaje, el barco, el barquero, el río
y la extensión del río se confunden.
Los remos de la barca hienden
de una vez toda la longitud del río;
y el viajero para siempre y desde siempre,
inicia, realiza y concluye el viaje,
de tal modo que la partida
en la cabecera del río no antecede
a la llegada a su desembocadura.

Osman Lins. Avalovara.

Rio Amazonas, 2016

Bibliografia.

- BOHR, Marco. *New forms of collective housing in europe*’ Basel: Birkhäuser, 2002.
- CALVINO, Italo; *‘Palomar’* (1987), trad. João Reis; Lisboa: Teorema, 2002.
- CARLI, César Luís (1980) *‘8º Grados al Sur del Tropicó de Capricornio’*, Santiago del Estero 510, Cap. Fed. Argentina, Sainte Claire Editora S.R.L.
- CARLI, César Luís (1990) *‘Los Tiempos, los Patios y las Casas’*, Santa Fe, Argentina: Fundación BICA, Universidad Nacional del Litoral y Colegio de Arqt^{os}. de la Provincia de Santa Fe.
- CARLI, César Luís, (2002) *‘Breves Apuntes para una Rebelión’*, Santa Fe, Argentina: Editorial Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional del Litoral.
- CARLI, César Luís; *‘Los Mástiles’* (1966), Santa Fe, Universidad Nacional del Litoral, Departamento
- CARLI, César Luís; *‘Los tiempos, los patios y las casas’*, Santa Fe: Fundación Banco Bica, 1990
- CARLI, César Luís; *‘Una Teoría que nació del Hombre y su Tierra’* Santa Fe (Rep. Argentina): Impresos SA, 2010
- CHATWIN, Bruce; *‘What Am I Doing Here?’* (1989). New York: Penguin Books, 1990.
- CHIPPERFIELD, David; *‘Theoretical practice’*; introd. Joseph Rykwert. Londres; Artemis, 1994.
- COLOMINA, Beatriz; *‘Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media’*, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1962) *‘Da Função Social do Arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada’*. Porto: E.S.B.A.P. – Arquitectura., 1985.
- GRASSI, Giorgio; *‘Cuestiones de proyecto’* (1983), in *‘Arquitectura lengua muerta y otros escritos’*, prol. Carlos Martí Arís; Barcelona: Serbal, 2003.
- HABERMAS, Jürgen; *‘Técnica e ciência como ideologia’*, Lisboa: Edições 70
- HABRAKEN, John; *‘You can’t Design the Ordinary’*, Architectural Design, 1971.
- HATCH, C. Richard; *‘The Scope of Social Architecture’*. New York: Van Nostrand Reinhold,
- HEIDEGGER, Martin; *‘A Origem da obra de arte’*, (trad. Maria da Conceição Costa), Lisboa, Edições 70, 1991.
- KHAN, Louis I.; *‘The Invisible City’*, International Design Conference, Aspen, Colorado, 19 June 1972. In *What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn*, ed. Richard Saul Wurman (New York: Rizzoli International Publications), 1986.
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce (1995) *‘S,M,L,XL’*. O.M.A., The Monacelli Press.
- LACATON & VASSAL; *‘Horizonte post-mediático Lacaton & Vassal 1993-2015’*, El Croquis nº177/178. Madrid: El Croquis, 2015.
- LEFEBVRE, Henry; *‘Critique of Everyday Life’*, (1947) trad. John Moore. Vol. 1. London: Verso, 1991
- LINS, Osman; *‘Avalovara’* in CORTÁZAR, Julio. DUNLOP, Carol; *‘Los astronautas de la cosmopista o un viaje atemporal París-Marsella’* (1983). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Alfaguara, 2007.
- LOOS, Adolf; *‘Ornamento e Crime’*; trad. Lino Marques Lisboa: Edições Cotovia, 2004
- MCLUHAN, Marshall; *‘Understanding Media: The Extensions of Man’*. (1964) W. Terrence Gordon.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (2000) *‘Architecture: presence, language, place’* - Milano: Skira
- PINTO, Fernão Mendes; *‘Peregrinação’* (1509-1583). Transcrição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- ROSSI, Aldo (2001 orig. 1966) *‘A Arquitectura da Cidade’*, Tradução de José Chartes Monteiro, Lisboa: Edições Cosmos.
- ROWE, Colin; KOETHER, Fred (2003) *‘Collage City’*; trad. Kenneth Hylton: inFolio
- SEJIMA, Kazuyo; NISHIZAWA, Ryue (SANAA); *‘Topologia arquitectónica’*, SANAA 2004-2008’ El Croquis nº139. Madrid: El Croquis, 2008.
- SIZA VIEIRA, Álvaro; *‘01 textos: oito pontos’*. Editor Carlos Campos Morais. Porto: Civilização ed., 2009.
- SIZA, Álvaro (1988) *‘Esquissos de viagem/Travel sketches’*, Documentos de Arquitectura.
- SOUTO DE MOURA, Eduardo; in *Santa Maria do Bouro: construir uma pousada com as pedras de um mosteiro*; (textos de Juan Hernández León, Roberto Collovà, Luís Fontes; fot. de Rui Morais de Sousa). Lisboa, White & Blue, 2001.
- STEELE, James (1998) *‘The Architecture of Rasem Badran - Narratives on People and Place’*, Thames & Hudson, 2005.
- TÁVORA, Fernando; *‘Diário de Bordo’*. Porto, Associação Casa da Cultura 2012.
- TÁVORA, Fernando; *‘Da Organização do Espaço’* (1962); pref. Nuno Portas - 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996
- TSCHUMI, Bernard (1976-1977) *‘Architecture and Limits, Advertisements for Architecture’*, Bernard Tschumi Architects.
- TSCHUMI, Bernard; *‘Architecture and disjunction’*; 1st Cambridge Mass: The MIT Press, 1996.
- TURNER, John F. C.; *‘Housing by People: towards autonomy in building environments’*; introd. Colin Ward. New York: Marion Boyars, 1991
- VENTURI, Robert (1ª ed. 1966) *‘Complexity and Contradiction in Architecture’*. New York: M.O.M.A. 2002.
- ZUMTHOR, Peter; (1998) *‘Thinking Architecture’*, Basel: Birkhauser, 1998.
- ZUMTHOR, Peter; (1986) *‘Atmosferas: as coisas que me rodeiam’*, trad. Astrid Grabow, Barcelona, Gustavo Gili. (New York: Rizzoli International Publications), 2006.

Webgrafia.

- ‘Urbanización: cuánto cuesta una casa en la Villa 31’; diariopopular.com.ar. Disponível em: www.diariopopular.com.ar/general/urbanizacion-cuanto-cuesta-una-casa-la-villa-31-n204734. Publicado a 1 de Outubro de 2014.
- COHEN, Leonard; ‘How to speak poetry’. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=r2Xk-fBWSmcs. Publicado em 6 de Março 2010.
- DA SILVA, Agostinho; ‘Conversas Vadias’ (1990); entrevista com Joaquim Letria. Disponível em: www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p17695.
- DELEUZE, Gilles; ‘Intellectuals and power: A conversation between Michel Foucault and Gilles Deleuze’. Disponível em: libcom.org/library/intellectuals-power-a-conversation-between-michel-foucault-and-gilles-deleuze. Publicado em 9 de Setembro 2006.
- ELEMENTAL. Disponível em: www.elementalchile.cl/projects/constitucion-i-villa-verde.
- FEHN, Sverre. ‘Moroccan Primitive Architecture: Sverre Fehn’s essay from 1952’. Disponível em: www.architecturenorway.no. Publicado a 5 de Setembro de 2009.
- FRAMPTON, Kenneth; ‘Interview with Kenneth Frampton on Alvar Aalto’. Vitra Design Museum. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=SmBi_T-3ZAA. Publicado a 5 de outubro de 2015.
- KANENGUISER, Martín; ‘La inflación superó el 40% en el último año’; Lanacion.com.ar. Disponível em: www.lanacion.com.ar/1906277-la-inflacion-supero-el-40-en-el-ultimo-ano. Publicado a 6 de Junho de 2016.
- SIMONE, Nina; ‘Great Performances - Live College Concerts & Interview: An Artist’s Duty’. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=99V0mMNf5fo. Publicado a 30 de Março de 2013.

Nascer do sol no Vale da Utopia.
Brasil, Fevereiro 2016



